

Exclusivo: Conto Vencedor do Concurso 'Turno da Noite'

# MEGALON

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

ANO XIII

NÚMERO 62

SETEMBRO 2001



ROGÉRIO FRANCO





Em 10 anos de existência do PRÊMIO NOVA, 7 vezes premiado "melhor fanzine".

### MEGALON

ficção científica & horror

Uma publicação independente e não-profissional ligada à Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF). Tem por objetivos divulgar e desenvolver a ficção científica, horror e fantasia do Brasil. Aceitamos colaborações que ficam sob análise do editor. Os trabalhos publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem jus a qualquer tipo de remuneração. Os direitos autorais permanecem com os autores e os conceitos por eles emitidos não refletem, necessariamente, os do editor.

Ano XIII Número 62  
Setembro 2001

#### Editor

Marcello Simão Branco

#### Fundadores

Renato Rosatti

Marcello Simão Branco

#### Colunistas

Cesar Silva

Gerson Lodi-Ribeiro

#### ENDEREÇO

Av. Clara Mantelli, 110  
04771-180 São Paulo, SP  
BRASIL

E-mail: msbranco@uol.com.br

#### ASSINATURAS

Exemplar avulso por R\$ 4,50  
Quatro edições (anual)  
por R\$ 17,00

Cheque em nome de  
Marcello Simão Branco.

Edição concluída em  
3 de setembro de 2001.

# Índice

## ficção

- Eu Amo Minha Mulher, Carlos Orsi Martinho 16
- Lamentações de Jeremias, Lúcio Manfredi 24
- Os Replicadores, Jorge Luiz Calife 26

## artigo

- Fissura em Coração de Acrílico, Roberto de Sousa Causo 11

## seções

- Diário do Fandom 4
  - \* especial Poul Anderson 7
- Publicações Recebidas 8
- Entrevista
  - \* Carla Cristina Pereira, por Marcello S. Branco 9
- Terras Alternativas – Gerson Lodi-Ribeiro
  - \* Ensaaios Alternativos III:  
Pseudofactuais Modernos 33
- Arte Fantástica Brasileira – Cesar Silva
  - \* É Preciso Repensar os Fanzines 36
- Correio Cósmico
  - \* Gerson Lodi-Ribeiro, Cesar Silva 38
  - \* Marco Bourguignon, Eduardo Torres 39
  - \* Alexandre Yudenitsch 39

## ilustrações

- Edgar Franco (baseada em "Eu Amo Minha Mulher") capa
- Cesar Silva 32
- Foto de Poul Anderson (fonte: *Starlog* 200,3/1994) 7
- José Carlos Neves 25 e 35
- Luiz Zatar 19
- Marc contracapa
- Roberto de Sousa Causo 15

"Todas as histórias de horror podem ser divididas em dois grupos: aquelas em que o horror resulta de um ato de vontade própria e consciente – uma decisão consciente de fazer o mal – e aquelas nas quais o horror é predestinado, vindo de fora. Como um súbito relâmpago."

– Stephen King, escritor americano.

"A Ficção Científica é um ramo da fantasia identificável pelo fato de que facilita a deliberada 'suspensão de incredulidade' por parte dos leitores, pela utilização de uma atmosfera de credulidade científica para especulações imaginativas sobre física, espaço, tempo, sociologia e filosofia."

– Sam Moskowitz, crítico americano (1920-1997).



# Editorial

## Uma Grande Oportunidade

A ficção científica brasileira vive um momento auspicioso com a publicação de duas revistas mensais voltadas prioritariamente à literatura. Desde o início dos anos 1990 com a *Isaac Asimov Magazine*, os contos não ganham um espaço favorável à divulgação e desenvolvimento do gênero no Brasil.

A *Quark* parece que finalmente acerta seu tortuoso rumo. De um fanzine com cara de revista mal feita, passou para uma revista de cinema e mídia, também sem alcançar uma identidade, para, agora, chegar ao formato *digest*, tão desejado desde o início pelo seu *publisher* e criador, o Marcelo Baldini. A revista entrou nesta nova fase, reforçada pela presença competente de Roberto de Sousa Causo, como seu editor literário. Não tenho conhecimento da tiragem da revista e de seu esquema de distribuição, mas se mantiver a média de cinco contos por edição, merece os plenos aplausos de todos os fãs que têm lutado por uma publicação deste perfil nas bancas de jornais.

A segunda revista é totalmente nova. Chama-se, *Sci Fi News Contos* e é uma aposta da editora MeiaSete. Já estabelecida no mercado como publicadora de revistas tais como *Sci Fi News* e *Sci Fi Cinema*, ela chega agora com este novo título, investindo no seguimento literário para diversificar seu público e se consolidar com mais um título no mercado editorial de bancas. O editor é também alguém militante do fandom, o especialista em *Guerra nas Estrelas*, Fábio Barreto. O primeiro número trouxe uma ficção inédita e outra *fanfic*, baseada em *Arquivo X*. A proposta é publicar mensalmente, dois contos originais e um *fanfic*. A revista parece cortejar de forma mais ativa seu público já cativo para a seara da literatura, como uma forma menos arriscada de investir um produto no mercado. Resta torcer para que esta estratégia seja exitosa. Especialmente porque a publicação tem uma tiragem de 30 mil exemplares e distribuição nacional — o que a coloca em pé de igualdade com o alcance que tinha a *Isaac Asimov Magazine*.

Mas, afinal o que fez que duas editoras resolvessem arriscar uma boa soma de dinheiro num negócio sabidamente arriscado e incerto? Há vários anos que fãs e editores de nossa FC tem tentado junto à várias editoras contatos e apresentação de projetos para a publicação de revistas com este perfil. Os resultados foram pífios e frustrantes, como bem sabemos. E eis que, agora, editoras sem vínculo direto com o movimento em torno da ficção científica brasileira empreendem-se numa nova empreitada.

Acredito que estas novas iniciativas sejam ressonâncias da reação do fandom brasileiro destes últimos quatro anos, em virtude do desaparecimento prático da publicação de livros de ficção científica no Brasil. De tanto procurarmos as editoras, trabalharmos em alguns projetos que não foram para a frente — mas que nos divulgaram e formaram um currículo —, criarmos uma editora para publicar ficção científica, acabamos divulgando o gênero se não para um grande público, ao menos junto a empresários e editores que resolveram investir nesta nova e dupla empreitada. Sintomático disto é que ambas as editoras procuraram no fandom as pessoas para dirigir e coordenar estas novas publicações. Neste sentido a presença do Clube de Leitores de Ficção Científica em sua polêmica parceria com a MeiaSete, lhe dá um novo vigor e o traz de volta a um destaque que havia perdido nestes últimos anos.

Os dois anos e pouco de publicação da *Isaac Asimov Magazine*, pela editora Record, significaram um salto de desenvolvimento e maturidade de uma comunidade que existia apenas no restrito ambiente dos fanzines. Nunca mais a comunidade foi a mesma. Inclusive, muito das cisões e disputas de poder dentro do próprio Clube de Leitores de Ficção Científica, adviram desta maior consciência crítica e postura profissionalizante das vozes mais atuantes do gênero. Ao *boom*, seguiu-se uma retração e mesmo depressão violenta com o fim da *IAM*. Mas os fãs, editores e escritores nunca mais foram os mesmos. Sentiram o gostinho de atingirem um grande público, terem seu trabalho publicado de forma oficial, competirem e aprimorarem seus escritos para um ambiente profissional e não apenas amador.

O que se avizinha no momento que duas (!) revistas resolvem publicar contos em bancas de jornais é a perspectiva de um novo salto de qualidade na ficção científica brasileira, na progressiva profissionalização de membros combativos e talentosos saídos do fandom, e a inauguração prática do gênero no Brasil no século XXI. Especulando um pouco, se é dito por um ou outro que a chamada Geração Fandom (Segunda Onda da FCB) já feneceu, o momento de surgimento de uma nova Onda é este com a tomada de posição profissional dos fãs em publicar FC para o grande público.

É imperioso que saibamos aproveitar esta *grande* oportunidade para consolidar um espaço comercialmente vendável e profissionalmente prestigioso para a ficção científica brasileira, ainda que esteja claro, que tudo dependerá das vendas e de decisões comerciais das quais não somos os protagonistas. Mesmo assim, na parte de *conteúdo* que nos cabe, façamos o melhor, à margem de intrigas e mesquinhas alheias aos nossos objetivos, para levarmos adiante a tarefa histórica de inserir a ficção científica brasileira fora dos seus guetos, para a sociedade em geral, para um novo *status*: popular e com qualidade.

— Marcello Simão Branco



# Diário do Fandom

## nacional

□ **Jorge Amado** — Apesar de amplamente noticiada no Brasil e no exterior, não poderia deixar de registrar a morte do mais popular escritor brasileiro do século XX, dia 6 de agosto. Mas não apenas por isso, mas sim porque o autor baiano incursionou no fantástico em algumas de suas mais expressivas realizações. Nascido em 10 de agosto de 1912, foi traduzido em 30 línguas diferentes e concorreu algumas vezes ao Prêmio Nobel de Literatura. Se, convenhamos, não era para tanto, Amado era um bom escritor, sem ser brilhante. Trabalhou como poucos questões da cultura popular baiana e brasileira, com personagens críveis e antológicos, além de histórias com forte crítica social (era comunista) e uma certa criação fantástica. Marcam esta vertente o romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e o conto “Quincas Berro D’água”, entre outros. É o escritor brasileiro mais adaptado para o cinema e a TV, algumas das quais ótimas realizações, como a novela *Gabriela*, a minissérie *Tenda dos Milagres* e o filme *Dona Flor e Seus Dois Maridos*.

□ **Prêmio Sbfaf 2001** — Foi entregue ao escritor Octavio Aragão, dia 25 de agosto na Comix Book Shop, em São Paulo. Ele recebeu o troféu estilizado com o símbolo da associação, pelo seu projeto *Intempol*, ainda em andamento. O evento começou ao meio dia, com a exibição do episódio “A Maleta Preta”, da série de TV, *Galeria do Terror* (1971). Depois Aragão contou a história da *Intempol* e seus próximos projetos, que inclui um RPG (em co-autoria com Fábio Fernandes) e um desenho animado. A seguir, os autores Carlos Orsi Martinho, Gerson Lodi-Ribeiro e Fábio Fernandes contaram sua participação no livro *Intempol*. Depois, Aragão recebeu seu prêmio das mãos de Cesar Silva e rolou um debate sobre as viagens no tempo em geral. No evento foi lançado também o número cinco da Coleção Terra Incógnita, da editora Ano-Luz, *A Revanche da Ampulheta*, de Fábio Fernandes, novela ambientada no universo da *Intempol*. Cerca de 20 pessoas apareceram por lá.

□ **Contos nas bancas** — O acontecimento mais importante do ano, é a chegada de duas novas revistas de contos de FC nas bancas de jornais, no mês de agosto. Primeiro a *Quark*, da MB Produções – que chegou a realizar uma festa de lançamento em São Paulo –, e a seguir a *Sci Fi News Contos*, da Meia Sete. Mais informações no “Editorial” e no “Publicações Recebidas”, desta edição.

□ **Filho pródigo** — Depois de uma década de ausência os rhodanianos podem comemorar: Está de volta ao Brasil a série de FC mais longa do mundo, *Perry Rhodan*. Uma vitória do Perry Rhodan Fã Clube do Brasil, que conseguiu através da editora SSPG, de Belo Horizonte, viabilizar a publicação. Mais informações no “Publicações Recebidas”.

□ **Concorrentes do Argos 2001** — Foram divulgadas as listas dos concorrentes ao Prêmio Argos 2001, organizado pelo Clube de Leitores de Ficção Científica.

**Melhor Ficção:** “A Seu Serviço, Senhor”, Mariana Albuquerque (*Lugar de Mulher É na Cozinha*, Writers); “A Conta, Por Favor”, Fábio Fernandes (*Interface com o Vampiro*, Writers); “Cozinhas São Brancas”, Fernanda Bohm (*Lugar de Mulher É na Cozinha*, Writers); “De Nenhuers a Algures, Agora Aguardando”, Ivan Carlos Regina (*Megalon* 57); “Rex Ex Machina”, Carlos Orsi Martinho (*O Mal de Um Homem*, Ano-Luz); “Um Diário dos Dias da Peste”, Fábio Fernandes (*Megalon* 56); “Em Camadas”, Fábio Fernandes, (*Interface com o Vampiro*, Writers); “Engrenagem Vulgar”, Carlos Orsi Martinho (*O Mal de Um Homem*, Ano-Luz); “A Estação da Onda”, Simone Saueressig (*Hiperespaço*); “Eu Matei Paolo Rossi”, Octavio Aragão (*Intempol*, Ano-Luz); “O Fantasma na Máquina”, Lúcio Manfredi (*O Fantasma na Máquina*, Ano-Luz); “Folha Imperial”, Ataíde Tartari (*Phantastica Brasileira*, Ano-Luz); “Ghazi”, Carlos Orsi Martinho (*Somnium*); *A Guerra dos Dinossauros*, Patati e Allan Alex (Escala); “Interface com o Vampiro”, Fábio Fernandes (*Interface com o*

*Vampiro*, Writers); “Limão Cravo, Laranja Azeda”, May Parreira e Ferreira (*Lugar de Mulher É na Cozinha*, Writers); “Longa Viagem Para Casa”, Carla Cristina Pereira (*A Viagem*, Simetria); “The Long Yesterday”, Osmarco Valladão (*Intempol*, Ano-Luz); “O Mal de Um Homem”, Carlos Orsi Martinho (*O Mal de Um Homem*, Ano-Luz); “Mao Yee”, Osmarco Valladão (*Antologia Quark*, Quark); “A Mortífera Maldição da Múmia”, Carlos Orsi Martinho (*Intempol*, Ano-Luz); “Museu de Velhas Novidades”, Octavio Aragão (*Intempol*, Ano-Luz); “M.U.A.”, Fábio Fernandes (*Interface com o Vampiro*, Writers); “O Ninho”, Simone Saueressig (*O Ninho*, Ano-Luz); “Nosso Destino”, Hidemberg Alves da Frota (*A Viagem*, Simetria); “Os Olhos de Quem Vê”, Octavio Aragão (*Megalon* 59); “Olhos Verdes”, Lúcio Manfredi (*O Fantasma na Máquina*, Ano-Luz); “A Parte Deles”, Roberto de Sousa Causo (*Megalon* 59); “A Partida”, Simone Saueressig (*O Ninho*, Ano-Luz); “A Passageira”, Simone Saueressig (*O Ninho*, Ano-Luz); “Pixel Pizza”, Gabriel Bozano (*Quark*); “O Planeta Vermelho”, Carlos Orsi Martinho (*O Mal de Um Homem*, Ano-Luz); “Primeiro de Abril”, Roberval Barcellos (*Phantastica Brasileira*, Ano-Luz); “Questão de Sobrevivência”, Carlos Orsi Martinho (*Megalon* 59); “Saviana”, Jorge Nunes (*Intempol*, Ano-Luz); *Síndrome de Quimera*, Max Mallmann (Rocco); “O Telepata Experiente no Reino do Impensável”, Jorge Candeias (*Somnium*); *Terra Verde*, Roberto de Sousa Causo (Cone Sul); “Trevo”, Octavio Aragão (*Phantastica Brasileira*, Ano-Luz); “Vá Atrás das Minhas Fezes”, Miguel Carqueija (*Juvenatrix*); “Vidinha Caseira”, Martha Argel (*Lugar de Mulher É na Cozinha*, Writers); “A Vingança da Ampulheta”, Fábio Fernandes (*Intempol*, Ano-Luz); “Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança”, Carla Cristina Pereira (*Phantastica Brasileira*, Ano-Luz).

**Melhor Publicação:** *Borduna & Feitiçaria*, Roberto de Sousa Causo, ed.; *O Cipreste Apaixonado*, Antônio de Macedo (Caminho); *Desmodus Rotundos*, Edmilson R. Correa, ed.;



*Diário de Bordo*, Ederli Fortunato e Christiano Nunes, eds. (Frota Estelar Brasil); *Gilvath*, Alvimar P. Anjos e Mozart Couto (Floss Editorial); *Hiperespaço*, Cesar Silva, ed.; *Himitsu* Rita Flores, ed.; *Intempol*, Octavio Aragão (Ano-Luz); *Interface com o Vampiro*, Fábio Fernandes (Writers); *Juvenatrix*, Renato Rosatti, ed.; *Megalon*, Marcello Simão Branco, ed.; *O Ninho*, Simone Saueressig (Ano-Luz); *Notícias do Fim do Nada*, Ruby Felisbino Medeiros, ed.; *Paradoxo*, Daniel Tércio (Simetria); *Quark*, Marcelo Baldini, ed.; *Quadrinhos Independentes*, Edgard Guimarães, ed.; *Sci-Fi News*, Paulo Gustavo Pereira, ed. (Meia Sete); *TrekkerCultura*, Susana Lopes de Alexandria, ed. (Frota Estelar Brasil); *A Viagem*, Antônio de Macedo e Silvana de Menezes, eds. (Simetria).

Foram, portanto, 43 indicações para ficção e 19 para publicações. Os votos serão recebidos até o dia 30 de setembro e só votam os sócios do CLFC, que estão recebendo uma cédula em anexo a esta edição. Os vencedores devem ser anunciados em outubro ou novembro deste ano.

□ **Mudanças** — A editora Ano-Luz muda o quadro de seus componentes. Saem Cesar Silva e Mário Mastrotti. Entram Octavio Aragão e Roberval Barcellos. Vale lembrar que outros componentes antigos como Adriana Simon e Daniela Bittencourt já haviam deixado a editora o ano passado. Dos sete integrantes originais, permanecem Carlos Orsi Martinho, Gerson Lodi-Ribeiro e Marcello Simão Branco. E a Ano-Luz muda seu endereço de São Caetano do Sul para o Rio de Janeiro. Novos projetos devem surgir, o mais próximo deles a antologia de sexo e FC, que deve ser publicada no início de 2002.

□ **Monstros** — Foi lançado o livro *Da Natureza dos Monstros*, do crítico de cinema Luiz Nazário. Traça uma cronologia dos filmes de horror e FC com monstros e faz uma análise baseada na filosofia de Jean-Paul Sartre. No mínimo, curioso: Custa R\$ 18,00. Editora Arte & Ciência, Rua 13 de Maio, 71, São Paulo – CEP 01327-000. E-mail: editora@arteciencia.com.br.

□ **Pesquisadora** — A acadêmica norte-americana Mary Elizabeth "Li-

bby" Ginway, da University of Florida, esteve em São Paulo entre 2 e 8 de julho, para continuar suas pesquisas sobre a FCB. Ela já havia se encontrado com fãs brasileiros em 2000.

□ **Brava Gente** — O fã e escritor Lúcio Manfredi roteirizou um episódio da série da Rede Globo de Televisão, *Brava Gente*. Foi no dia 19 de junho com o episódio "As Aventuras de Chico Norato Contra o Boto Vingativo", baseado livremente em lendas amazônicas e no conto "A Vingança do Boto", de Arthur Engrácio, o episódio foi o primeiro a misturar cenas com atores reais e seqüências em desenho animado. O resultado manteve o ótimo nível do seriado.

## internacional

□ **Prêmio Hugo 2001:**

**Romance:** *Harry Potter and the Goblet of Fire*, J.K. Rowling (Bloomsbury; Scholastic/Levine).

**Novela:** "The Ultimate Earth", Jack Williamson (*Analog* 12/2000).

**Novelista:** "Millennium Babies", Kristine Kathryn Rusch (*Asimov's* 1/2000).

**Conto:** "Different Kinds of Darkness", David Langford (*F&SF* 1/2000).

**Não-Ficção:** *Greetings from Earth: The Art of Bob Eggleton*, Bob Eggleton & Nigel Suckling (Paper Tiger).

**Filme:** *O Tigre e o Dragão* (*Crouching Tiger, Hidden Dragon*), dirigido por Ang Lee.

**Editor Profissional:** Gardner Dozois.

**Artista Profissional:** Bob Eggleton.

**Semi-Prozine:** *Locus*, ed. Charles N. Brown.

**Fanzine:** *File 770*, ed. Mike Glycer.

**Escritor-Fã:** Dave Langford.

**Artista-Fã:** Teddy Harvia.

□ **Prêmio John W. Campbell para Melhor Autor Novo:** Kristine Smith.

□ **Prêmio Hugo 1951 (retro-Hugos):**

**Romance:** *Farmer in the Sky*, Robert A. Heinlein (Scribner's).

**Novela:** "O Homem que Vendeu a Lua", Robert A. Heinlein (*O Homem que Vendeu a Lua*, Francisco Alves/Col. Mundos da FC no. 5)/"The Man Who Sold the Moon" (*The Man Who Sold the Moon*, Shasta Publishers).

**Novelista:** "A Maleta Preta", Cyril M. Kornbluth (em *A Sonda do Tempo*, Arthur C. Clarke, org/Nova Fronteira)/"The Little Black Bag" (*Astounding* 7/1950).

**Conto:** "To Serve Man", Damon Knight (*Galaxy* 11/1950).

**Filme:** *Destino Lua* (*Destination Moon*), George Pal.

**Editor Profissional:** John W. Campbell, Jr.

**Artista Profissional:** Frank Kelly Freas.

**Fanzine:** *Science Fiction News Letter*.

**Escritor-Fã:** Bob Silverberg.

**Artista-Fã:** Jack Gaughan.

□ **Prêmio Sidewise 2001:**

(prêmio internacional de História Alternativa).

**Ficção Longa:** *The Book of Ash*, Mary Gentle (Gollancz).

**Ficção Curta:** "Seventy-Two Letters", Ted Chiang, *Vanishing Acts* (Tor).

A brasileira Carla Cristina Pereira foi finalista desta categoria com seu conto "Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança". Leia entrevista com ela nesta edição.

□ **Prêmio Bram Stoker 2000:**

**Romance:** *The Traveling Vampire Show*, Richard Laymon (Cemetery Dance; Headline).

**Romance de Estréia:** *The Licking Valley Coon Hunters Club*, Brian A. Hopkins (Yard Dog Press).

**Ficção Longa:** *The Man on the Ceiling*, Steve Rasnic Tem & Melanie Tem (American Fantasy Press).

**Ficção Curta:** "Gone", Jack Ketchum (*October Dreams*).

**Coletânea:** *Magic Terror: Seven Tales*, Peter Straub (Random House).

**Antologia:** *The Year's Best Fantasy and Horror: Thirteenth Annual Collection*, Ellen Datlow & Terri Windling, eds. (St. Martin's).

**Não-Ficção:** *On Writing*, Stephen King (Scribner).

**Quadrinhos:** *The League of Extraordinary Gentlemen*, Alan Moore (American's Best Comics).

**Argumento:** *Shadow of the Vampire*, Steven Katz (Lions Gate Films).

**Infanto-Juvenil:** *The Power of Un*, Nancy Etchemendy (Cricket Press).

**Coletânea de Poesia:** *A Student of Hell*, Tom Piccirilli (Skull Job Productions).

**Internet:** *Chiaroscuro*, Patricia Lee Macomber, Steve Eller & Sandra



Kasturi (Brett A. Savory; <http://gothic.net/chiaroscuro/chizine/>)  
**Prêmio Especial para Editora:** Subterranean Press, William K. Schafer.  
**Conjunto da Obra:** Nigel Kneale.

#### □ Prêmio Locus 2001:

**Romance de FC:** *The Telling*, Ursula K. Le Guin (Harcourt).

**Romance de Fantasia:** *A Storm of Swords*, George R.R. Martin (Voyager; Bantam Spectra).

**Romance de Estréia:** *Mars Crossing*, Geoffrey A. Landis (Tor).

**Novela:** "Radiant Green Star", Lucius Shepard (*Asimov's* 8/2000).

**Novelista:** "The Birthday of the World", Ursula K. Le Guin (*F&SF* 6/2000).

**Conto:** "The Missing Mass", Larry Niven (*Analog* 12/2000).

**Antologia:** *The Year's Best Science Fiction: Seventeenth Annual Collection*, Gardner Dozois, ed. (St. Martin's)

**Coletânea:** *Tales of Old Earth*, Michael Swanwick (North Atlantic/Tachyon).

**Não-Ficção:** *On Writing*, Stephen King (Scribner).

**Livro de Arte:** *Spectrum 7: The Best in Contemporary Fantastic Art*, Cathy Fenner & Arnie Fenner, eds. (Underwood).

**Editora:** Tor.

**Revista:** *Asimov's*.

**Editor:** Gardner Dozois.

**Artista:** Bob Eggleton.

□ **Morre Fred Hoyle** — Astrônomo e escritor inglês, aos 86 anos, em 20 de agosto, em Bournemouth, Inglaterra. Sir Fred Hoyle é uma figura marcante na Astronomia do século XX. Defendeu posições heterodoxas, desafiando o núcleo principal de pensamento desta ciência, por mais de uma vez. Ele é o criador da chamada teoria estacionária do universo (1948), que advoga que o universo sempre existiu desta maneira e assim permanecerá para sempre, desafiando a quase consensual teoria do Big Bang, que propõe a explosão primordial para a criação do universo. Foi defensor também da polêmica teoria da panspermia (1979), no qual a vida humana teria origem em moléculas orgânicas vindas de cometas que se chocaram com a Terra. Na ficção científica escreveu algumas dezenas de obras, como o clássico *A Nuvem Negra*

(1957) e *Em Outubro Será Tarde* (1966). Com seu filho, Geoffrey Hoyle, também escreveu alguns romances de FC. Nove livros seus foram publicados em língua portuguesa, sendo apenas dois no Brasil, o já citado *A Nuvem Negra* (GRD) e *Os Homens Moleculares* (Hemus).

□ **Morre Pierre Versins** — Escritor, editor e crítico francês, faleceu aos 78 anos, em Avignon, França, dia 19 de abril. Ele foi o primeiro autor de uma enciclopédia de FC no mundo, a prestigiosa *Encyclopédie de l'Utopie, des Voyages Extraordinaires et la Science-Fiction* (1972). Seu nome verdadeiro era Jacques Chamson e lutou na Resistência Francesa, na Segunda Guerra Mundial, sobrevivendo à prisão do bárbaro campo de concentração de Auschwitz. Versins impulsiona sua carreira na FC a partir dos anos 50, fazendo um pouco de tudo, como fã e escritor. Editou *Ailleurs* (1957-62), fanzine que marcou época na França. Publicou suas primeiras coletâneas e transforma-se em crítico com sua enciclopédia. Doou sua imensa coleção de livros e produtos de FC à cidade suíça de Yverdon-les-Bains, onde foi montado o primeiro museu de FC do mundo, em 1975, e aberto até hoje. Em língua portuguesa, saíram dois livros pela Argonauta. *Vigilância Sideral* (no. 22) e *A Invasão dos Marcianos* (38).

□ **FCB no exterior** — A revista *Locus* de abril divulgou o *Megalon* em sua seção de publicações internacionais. Foi o único representante tupiniquim. Já Roberto de Sousa Causo publicou na mesma *Locus*, seu artigo periódico "Science Fiction in Brazil", em julho. O mesmo Causo publicou um artigo sobre a renovação da FCB no influente fanzine americano *Foxfax*, de junho. E a antologia dos contos vencedores do Prêmio Nova, por mim organizada em 1998, foi resenhada pela pesquisadora americana recém-vista no Brasil, Libby Ginway, na revista acadêmica americana *Science Fiction Studies* (volume 28, 2001).

## internet

□ **Martinho** — O mais prolífico autor brasileiro de FC, Carlos Orsi Martinho já tem o seu próprio endereço na internet. Em <http://www.gendarmeria.blogspot.co>

m/ você encontra um perfil do autor, curiosidades e alguns dos seus contos mais interessantes. Confira.

□ **Grimjack** — Seguindo o exemplo do Martinho, o escritor e tradutor Fábio Fernandes também construiu seu site. Perfil do autor, reportagens, entrevistas e contos de sua autoria podem ser vistos em <http://lanceirolivre.blogspot.com/>.

□ **Ferramenta** — Um site útil aos escritores em geral é o *Armazém Literário*: [www.armazem.literario.nom.br](http://www.armazem.literario.nom.br). Lá encontra-se informações sobre editoras, concursos literários, livrarias tradicionais e digitais, traduções e algo mais.

□ **Pulps** — Para quem curte as saudosas pulp magazines, foi bolado um site excelente sobre o assunto pelo fã português Nuno Miranda, o *Pulp Zone*. A ênfase vai para as revistas americanas, mas aparecem por lá três títulos nacionais. Quais são? Entre lá e descubra: [www.ip.pt/pulp/](http://www.ip.pt/pulp/).

□ **Quinzenal** — O fã e escritor português Jorge Candeias, assina uma coluna de notícias e resenhas de ficção científica na edição virtual do jornal português, *Região Sul / Diário Online do Algarve*. A cada 15 dias ele publica um novo texto em: <http://www.diario-online.com>.

□ **Mensal** — Uma das revistas eletrônicas mais interessantes em língua inglesa é a *Ansible*, do conhecido fã e escritor inglês Dave Langford, colaborador freqüente da *Interzone*, e vencedor de dois prêmios Hugo este ano (veja na página anterior). Anteriormente publicada de forma impressa com sucesso, a revista, agora eletrônica, é recebida no próprio corpo do e-mail mensalmente. A publicação destaca-se pelo noticiário bastante atualizado. Envie um e-mail em branco para [majordomo@imi.gla.ac.uk](mailto:majordomo@imi.gla.ac.uk), contendo "subscribe ansible" no corpo da mensagem.

□ **Tenha medo** — O site do fã e escritor português *Turno da Noite* é indispensável pelo internauta que curte notícias, imagens e contos macabros. O site disponibiliza trabalhos até de mestres como H.P. Lovecraft, além de autores jovens. Vale a visita: [www.turnodanoite.com](http://www.turnodanoite.com).



# Poul Anderson



Poul  
Anderson

Poul Anderson

Um dos mais prolíficos e populares escritores americanos de ficção científica morreu dia 31 de julho, aos 74 anos, em São Francisco, em decorrência de câncer de próstata.

De pais escandinavos, nasceu na Pensilvânia em 1926. Morou alguns anos na Dinamarca, e pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, mudou com sua família para os Estados Unidos.

Forma-se em física em 1948 e começa a incursionar na literatura, com alguns trabalhos que não chegam a ser publicados. Junta-se a Clifford D. Simak e Gordon R. Dickson na Minneapolis Fantasy Society. Coincidentemente estes três autores trabalharam muito temas rurais e interiores em suas histórias, com pontos de vista sociais e políticos conservadores, ainda que visto por alguns como revestido de um certo romantismo libertário, o que é um pouco questionável, especialmente no caso de Anderson.

Mas é durante os anos 1950 que sua carreira ganha impulso publicando dezenas de contos e noveletas em revistas como *Astounding Science Fiction*, *Galaxy* e *Fantasy & Science Fiction*. Sua primeira história de impacto é *Brain Wave* (*A Hora da Inteligência*), de 1953, vista por alguns como sua melhor história.

Segue publicando durante os anos 60 várias space-operas começando a construir sua "História do Futuro", baseada em impérios terrestres e heróis militares e mercadores, personagens populares, como o soldado Dominic Flandry e o pirata Nicholas van Rijn, nas chamadas "technical stories", muito populares e vendáveis, ainda que apenas entretenimento sem maiores conseqüências.

Anderson aproveitou sua descendência nórdica para revestir suas aventuras com uma boa dose da cultura e mitologia deste região da Europa, tanto na ficção científica, como também na fantasia, responsável que foi por obras interessantes, como *Three Hearts and Three Lions* (1953) e *Broken Sword* (*A Espada Quebrada*), de 1954, uma clássica história de duendes e gnomos, referência à fantasia contemporânea. Dentro deste contexto *Hrolf Kraki's Saga*, de 1973, é um ro-

mance que retoma alguns temas de *Broken Sword*.

Em 1960 escreve *High Crusade* (*A Grande Cruzada* - depois relançado e ampliado em 1982), bom romance sobre a resistência terrestre à uma invasão alienígena, bem calcada nos valores comunitários e na força do individualismo.

O autor investe também nos anos 60 em outra série de contos e romances ambientados no universo da Psychotechnic League, que traça uma expansão gradual mas constante da presença do homem pelas estrelas, confrontando esta conquista com a crescente automação e computadorização da vida humana e suas conseqüências sociais e políticas para a humanidade. Fazem parte deste ciclo, que se estendeu décadas à frente, livros como *Cold Victory* (*Falsa Vitória*), de 1982 e *The Shows of Ganymede* (*Os Gelos de Ganymede*), de 1958, entre outros.

Outro tema que lhe foi caro e onde ele foi mais longe foi com as viagens no tempo. É dele a criação da polícia temporal mais famosa da história da FC, as Time Patrol. Começa com *The Guardians of Time* (*Os Guardiões do Tempo*, 1960) e *Time Patrolman* (1983). Acrescentou mais tarde o romance *The Year of Ransom* (1988). A própria criação da *Intempol* aqui no Brasil foi assumidamente inspirada na polícia temporal de Anderson, conforme já declarou mais de uma vez Octavio Aragão.

Em meio ao clima da Guerra Fria e da paranóia de uma hecatombe nuclear, Anderson escreve, talvez, seus romances mais infelizes e reacionários, tais como *After Doomsday* (*Depois do Fim do Mundo*) e *Twilight World* (*Fugindo do Caos*, 1961)

Poul Anderson causou impacto em 1967 com a publicação do romance espacial-relativístico *Tau Zero*, finalista do Hugo e Nebula. Este livro é dos que eu li o melhor do autor e um dos mais marcantes de toda a FC hard. O terço final é de arrepiar e as imagens do fim do universo e o começo de outro vistos pela tripulação perplexa de uma nave espacial é um dos mais vívidos sense of wonders que já senti. Sua obra-prima.

É nos contos e noveletas, fartas em sua carreira a melhor qualidade de sua obra. Tanto que Anderson é vencedor de sete prêmios Hugo e três Nebulas apenas com ficção curta.

O autor foi também um dos presentes no histórico Simpósio Internacional do Filme, no Rio de Janeiro, em 1969, ao lado de outros nomes importantes da FC, como Clarke, Aldiss e Harlan Ellison.

Anderson manteve uma boa qualidade mesmo na casa dos 60 e 70 anos. Recebeu a laurea de Grande Mestre Nebula em 1997 e escreveu livros importantes na maturidade, como *The Avatar* (*O Avatar*, 1978), *The Boat of a Million Years* (*O Barco de Um Milhão de Anos*, 1990) e o recentíssimo *Genesis*, premiado pouco antes de sua morte com o prestigioso John Campbell Memorial Award, para o "melhor romance de FC publicado nos EUA em 2000", escolhidos por um grupo de acadêmicos e críticos.

Quanto ao acesso às suas histórias, contos e romances, o leitor brasileiro está bem servido. Vários livros do autor saíram no Brasil e em Portugal. Simplesmente 36 títulos diferentes. O problema, sempre os há, será achá-los, pois estão todos fora do catálogo das livrarias. Restam os sebos para uma busca trabalhosa, mas recompensadora.

Poul Anderson foi um dos mais claros representantes da vertente hard da FC, de histórias empolgantes e aventurescas, sem grandes vãos estilísticos, nem personagens muito densos, além de um recorrente recorte conservador aos valores judaico-cristãos. Nada disso empala, contudo, sua longa e sólida carreira e, mais que isso, contos e romances verdadeiramente polêmicos e instigantes.



# Publicações Recebidas

## nacional

❑ **DESMODUS ROTUNDUS.** Editor: Edmilson R. Corrêa. Ano III, número 10, março 2001, R\$ 1,00, formatinho, xerox, 24 páginas. Edição com artigos e ilustrações, com participações de Renato Rosatti e Marcello Branco. Colabore! Rua dos Colibris, 4 - CEP 09450-000 - Rio Grande da Serra, SP.

❑ **ÉDEN 4 E OUTRAS HISTÓRIAS FANTÁSTICAS,** Alexandre Raposo. Editora Record, julho 2001, 190 páginas, texto de orelha de José Mindlin. Coletânea com 15 histórias. Caixa Postal 23.052 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20922-970. Site: [www.record.com.br](http://www.record.com.br).

❑ **GIBILÂNDIA.** Editor: Roberto Guedes. Número 1, julho 2001, R\$ 2,00, A3, off-set, capa e contracapa colorida, 24 páginas. Novo fanzine sobre quadrinhos, uma edição sobre os 40 anos da Marvel Comics. Vale pelo preço e conteúdo. Rua Professor Syllas Baltazar Araújo, 219 - São Paulo - SP - CEP 04257-010.

❑ **IDADE DA DECADÊNCIA: INFERNO EM KHALLAH,** Rogério Vasconcellos, organizador. Editora Mitsukai, julho 2001, R\$ 16,00, 120 páginas. Round-robin (vários autores escrevendo uma mesma história, com um continuando de onde o outro parou) brasileiro, com seis autores: Cláudia Furtado, Diva Bernardes Sepulveda, Edison Luis Raffi Silveira, Marco Bourguignon, Marta Rolim e Rogério Vasconcellos. Space opera com intenção de servir como roteiro de RPG. Projeto de uma oficina literária. Confira: [www.mitsukai-editora.com.br](http://www.mitsukai-editora.com.br). Telefone: (21) 2262-2902.

❑ **JUVENATRIX.** Editor: Renato Rosatti. Ano XI, números 51, junho; 52, julho e 53, agosto 2001. R\$ 3,00, A4, xerox, 20 páginas, cada edição. No 51, destaque para HQ, "O Anjo do Mal", de José Salles e Eduardo Marzano e o artigo de Luiz Adami sobre os bastidores do novo filme *O Planeta dos Macacos*. No 52, o destaque vai para a capa sex-pulp do casal Henry & Maria Jaepelt e um conto de Miguel Carqueija. E no 53, destaque para um conto inédito de Carlos Orsi Martinho. Prestígio! Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 - CEP 04773-070 - São Paulo, SP. E-mail: [rosatti@ig.com.br](mailto:rosatti@ig.com.br).

❑ **PERRY RHODAN.** Editora SSPG, junho 2001, 160 páginas. A volta da série ao

Brasil depois de 10 anos. Uma edição caprichada, contém duas histórias "A Liga dos Sete", de William Voltz (número 650) e "Os Rebeldes de Hetossa", de Ernst Vleck (651). Elas iniciam o ciclo "O Concílio", continuando de onde parou. Contém um "Suplemento Especial", com um histórico da série, ciclo por ciclo e glossário. Só é vendida por assinatura: R\$ 95,00 por seis números. Prestígio! SSPG Editora - Caixa Postal 1307 - Belo Horizonte - MG - CEP 30123-970. E-mail: [assinatura@sspg.com.br](mailto:assinatura@sspg.com.br).

❑ **QUADRINHOS INDEPENDENTES.** Editor: Edgar Guimarães. Número 50 junho 2001. R\$ 1,00, capas a cores, formatinho, off-set, 28 páginas. HQ inédita do editor, "Mundo Feliz", quatro páginas de cartas e dezenas de zines divulgados. Edgar anuncia o fim das reproduções das capas dos fanzines a partir da próxima edição, bem como o cancelamento de uma série de projetos editoriais. Esta última decisão causou forte impacto junto aos leitores. E a primeira, causa uma forte impressão em um fanzineiro como eu: reconsidere Edgar! Colabore: Rua Capitão Gomes, 168 - CEP 37530-000 - Brasópolis, MG.

❑ **QUARK.** Editor-chefe: Aldo Novak. Editor-literário: Roberto de Sousa Causo. Ano 1, número 8, R\$ 5,00, formatinho, 68 páginas. Mudança radical, passando de uma revista de mídia para uma de literatura de FC. Os artigos sobre filmes e TV continuam, o calendário de eventos é surrealista, pois lista convenções na Eslováquia e não cita eventos no Brasil (!) De todo modo, o destaque vai para os cinco contos, de Orson Scott Card, Jorge Luiz Calife, Carlos Orsi Martinho, Roberto Causo e Finisia Fideli. Prestígio! Assinaturas: Tel.: 0800-151852. E-mail: [quarkito@gmail.com.br](mailto:quarkito@gmail.com.br).

❑ **A REVANCHE DA AMPULHETA,** Fábio Fernandes. Coleção Terra Inógnita 5, editora Ano-Luz, agosto 2001. Edição de Marcello Simão Branco e prefácio de Lúcio Manfredi. R\$ 7,00, formatinho, 72 páginas. Continuação de "A Vingança da Ampulheta", também do autor, visto no livro *Intempol*. Compre! Caixa Postal 375 - Santo André - SP - CEP 09001-970. E-mail: [cerito@osite.com.br](mailto:cerito@osite.com.br).

❑ **SCI-FI NEWS CONTOS.** Editor: Fábio Barreto. Publicação da editora Meia Sete, número 1, agosto 2001, R\$ 4,90, formato revista, 50 páginas. Este lançamento

concorre com a *Quark* pela preferência do leitor. Melhor mesmo é comprar as duas. Traz notícias, artigos e contos. Entrevista com o escritor Fábio Rezende, conto fanfic de Sílvia Helena Penhalbel e noveleta de Daniel Alvarez. Prestígio! Rua Tebas, 146 - São Paulo - SP - CEP 04634-030. Site: [www.scifinews.com.br](http://www.scifinews.com.br).

❑ **SOMNIUM.** Editor: Alfredo Keppler. Publicação do Clube de Leitores de Ficção Científica, ano 15, número 81, junho 2001, A4, xerox, 32 páginas. Despedida do editor Keppler, que será substituído por Ataíde Tartari. Notícias, resenhas de Roberto Causo e conto de Ivan Carlos Regina são os destaques. Colabore! Caixa Postal 2105 - São Paulo - SP - CEP 01060-970. Site: <http://members.tripod.com/~clfc>. E-mail: [atartari@ig.com.br](mailto:atartari@ig.com.br)

❑ **TALENTOS DO RIO: PROSA E VERSO.** Antologia organizada pelo Banco do Brasil (RJ). Em 152 páginas, tem 10 contos, 11 crônicas e 17 poesias. A FC está presente em dois contos de Miguel Carqueija. Caixa Postal 46007 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20560-971. E-mail: [miguelcarqueija@bol.com.br](mailto:miguelcarqueija@bol.com.br).

## internacional

❑ **LOCUS.** Editor: Charles N. Brown. Números 483 abril, 484 maio e 485 junho 2001, US\$ 4,95, capa e contra-capas em cores, A3, 76, 72 e 88 páginas, respectivamente. Abril traz uma ótima entrevista com Bruce Sterling, reportagens sobre a FC pelo mundo, notícias e dezenas de resenhas. Maio entrevista John Crowley, notícias e dezenas de resenhas. Junho entrevista Thomas Disch, obituário especial sobre Douglas Adams, notícias e dezenas de resenhas. P.O. Box 13305 - Oakland - CA - 94661 - USA. Site: [www.locusmag.com](http://www.locusmag.com).

❑ **NOVA EXPRESS.** Editor: Lawrence Person. Volume 6, número 1, edição 21, primavera/verão 2001, A3, US\$ 5,00, 42 páginas. Semi-prozine bem produzido, com uma entrevista de 18 páginas com Tim Powers! Mais 24 resenhas de lançamentos. O que se percebe é que as revistas/fanzines americanos dão muita ênfase a entrevistas e resenhas, talvez porque os lançamentos abundem por lá. Mas é uma linha que deveria ser seguida pelas publicações de cá. Confira. P.O. Box 27231, Austin, TX, 78755-2231 - USA. E-mail: [lawrenceperson@jump.net](mailto:lawrenceperson@jump.net). Site: [www.novaexpress.org](http://www.novaexpress.org).



## Carla Cristina Pereira

**A** historiadora carioca Carla Cristina Pereira, 38 anos, vem surpreendendo a comunidade brasileira de ficção científica. Depois de estrear profissionalmente com "Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel" (na antologia *Outras Copas, Outros Mundos*, 1998) e causado uma boa impressão, ela já venceu um concurso literário em Portugal e este ano foi indicada ao Sidewise Awards, o mais importante prêmio internacional no subgênero História Alternativa. O conto que ela concorreu é "Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança", publicada na antologia *Phantastica Brasileira* em 2000 — e em inglês na revista australiana *Altair*. Nesta conversa com **MARCELLO SIMÃO BRANCO**, a historiadora e professora universitária, especialista em América Pré-Colombiana, nos fala de seu ótimo momento, dos seus projetos e de como vê a ficção científica brasileira.

**MEGALON** — *Como você recebeu a notícia de sua indicação para o Sidewise Awards?*

**CARLA CRISTINA PEREIRA** — Com absoluta surpresa. "Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança" teve uma história surpreendente. Desde sua gestação conturbada, quando os editores exigiram que eu reescrevesse o final, até sua publicação, primeiro em Portugal, depois no Brasil e finalmente na Austrália. Nunca imaginei que o conto tivesse a publicação aceita pela *Altair*, muito menos que fosse indicada para o Sidewise e, menos ainda que, concorrendo contra tantas histórias magníficas, acabasse como um dos finalistas deste prêmio. O que eu posso dizer: É claro que me sinto terrivelmente orgulhosa, mas a toda hora paro e penso que é areia demais para o meu caminhãozinho.

**MEGALON** — *Sua indicação a um prêmio internacional de ficção científica é um exemplo de que a ficção científica brasileira atingiu um bom nível internacional ou isto é um fato isolado, devido apenas ao seu talento individual?*

**CARLA** — Acredito que, não fosse a barreira do idioma, os melhores trabalhos atuais da ficção científica brasileira teriam condições de competir de igual para igual com o que se faz lá fora. Não estou falando de competir de igual para igual contra o que de melhor se produz nos EUA ou na Inglaterra, contra os melhores trabalhos dos melhores autores, mas sim de não fazer feio numa comparação com os trabalhos médios dos melhores autores ou os melhores trabalhos dos autores profissionais medianos.

Quanto à minha indicação, atribuo-a muito mais ao fato de "Xochiquetzal..." ter sido a primeira ficção alternativa brasileira publicada em inglês e, portanto, num mercado onde seu tema soa mais original do que aqui, pelo simples ineditismo das temáticas históricas brasileiras para o leitor anglo-saxão, do que ao meu talento individual.

**MEGALON** — *Apesar de ser uma leitora e fã de ficção científica de muitos anos, você só começou a escrever motivada pelas antologias da Ano-Luz. Nos conte porque tomou esta decisão e qual é o seu método de trabalho. Sendo você uma historiadora especializada em América Pré-Colombiana, nos fale um pouco desta sua característica de usar em sua ficção seus conhecimentos profissionais.*

**CARLA** — Começar a escrever ficção não foi uma decisão muito pensada ou consciente. O primeiro conto que escrevi a sério, "Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel", é pouco mais que um *pseudofactual*. Um trabalho que escrevi sem muita pretensão e que mandei para você dar uma olhada. Quando vi o conto publicado, fiquei orgulhosa e entusiasmada, e isto me deu confiança para tentar escrever "Xochiquetzal..." e participar da *Phantastica Brasileira*. Como uma coisa leva à outra, decidi participar do Concurso Simetria e felizmente consegui escrever "Longa Viagem Para Casa", que acabou ganhando o primeiro prêmio.

Quanto a meu método de trabalho, não sei se posso dizer que tenho um. "Se Cortez..." foi escrito de um fôlego só, numa única noite. Já "Xochiquetzal" foi gestada ao longo de semanas, antes que eu a considerasse boa para submeter à Ano-Luz e, mesmo assim, tive que reescrever todo o final duas vezes até que os editores se sentissem satisfeitos. Em "Longa Viagem Para Casa", meu primeiro conto de ficção científica e não ficção alternativa, eu sabia exatamente que tipo de conto eu queria escrever e o que era preciso para escrevê-lo, só que não dominava em absoluto os elementos científicos hard que eu precisava, daí ter contado com a ajuda de um consultor. Ou seja, até hoje só escrevi três histórias solo e mais duas em parceria. Em cada uma delas enfrentei tipos de desafios diferentes e os métodos que usei para escrevê-las foi diferente em cada caso. Por isso não creio que posso falar que tenho um método de trabalho.

Quando escrevo ficção alternativa ou ficção científica com temática histórica, a formação em história ajuda e atrapalha. Ajuda ao evitar que eu



cometa alguns erros crassos. Atrapalha porque me deixa demasiadamente preocupada com a verossimilhança histórica e dificulta um pouco minha concentração no enredo e nos personagens.

**MEGALON** — *Antes de surgir no cenário da comunidade brasileira de ficção científica, você militou por vários anos numa comunidade de fãs dos Estados Unidos, do Estado da Califórnia, se não me engano. Você poderia nos contar porque foi para os EUA, como conheceu os fãs americanos e suas experiências por lá?*

**CARLA** — Fui para os EUA para acompanhar meu marido quando ele foi designado para trabalhar lá como gerente de um dos escritórios americanos de uma multinacional de matriz brasileira. Aproveitei minha estada lá para fazer um doutorado em História. Na universidade, entrei em contato com outras pessoas que gostavam de ficção científica e ficção alternativa, e comecei a participar das atividades organizadas por diversos grupos de fãs de várias cidades da Califórnia, inclusive algumas convenções de âmbito regional. Nos primeiros anos, essas experiências foram interessantes e enriquecedoras. Mais tarde, depois de alguns atritos e decepções, decidi que seria melhor me afastar do fandom e viver a minha vida, até porque então minha filha já tinha nascido e eu tive que dividir meu tempo entre ela, minha tese e meu marido.

**MEGALON** — *E a ficção científica brasileira? O que acha dela? Como superar o desafio de torná-la popular e comercialmente bem-sucedida?*

**CARLA** — Acho a ficção científica brasileira muito boa para a quantidade de material publicado e as oportunidades editoriais que os autores usufruem. Porque, quanto mais publicam, são lidos e criticados, mais os autores aperfeiçoam sua arte literária. Os escritores de FC americanos não escrevem melhor do que os brasileiros porque são mais inteligentes ou possuem mais talento. Eles são melhores em média porque praticam mais, escrevem mais e, sobretudo, publicam mais. Com isto, sofrem uma pressão muito grande para melhorar, afinal, a competição é muito grande. É surpreendente que os autores brasileiros consigam produzir trabalhos de qualidade na ausência desses mecanismos de competição e dessa “seleção natural”.

Como tornar a ficção científica brasileira popular? Não sei. Por tradição, o público brasileiro dá mais valor ao produto cultural vindo de fora. E, no caso da FC, boa parte desse público ainda parece pensar que o brasileiro não sabe escrevê-la. Desde menina ouço dizer que “FC não é coisa de brasileiro...” Popularizar o gênero no Brasil então parece ser um trabalho de duas fases: 1) mudar a cabeça dos leitores que não gostam de FC, mostrando que o gênero tem muito mais a oferecer do que *Star Wars* ou *Arquivo X*; e 2) convencer o público consumidor de FC que a FC brasileira também é boa,

que o brasileiro também sabe escrever FC de qualidade.

**MEGALON** — *Qual a sua visão de fã e historiadora do subgênero história alternativa, tão bem divulgado no Brasil pelo Gerson Lodi-Ribeiro?*

**CARLA** — A ficção alternativa brasileira vem se desenvolvendo a passos mais rápidos do que a FC brasileira e eu atribuo boa parte desse desenvolvimento acelerado ao esforço do Gerson, como pioneiro e principal cultor do gênero no país, e também como divulgador não só da ficção alternativa estrangeira para o público brasileiro, como da ficção alternativa brasileira lá fora.

A lição de que é possível escrever ficção alternativa brasileira de boa qualidade foi aprendida por outros autores; fato que está patente nas páginas da antologia *Phantastica Brasileira*, onde metade das histórias são ficção alternativa. Hoje em dia a maioria dos autores de primeira linha da FCB possui pelo menos um trabalho de ficção alternativa no seu portfólio.

**MEGALON** — *Quais seus autores e obras favoritas dentro da ficção científica?*

**CARLA** — Meu autor de FC predileto é disparado Philip José Farmer. Muitos falam do Silverberg como se ele fosse o supra-sumo da excelência artística e literária como autor de FC, mas sou muito mais o Farmer, que escreve melhor e mais simples, tecendo tramas complexas sem necessidade de provar a todo momento para o leitor como ele é inteligente e escreve bem. Em ficção alternativa, gosto muito dos trabalhos mais antigos do Turtledove, mas acho que ele perdeu a mão a partir dos trabalhos no universo da *WorldWar*, quando propôs uma invasão de extraterrestres no meio da Segunda Guerra Mundial; apelação que feriu as susceptibilidades dos apreciadores do gênero mais puristas e gerou a expressão “alien space bats” (ASB) para designar saídas fáceis mas desleigantes e inverossímeis para enredos intrincados de ficção alternativa.

**MEGALON** — *E seus próximos projetos? Alguma história em andamento?*

**CARLA** — Por ora nenhuma história em andamento. Recebi uma proposta para ampliar o “Xochiquetzal...” ou escrever outra história mais longa na mesma linha ficcional alternativa, mas não me sinto muito encorajada para empreender essa tentativa e tampouco tenho tempo para isto. Gostaria de escrever uma história passada dentro do ambiente ficcional da *Intempol* e acho que até tenho o embrião de uma idéia para começar essa história, mas ando sem tempo para tentar “entrar no clima”, por assim dizer, das histórias típicas desse *shared universe*. Vamos ver o que consigo fazer.



# FISSURA EM CORAÇÃO DE ACRÍLICO

□ **Roberto de Sousa Causo**

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Em algum momento de 1988 eu fui até São Paulo, acompanhado de um sujeito chamado Moisés, que era um cara envolvido com teatro lá em Sumaré, cidade do interior paulista onde morávamos. Na capital, Moisés me mostrou vários lugares que ele conhecia e que tinham algo a ver com teatro. Um desses lugares eram as Oficinas Culturais Três Rios, mais tarde rebatizadas de Oswald de Andrade. Moisés me convenceu a me inscrever numa das oficinas literárias anunciadas dentro da programação de atividades da Três Rios. Era o "Criatório de Textos", coordenado por João Silvério Trevisan. O processo de seleção pedia currículo, carta de apresentação e um ou mais textos. O objetivo da oficina era, ao longo de vários meses, produzir uma obra completa — livro de poemas, novela ou romance — com o apoio da crítica coletiva que acontecia no Criatório. O texto que eu enviei foi um rascunho do conto "Trilhas Cruzadas". Para a minha surpresa, fui aceito.

Para poder estar em São Paulo duas vezes por semana, tive de pedir a ajuda do Departamento de Cultura de Sumaré, cujo diretor na época era o Prof. Leovegildo Duarte Júnior. O Departamento me reembolsaria as passagens de ônibus.

Eu não sabia, mas Trevisan já era conhecido na época como um homossexual assumido e um autor *gay* de importância (iria ganhar três vezes o Prêmio Jabuti, o mais importante da literatura brasileira, uma delas com *Ana em Veneza*, e duas vezes o prêmio da Associação dos Críticos de Arte de São Paulo). Em março deste ano, Trevisan embarcou para os States para ser o "escritor residente" na Universidade de Austin, Texas. Acho que, no Criatório, eu era o único sujeito escrevendo ficção popular, literatura de gênero, ficção científica *mesmo*. Todos os outros

eram poetas pornográficos, regionalistas exilados, urbanitas adeptos da literatura descartável e escritores pós-modernos muito politizados e altamente eruditos. Meu projeto era uma *space opera* de aventura militar em um planeta que vivia os primórdios da sua evolução. Esse é um romance que nunca escrevi, e que provavelmente nunca escreverei. Não fui o único, aliás, a não terminar o seu projeto. Mas o Criatório foi extremamente importante por me dar um vislumbre do que pensam e como agem, quais são as aspirações e as limitações dos escritores *mainstream* brasileiros. Um dos escritores mais interessantes do meu grupo, por exemplo, um certo Cid Pimentel, perdeu totalmente a motivação para escrever o seu romance-montagem ambientado em uma instituição psiquiátrica, ao compreender quais eram as origens das inquietações do seu protagonista — uma vez psicanalisado o personagem (a partir de uma carta astrológica), não havia mais razão para continuar o trabalho. Uma autora, com texto inspirado em Guimarães Rosa, contava um imenso preâmbulo que nunca dava entrada à história propriamente dita — porque não havia história propriamente dita.

Outro autor, pertencente a uma segunda turma que Trevisan "oficinava", como diria o André Carneiro, tinha um texto brilhante — e completamente à prova de leitura. Você poderia ler o texto do começo ao fim, do fim para o começo, alternar parágrafos e até trocar a ordem dos períodos, e o texto não perdia o brilho — nem a opacidade. Não levava a lugar algum, e, num certo sentido, decretava a obsolescência da experiência da leitura. Escrever *bem* era o único objetivo e o único valor. E pr'o leitor ó, nem *tchum*. Problemas em torno deste e de outros becos-sem-saída levaram o próprio Trevisan a perguntar ao pessoal se não deveriam pen-

sar em algo mais *além* do experimentalismo e do estilo. 'Tava faltando alguma coisa'.

Eu não fazia idéia, mas na mesma época ou no ano seguinte, minha futura esposa Finisia Fideli estava cursando uma oficina nas mesmas Três Rios, coordenada por Caio Fernando Abreu, outro famoso e respeitado escritor brasileiro *mainstream*. Essa oficina não alcançou seus objetivos não por falta dos oficinandos, mas por causa dos problemas psicológicos do seu coordenador. Finisia teve oportunidade até de usar dos seus conhecimentos médicos.

Um episódio interessante foi o Caio dizer que o texto dela era bom, mas estava por fora. Ninguém mais contava histórias. O *tcham* do momento era o texto fragmentário, descontínuo. Até que a Finisia escrevia com solidez, contava bem uma história, assim como uma Izak Dinensen, mas esse tipo de texto estava superado. O azar dele foi usar como exemplo uma autora que a Finisia adora.

**E**m 1989 Henrique Flory cursou o Criatório de Textos com Trevisan, trabalhando o seu romance *Projeto Evolução*, que foi publicado no ano seguinte. O mesmo ano em que Finisia e eu nos encontramos na oficina de André Carneiro, "A Magia da Ficção Científica", realizada na Casa Mário de Andrade. Foi a primeira oficina de FC de que se tem notícia, e estavam lá também o Ivan Carlos Regina, o Roberto Schima e o Silvio Alexandre.

Na Casa Mário de Andrade trabalhavam nesse mesmo ano o João Silvério Trevisan e Caio Fernando Abreu. Finisia pensou em cursar a oficina de Trevisan, mas corria o consenso de que era uma oficina tremendamente dura e rigorosa. Ela então soube da oficina



de FC do André e se inscreveu nela, considerando que já havia publicado dois contos de ficção científica, um deles vencedor de um concurso literário promovido pela Editora Escrita, em 1983. A Escrita, aliás, nasceu da FC e da intervenção não-intencional de Gumercindo Rocha Dorea, que é o editor mais importante da FC brasileira e um homem de posições anticomunistas e conservadoras. A ironia está no fato de a Escrita ser — ou ter sido, já que não existe mais — uma editora marxista. Ela surgiu depois que a coletânea *Lições de Pânico*, de Wladyr Nader, um membro do Primeiro Fandom Brasileiro, foi rejeitada pelo Gumercindo ainda durante a Primeira Onda da FCB, lá na década de 1960. Nader resolveu publicar o livro por conta própria, e inaugurou a editora.

Como o mundo é pequeno, Nader acabou publicando Finisia, com “Exercícios de Silêncio”, que em 1993 venceria o Prêmio Tapirã do fanzine *Megalon*, como o melhor conto publicado em veículo amador. Mas Nader não publicou “Exercícios de Silêncio” — uma *problem story* à moda da FC *hard* americana, mas com um quê espiritualista —, sem ter de lutar pra isso. É que dois dos jurados não queriam ver o conto publicado na antologia que reuniria os vencedores. Foram eles Márcia Denser, com seu sugestivo nome (que lembra o das estrelas do pornô americano), e outro autor de nome “inventivo”, Roniwálter Jatobá. A razão dos dois: FC não podia entrar no livro. “Mas o conto é bem escrito?” perguntou Wladyr. Sim. Mas é ficção científica, puxa vida! Não interessa, Nader forçou e colocou o conto na antologia *Conto Paulista*, de 1983. (Os outros jurados deram o sim, a propósito.)

Pois veja você que Roniwálter Jatobá, que escrevia sem escrúpulos ficção de gênero para o mercado infanto-juvenil, era em 1990 o cabeça da Casa Mário de Andrade. Ele chegou até a ser confundido com o Décio One. Ou vice-versa.

Mas isso tudo são desvios.

Em 1999, mais de dez anos depois do Criatório, fiz outra oficina com o Trevisan. Desta vez era a Oficina Virtual de Texto, promovida pelo SESC Online. As sessões aconteciam num *chat room*, das 20:00h. às 23:00h. Uma nota preta em conta telefônica.

Foi a primeira oficina deste tipo, realizada pelo Trevisan. Tinha gente do Sul, gente do Norte, gente do Centro. De São Paulo só uma simpática psicóloga chamada Izabel Cristina Rios, e eu. Muitos tropeços técnicos, por ser a primeira, e o Trevisan teve de expulsar um egomaniaco logo na segunda semana (não, não fui eu não). Trevisan, sempre incisivo e perfeccionista, tinha uma rota muito bem traçada para a oficina virtual — um plano perfeitamente freudiano. Estávamos lá para matar os nossos pais. Pais literários, bem entendido. É que ao longo dos anos, mais de 12 coordenando oficinas literárias, João Silvério Trevisan havia percebido que um dos maiores impecilhos para o desenvolvimento dos novos escritores é aquilo que Harold Bloom rotulou de “a angústia da influência”. Ou, colocando o peso certo na expressão, “A ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA”.

Por alguma razão misteriosa, Trevisan achou que o meu pai literário era o Stephen King e que eu tinha de matá-lo a todo custo. Imagina o que eu senti ao saber, durante a oficina, num belo dia em que eu corria os canais da Net até cair na BBC, que King havia sido atropelado por uma *van* enquanto caminhava beirando uma estrada da Nova Inglaterra.

Para o autor novo, segundo Trevisan, um problema grave surge da tensão entre tradição e vanguarda. Para ele, a idéia de vanguarda, especialmente o mito da invenção modernista, está esgotada, e muitos novatos se estrepam tentando percorrer os caminhos já trilhados, “numa desesperada busca para arrebentar uma porta que já está aberta”, e com “resultados muitas vezes patéticos”. Frequentemente, o autor busca uma *grandeza por associação*, ao espelhar-se num

grande nome, em trabalhos de “pseudo-inovação cheios de arrogância e mediocridade”. Nas oficinas, em especial, aparece muito “subproduto de Clarice Lispector”, trabalhos que Trevisan define como “carbono do carbono” e “hermetismo de gabinete que exprime mal o interior do autor”. É dureza.

Clarice é uma das “pragas” que andam por aí (o termo é meu). Franz Kafka é outra praga da qual é impossível escapar, assim como Borges e Cortázar. O que tem de imitador não tá no gíbi. Só na Oficina Virtual de Texto tinham dois, altamente influenciados pelo trio. Imagina se não levaram paulada...

Atualmente, basta abrir os cadernos de cultura dos grandes jornais pra se deparar, várias vezes por ano, com autores que são lançados como os “novos” Kafka, sem nunca serem os primeiros João da Silva ou Manuel de Souza. É tanta gente, que se eu cuspir pela janela, periga de acertar a cabeça de um novo Kafka.

É fácil perceber o que há de atraente nesse fenômeno. A cultura literária, aquela que já canonizou os três citados, tem grande apelo para uma sociedade periférica como a nossa, em que a elite cultural, como afirmou o agora octogenário crítico Wilson Martins, tende a querer ser mais elitista do que as elites européias. (Vide Diogo Mainardi, como exemplo maior.) Quando o sujeito escreve dentro de um contínuo consagrado, ele se sente protegido — guarda chuva do mesmo — contra a crítica que, se tiver peito pra se manifestar, sai na chuva ácida do enfrentamento do cânone, o rol das grandes obras da literatura universal. Como o André Carneiro me disse uma vez, quando eu afirmei que aceitava uma dissidência de pensamento em relação a James Joyce: “Dissidência coisa nenhuma! O sujeito é consagrado, pronto e acabou!”

FERNANDO BONASSI

Um aspecto que me incomoda na literatura brasileira é uma certa “vaguez” presente na maioria dos



contos e romances nacionais. Uma falta do específico, falta de caracterização do ambiente e da vida pessoal e profissional dos personagens. Tudo tem um tom de crônica, as obras são comentativas, com o narrador (*alter ego* do autor) se pronunciando o tempo todo sobre isto e aquilo. O autor aparece mais que os personagens, que ele firmemente segrega da ação e da condição de protagonistas.

Uma exceção são os autores do Sul, têm toda aquela tradição guerreira e separatista, e que se sentem primeiromundistas e não têm medo de caracterizar com alguma minúscia o Sul a que pertencem. Autores como Domingos Pellegrini e Tabajara Ruas. Outro sulista, o Assis Brasil, chegou a dizer que “É impossível representar a realidade brasileira: existe a de São Paulo e a de São José das Botas, no interior da Amazônia; nas regionalidades é que se forma o mosaico cultural e sociológico do País”. Palmas.

Haverá no fenômeno da vaguidéz, então, a expressão de algum complexo de inferioridade cultural, síndrome de província, saudades da metrópole? Ou será que o autor brasileiro acredita que, ao ser não-específico, vago, ele vai automaticamente alcançar a *universalidade* — como ouvi Daniel Fresnot praticamente afirmar, durante a oficina que ele deu junto ao Clube de Leitores de Ficção Científica? “Um leitor europeu não vai querer saber qual é a marca do carro que o personagem dirige, nem um leitor no futuro”, disse. Fazendo a oficina estava o J. Mauro Trevisan (mais um), autor muito ativo junto às revistas *Dragão Brasil*, *Só Aventuras* (que não existe mais) e *Tormenta* (que ele edita), com contos de fantasia heróica. O rapaz é fã de Stephen King, o autor mais lido do mundo, e que faz justamente o contrário do que pregou o Fresnot. King carrega seus textos de especificidade — uma especificidade americana, é verdade, num momento em que os States são a metrópole do mundo — e de detalhes do cotidiano.

Um dos autores de sucesso que se sustenta no vago é o Rubens Figueiredo. Nos contos de *A Palavra Secreta*, há muito pouco que indique onde vivem os personagens e o que fazem, quais são os seus elementos formativos. Outro livro com a mesma característica é *O Homem que Odiava a Segunda-Feira*, coletânea premiada de Ignácio de Loyola Brandão. Os dois, aliás, devem muito ao Kafka.

‘Cê vê, outro dia a Finisia me contou outro episódio da oficina que ela fez com o Caio Fernando. O pessoal estava escrevendo um romance em *round-robin* (cada um escreve uma parte ou continua o que o outro escreveu antes) e ela ficou de caracterizar uma personagem feminina. Fez com tanto esmero, com tanto *detalhe*, que um dos colegas disse que calhava de tropeçar com a personagem na rua. Mas Caio Fernando disse que estava detalhado demais, que essa materialidade do personagem não importava.

Essa questão do vago na literatura brasileira sempre me intrigou. Mais recentemente, numa aula de Literatura Portuguesa, achei outra resposta: A culpa é do Simbolismo. É, o simbolismo é que inventou esse negócio do vago, do “sugestivo”. Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, e todos aqueles franceses que fazem a cabeça do Lúcio Manfredi, e que acreditavam que o universo existe para ser decifrado por uma mente arguta, o espírito prometéico do poeta, que traz à luz uma experiência mascarada pelo mistério. O Simbolismo ‘tava interessado em traduzir a experiência da modernidade, e achou que o vago refletia a condição de uma realidade incognoscível, impossível de ser apreendida e compreendida por um Eu (a consciência do sujeito) fragmentado e degradado. Do Simbolismo a perspectiva migrou para o Modernismo; dos franceses simbolistas para os ingleses modernistas que estavam logo ali, do outro lado do Canal da Mancha; desses para Franz Kafka, na Europa do Leste, e desses todos mais o Kafka para a América do Sul,

Buenos Aires e Jorge Luis Borges, e dali para o vizinho deste lado do Rio da Prata. O negócio do vago também aparece na idéia de que, quanto mais buracos um texto tiver, mais ele vai convocar o leitor pra preencher esses buracos com a sua própria contribuição para o processo criativo. Muito bonito, mas corre-se o risco do leitor chegar ao ponto de dizer, “Pô, se eu tenho que fazer a maior parte do serviço, melhor jogar fora esta porcaria e ir escrever as minhas próprias histórias”.

Há cerca de um ano vi uma entrevista de Fernando Bonassi na TV Cultura, achei interessante, um cara diferente. Não tem aquela embromação beletrista tão costumeira. Faz um tipo autor-proletário, machão (agora assinando a coluna “Macho” na *Revista da Folha*) e ligado na realidade dura e crua de uma metrópole sangrenta e injusta como São Paulo. É iconoclasta. Na revista *Cult* de fevereiro de 2000 ele escreveu, em entrevista, que o “modernismo brasileiro é um fenômeno de elite. Quatro ou cinco caras de saco cheio de comer caviar pegam o caviar e jogam na cara do papai. Em relação ao modernismo da Europa, o daqui foi uma piada. Não houve ruptura nenhuma. O que aconteceu foi uma atualização da elite cultural. Apenas isso. Como movimento é uma piada.” Opinião semelhante à que eu tinha ouvido antes da boca de Rubens Teixeira Scavone, que também achava o modernismo nacional um negócio supervalorizado.

Outra declaração de Bonassi que me deixou curioso sobre o seu trabalho foi a seguinte: “Nós temos uma visão da obra de arte muito elitista. Nós, produtores de cultura. Acho que há uma dificuldade em lidar com a indústria cultural. Embora sejamos mais devassados pelos meios de comunicação, paradoxalmente a indústria cultural é mais democrática que há dez anos. É um fenômeno de vinte anos pra cá e que ainda não está maduro, ainda não acabou esse processo.”



Aí eu soube que ele estaria autografando no projeto "O Escritor na Praça" (que é a Praça Benedito Calixto, em Sampa), e resolvi conferir. Comprei seu último livro, a novela *O Céu e o Fundo do Mar*, da Geração Editorial, e caminhei dois quilômetros num domingo para pegar seu autógrafa.

Bonassi deve ter um e setenta, e se veste de *jeans* e camiseta. Também estava na praça o Roniwalter Jatobá, mas quando a Finisia soube me proibiu de pegar o autógrafa dele. Não dá pra culpar a moça, certo?

Com o livro autografado debaixo do braço, caminhei os dois quilômetros de volta, e comecei a ler.

É, pensava encontrar um tipo à lá Oswald França Júnior, cheio de energia e detalhes vivos e contundentes, mas ei, a novela é *vaga*. Tão *vaga* que a esposa de um desaparecido político e seu filho adolescente, além do jovem traficante de drogas que se apaixona por ela, nem *nome* têm! Nem nome nem paradeiro, nem passado preciso, nem caracterização clara de como se tornaram o que se tornaram. Nem por isso, que fique bem entendido, não deixa de se tratar de uma obra de impacto, muito bem escrita, num tom assim meio minimalista e fragmentário, cujos significados transitam mais no campo da elipse — aquilo que não é dito mas que faz parte da articulação da leitura — do que da narrativa linear. É muito sofisticado e artístico. E bem dentro dos valores do modernismo.

Parece que não dá pra se escapar de certas tendências, ao se escrever literatura brasileira. É que nem o rock brasileiro — começa como um tipo de *rockabilly* e invariavelmente termina como poesia concretista musicada, ou bossa nova regurgitada.

#### MAX MALLMANN

O contexto que deu origem ao Simbolismo, Modernismo, Pós-Modernismo e o Escambau, foi o mesmo que deu origem aos vários gêneros de literatura popular: o assim chamado "mundo burguês", a realidade industrial. Um mundo em

rápida mutação, marcado por novas regras de comportamento social e político, em que os antigos paradigmas do Estado Absolutista e do Feudalismo se esvaneciam ainda no tempo de vida das pessoas. Mundo em que o indivíduo se via subitamente ameaçado de ser empurrado sobre os trilhos do bonde, apunhalado por uma lâmina envenenada ou baleado por um projétil jaquetado com aço (ficção de detetive); mundo em que no seio do cientificismo tecnicista borbuhlava o seu próprio antídoto, sob a forma de fantasmas e monstros, bruxas e raças perdidas nas brumas do tempo (fantasia e horror); mundo em que a ciência avisava da decolagem das naves marcianas rumo à Terra, do apocalipse no rabo do cometa que cruzava a órbita do planeta, das encruzilhadas evolutivas do homem e da confrontação dos paradigmas (ficção científica).

Mas pra que essas formas de ficção popular funcionem, elas precisam convencer o leitor de que o punhal é afiado, que a magia e o sobrenatural funcionam pra valer, e que o futuro virá, pr'o melhor ou pr'o pior. Elas querem que o leitor sinta a trombada, porque não é um mundo pavimentado apenas de pétalas de rosa — nem de teorias estéticas. A literatura popular, de gênero, *pulp* mesmo, é definida pelo seu excesso. Segundo Clive Bloom, autor de *Cult Fiction: Popular Reading and Pulp Theory*, "A literatura *pulp* demarca [uma] fluidez, uma natureza proteana e simples abundância de linguagem, na qual o excesso é a chave". Se forma e conteúdo precisam estar conjugados, uma profusão de detalhes, redundando num excesso de representações (e de interpretações) é bem-vindo.

Só pra ilustrar como essas coisas nasceram do mesmo momento, é só lembrar da influência de Edgar Allan Poe para ambos os campos (Simbolismo-Modernismo-etc.; e literatura popular).

São frutos de um mesmo momento, mas com estratégias diferentes.

O nosso amigo Max Mallmann, um sulista vivendo no Rio de Janeiro, curiosamente percorre um caminho que ilustra os dilemas do escritor, ao lidar com essas questões em torno do *mainstream* e da ficção popular, do vago e do específico, no Brasil.

Seu primeiro livro foi o romance *Confissão do Minotauro*, publicado em 1989, quando Max tinha apenas 19 anos e assinava Max Mallmann Souto-Pereira. Era uma *space opera* cômica, sobre um repórter-clone (hoje em dia uma redundância) que vai fazer uma cobertura na estação espacial 33, no meio de uma guerra espacial de extermínio. Em 1996, veio *Mundo Bizarro*, alta fantasia (o subgênero de fantasia a que pertence) cômica, na qual um carteiro brasileiro acidentalmente vai parar em um mundo de contornos medievais, através de um portal dimensional. O verdadeiro protagonista do livro, porém, é o príncipe Krysos, um safado de marca maior, no estilo de um D. Pedro I. Antes consagrado à putaria, Krysos subitamente se vê herdeiro de um reino em guerra, e descobre o seu talento para a intriga e a sacanagem em escala estatal.

Os dois romances são comédias que mais fazem sorrir do que gargalhar — não se trata de um Douglas Adams ou um Terry Pratchett nacional. *Mundo Bizarro*, em particular, ganha impacto perto de sua conclusão, subitamente sombria. Isso é típico de certas sátiras, aliás. O autor tenta manter um equilíbrio entre a narração e a condenação (mostrar ou julgar) do mundo esquisito que ele nos apresenta, mas perto do fim as coisas ficam mais *dark*, que é pra reforçar a condenação. Funciona muito bem, mas talvez a sátira mais incômoda e contundente seja aquela que também mantém um equilíbrio entre o seu contexto de produção e o admirável mundo novo que descreve, e fica difícil encontrar muito do Brasil contemporâneo em *Mundo Bizarro*, como é difícil achar muito de *novo*, de vívido, no seu mundo bizarro.

Percebe-se uma progressão entre um romance e outro — o primeiro



Percebe-se uma progressão entre um romance e outro — o primeiro tinha 270 páginas de letras miúdas, longos parágrafos empacotados de informação e de clichês satirizados, num texto que se agita pra todos os lados. O segundo já era mais curtinho, com umas letronas, e quando a gente lê, enxerga todas as lacunas que poderiam ter sido preenchidas com mais da caracterização da cultura e do mundo de fantasia inventado pelo Max. Agora em 2000, saiu seu terceiro livro, a novela *Síndrome de Quimera*, lançada pela poderosa Editora Rocco. São só 109 páginas.

Não preciso nem dizer que é uma história bem vaga. O que preciso dizer é que é uma história bem kafkiana.

Li e fiquei decepcionado. “Mais Lumi!”, pensei. Finita também leu e gostou menos do que gostaria de ter gostado. Eu falei pra ela que, sendo uma obra kafkiana e simbolicamente vaga, ia fazer sucesso junto à crítica *mainstream*. Um dia depois comprei *O Estadão* e lá estava a resenha escrita por José Castello, “Mallman Faz Ficção com Humor e Horror” (9/12/2000). Kafka é citado quatro vezes no artigo; Mallman oito. Detesto quando estou certo.

Na novela, o personagem Viktor tem uma cascavel enrolada no coração. Qualquer susto maior, a cobra treme e ele tem um faniquito. É o típico tipo agorafóbico que se encontra na ficção pós-moderna brasileira, sujeito que morre de medo da realidade, por ela ser supostamente ameaçadora e inconstante. “Supostamente” porque, faltando detalhe, o leitor não sente essas qualidades. A contraparte de Viktor é também o seu melhor amigo, um cuca-fresca literalmente capaz que remover o cérebro da cachola, quando o peso da realidade aperta demais. Mas faltando caracterização, não se sente o peso. Todos os personagens são assim meio esquisitos — a mais normalzinha é uma menina que tem olhos fosforescentes. Precisa ser, porque se ela fosse um pouco mais

estranha, o leitor não sentiria a esperada atração por ela, refletida no interesse amoroso de Viktor. Esses personagens se movem num cenário escuro e vago, de uma Porto Alegre que poderia ser Praga ou Berlim (universalidade no estalar dos dedos).

Para completar o quadro kafkiano, Viktor é visitado por um estranho mas fiel indivíduo que se apresenta como “Semper Fidelis” (não, eu não vou cometer a presunção de achar que Max teria se inspirado num certo pseudônimo usado por mim, certa vez), agente de uma figura demoníaca que está atrás do pai do protagonista. O detalhe é que o pai é, na verdade, um ratão-dobanhado gigante disfarçado. Depois de Gregor Samsa transformado em barata, parece que tudo o que a ficção kafkiana conseguiu até aqui foi levar as suas alegorias do reino dos insetos para o dos mamíferos roedores.

Também como em Kafka, os encontros “amorosos” são furtivos e realizados em espaços opressivos pela sua escuridão e imundice (dálhe Freud nessas situações); e o protagonista nunca sabe muito bem quem, como ou porquê a respeito de tudo o que está acontecendo. É pra ilustrar a pressão sobre o Eu moderno, num mundo que não faz mais sentido. Mas fica a pergunta: já fez, alguma vez?

A trajetória de Max Mallman, de romances mais detalhados para a sua vaga novela, sugere um processo em que o autor se despe da influência da literatura de gênero, para enfim abraçar o fantástico literário — que no fim tá mais pr’um ramo do *mainstream*. Ela ilustra a dupla herança entre ficção de gênero e Modernismo, traça uma linha, e escolhe um caminho. Ingressa o autor, portanto, naquele pequeno rol de escritores nacionais que ilustram o mesmo dilema da dupla influência. Dois outros são Ivan Carlos Regina e Braulio Tavares.

Não é de se estranhar que o principal módulo do Max seja a sátira — quando aplicada à ficção de gênero, a sátira assume a forma de pastiche — como em *Confissão do*

*Minotauro* —, e aí incorre no que Clive Bloom chamou de “engano” e “violência”: “Todo o *pulp* tem sua história — apenas artistas complacentes se enganam a respeito, através da violência do pastiche benevolente.” O pastiche enfraquece a expressão do gênero, no seu próprio *continuum* de valores, e, em muitos casos, afirma a sua inadequação e inferioridade (especialmente no Brasil, onde há uma rejeição institucionalizada em torno da ficção de gênero, vista como uma importação promovida pela indústria cultural).

Mallman é sem dúvida um escritor talentoso, que merece a atenção tanto dos leitores de FC quanto dos de *mainstream*. A minha contribuição para a sua leitura por enquanto fica nesses termos interrogativos: a trajetória dos seus três trabalhos até aqui publicados sugere um enfraquecimento da expressão da FC e fantasia, preparando o terreno para um fantástico literário?

E fico aqui sentado, cuspidando pela janela, e esperando que o Max me contradiga, no seu próximo livro (ainda que ele não tenha obrigação nenhuma de o fazer).





**T**emos o prazer de publicar a história vencedora do Turno da Noite — 1º Concurso Literário de Horror da Simetria (Associação Portuguesa de FC&F). E para nossa alegria o vencedor é o nosso velho conhecido, um dos mais talentosos escritores brasileiros de horror. Prepare-se, o texto a seguir o levará a caminhos surpreendentemente ocultos, macabros na obsessão de um homem em garantir que nenhum mal acontecerá à sua esposa.

# Eu Amo Minha Mulher

□ Carlos Orsi Martinho

Sonhei que acordava no meio da noite por causa de um barulho na cama, à minha direita, que é onde Lena, minha mulher, dorme. Ela não estava roncando, nem fazendo nenhum outro daqueles ruídos que as pessoas fazem à noite, enquanto dormem, isto é, nada com que eu já estivesse acostumado depois de dois anos de casamento.

Não era um som alto. Parecia papel amassado (*amassando-se*), ou passos sobre isopor. Ou o barulho que a gente ouve dentro da própria cabeça enquanto mastiga alguma coisa seca, quebradiça.

Algo assim.

No sonho, a luz da lua entrava pela porta de vidro da varanda. Então, mesmo sem acender nenhuma lâmpada, eu conseguia ver minha mulher (mais ou menos: mesmo sonhando, ainda havia bastante penumbra). Ela parecia dormir em paz, e respirava tão de leve que nem dava pra ouvir. Ou, na verdade, o som da respiração era abafado por aquele outro.

Sonhei que me mexia lentamente, com cuidado, e tive certeza de que o som vinha dela. Mas não da garganta, e sim de algum lugar mais abaixo. Seria o estômago roncando?

Movi as cobertas (e soube, acima de qualquer dúvida, que se tratava de um sonho: no mundo real, Lena acordaria assim que eu tentasse descobri-la. Minha mulher sente muito frio à noite), devagar, para ver se era possível perceber qualquer coisa, uma vibração da pele por debaixo da camisa fina do pijama.

No sonho, para minha surpresa, Lena dormia nua. O luar caía (derramava-se) diretamente sobre ela, com toda a intensidade prateada que só se vê em velhos filmes preto-e-branco e, claro, nos sonhos.

A visão me comoveu quase que até as lágrimas. Lembrei-me da primeira vez em que tinha visto minha mulher assim, dormindo, nua e inocente: num hotel, depois de um show em São Paulo, ainda no nosso tempo de namoro. Lembrei que tinha achado Lena tão, mas tão bonita que só olhar para ela havia sido quase demais para suportar, algo doloroso.

Não se trata de uma metáfora: o efeito era, sim, *fisicamente* doloroso. Toda a pele, todo pêlo e músculo e tendão, ardia com uma mistura de espanto, mistério e gratidão — afinal, com três bilhões de homens neste planeta, por que *eu?* — que quase me pôs de joelhos. E que de certa forma era algo doce, também.

Engraçado como, depois que a gente casa, essas impressões vão se diluindo.

Mas, no sonho, não havia diluição alguma. Como poderia haver, com a lua brilhando do jeito que brilhava?

Olhei, olhei com atenção. Olhei e ouvi, e finalmente achei de onde vinha o ruído: um tremor, quase não dava pra perceber, da pele abaixo do umbigo, mas ainda antes dos primeiros pêlos.

Observei com mais atenção: não era um tremor qualquer. Era um pulso. Uma batida. Tinha ritmo: um segundo coração. A pele não apenas subia e descia, mas também se dilatava, você entende, na horizontal, e se contraía.

Esse segundo movimento começou a me deixar preocupado. A pele me parecia não ser elástica o suficiente; o som que me acordara era, tive certeza, causado por esse esforço. O tecido, concluí, estava se rompendo.

E mal esta última palavra — *romper-se* — me passou pela cabeça, vi que o ventre de Lena, subitamente rijo, rachava. Partia-se, sim, mas não como tecido humano: de fato *quebrava-se*, como se quebra uma laje de granito, uma viga de concreto, um chão de terra dura. Abria-se em meio a tremores, fissuras e deslizamentos, como rocha sobre um vulcão.

E, como um vulcão, explodiu.

Mas era um sonho e, portanto, a coisa não me surpreendeu, embora o cheiro e o estrondo me fizessem recuar. A erupção propriamente dita não produziu sangue em estado natural, nem lava, mas uma nuvem seca de um pó vermelho muito, muito fino e que, depois de lançado a uma altura que não pude avaliar, caiu lentamente, espalhando-se pelo quarto, aderindo a tudo — a meus cabelos, narinas e garganta, à carne debaixo das unhas, ao espaço entre olho e pálpebra, e entre os dentes. Minha saliva ficou grossa, converteu-se em barro vermelho. Por algum motivo eu era incapaz de cuspir, e engoli golfadas daquilo. E aprendi qual era o gosto do sangue coagulado, da carne triturada.

Lena estava morta, e a culpa caía sobre mim. Eu tremia convulsivamente, tanto no sonho quanto em minha cama, lá no mundo real. E, em meio à nuvem de poeira que escondia o luar e contaminava os sentidos, ouvi um riso baixo, uma risada cruel, e vi, em meio à neblina úmida, rosada, produzida pela mistura do pó vermelho com as lágrimas em meu rosto, o brilho de um par de olhos malignos, frios, cheios de triunfo e escárnio.

Pensei em *Alien*, o filme; fiz força para pensar que tudo não passava de um pesadelo causado por indigestão, jornalismo sensacionalista e filmes ruins. Fiz força, tentei rir. Mas nada que eu fizesse poderia mudar o que tinha



visto e, Deus me perdoe por isso, o fato de que aqueles eram olhos iguais aos meus.

Meu tremor e meus soluços obviamente acordaram Lena, que, muito preocupada, acendeu a luz e, assustada, perguntou o que estava acontecendo. Disse que tinha tido um pesadelo, sorri um sorriso trêmulo, enxuguei os olhos e o nariz na manga do pijama, pedi desculpas e fui ao banheiro.

Lá dentro, sentado no bidê, deixei o frio do piso de cerâmica me subir pelos pés descalços, pelas pernas, para me dar firmeza, e mordi os nós dos dedos da mão direita quase até tirar sangue, até parar de tremer, e pensei. Pensei bastante.

Este já era o quê? O terceiro, quarto aviso. O primeiro sonho do tipo tinha vindo logo depois daquela cagada, quando Lena me fez perder o controle e trepamos no carro, depois do jantar na casa de uma amiga, depois do vinho, sem camisinha nem pílula nem nada. Falei pra ela passar na farmácia no dia seguinte, e a Lena só balançou a cabeça, disse que ia "pensar". Depois, outro pesadelo, o primeiro com o monstro que tinha meus olhos, quando a menstruação não veio. E, depois ainda, a mendiga morta que vi na rua, moscas dentro da boca, bem no dia em que saíu o resultado do exame.

Agora que a barriga começava a despontar...

Eu não podia continuar ignorando os avisos.

Já tinham passado os três meses em que dizem que é comum o aborto espontâneo. Se eu deixasse que crescessem mais dois, a coisa já teria forma, tamanho, de criança. Ia ser tarde.

No segundo mês eu tinha saído, passado horas a fio andando de noite, debaixo da chuva fina, da garoa que — onde li isto? — escrevia-se a si mesma no céu, como tipo itálico sobre folha escura.

Horas.

Tentando pegar uma gripe, uma pneumonia, pra levar pra casa. Tudo que consegui foi cruzar com um tipo mal encarado que arreganhou os dentes (sorriu?) pra mim e ficou me encarando por pouco menos que um minuto, provavelmente pensando se valia a pena me assaltar.

Também tratei de bolinar a Lena na cama, algumas vezes, com as unhas deliberadamente sujas; mas nada disso fez efeito.

Imagino que seja difícil pra você entender o quanto eu amo minha mulher. Como sou incapaz de admitir qualquer risco à sua vida, sua saúde. Dizem que essas coisas não acontecem mais; que não se morre mais ao parto, não numa família de classe média, com acesso à medicina moderna, no início do século XXI. É o que dizem. Também dizem que a mulher existe para ter filhos. Para nutrir e amar, durante nove meses, a criatura estúpida e patética que pode destruí-la a qualquer momento.

Eu sei para que Lena existe, e não é para isso. Ela existe para que eu a ame; mais nada é necessário. Nenhum risco é bem-vindo.

E eu não podia continuar ignorando os avisos. Porque, veja, há coisas que *sei*; no início parecem improváveis, incríveis, mas no final eu sempre *sei*. Com Lena foi assim: a gente se conheceu há quinze anos, ainda no colégio, e eu soube que ela existia para *mim*. Descobri qual faculdade ela queria fazer, e prestei o mesmo vestibular.

Vi quando ela namorava outros, mais fortes, mais ricos do que eu, mas nunca me desesperei. Porque eu *sabia*.

Também me envolvi com outras mulheres — mas nunca, e não importa o que eu dissesse a elas, a sério. Passaram-se três vezes cinco anos desde que eu *soube*; e então, conforme previsto (por *mim*), nos casamos.

— Você não desiste fácil — disse ela, sorrindo, no dia em que me aceitou.

— Você é que demora para aprender — respondi, em tom de brincadeira.

Eu não queria filhos. Eles não poderiam acrescentar nada ao que tínhamos. Lena parecia concordar comigo, até aquele jantar, três meses atrás. Fico imaginando se ela não me deixou com a maior parte da garrafa de vinho de propósito; se ela não me tocou no carro de caso pensado.

Porque Lena sabe como fazer isso comigo. É a única mulher que consegue, digo, que *realmente* consegue me afetar dessa maneira. Nem eu mesmo sabia até onde podia ir, do que meu corpo era capaz. Não até Lena me tocar pela primeira vez, durante o namoro, e em todas as outras vezes, depois.

De qualquer modo, foi naquela noite, depois da loucura no carro, que tive o primeiro sonho — que eu soube. Como tinha sabido que iríamos nos casar, quinze anos antes do fato. Entende? Não se trata de superstição. Eu soube, acima e além que qualquer dúvida, que algo de novo, de assustador, havia entrado em nossas vidas. Que uma criatura crescia no útero de Lena, oculto e à espreita como o vampiro que teme a luz do dia; alimentando-se; ganhando corpo, como um tumor, às custas do sangue, da própria essência de minha mulher.

Eu soube que, ao nascer, essa criança, esse parasita sem mente e sem remorso, iria matar minha mulher.

Claro, nunca cheguei a sugerir o aborto. Não explicitamente; quando vi que ela não iria à farmácia, no dia seguinte, soube no mesmo instante que tentar forçar a questão só serviria para deixar o clima pesado — sem resultado algum.

O fato de eu não ter falado nada diretamente não significa, porém, que não tenha tentado insinuar alguma coisa. Várias vezes — não tantas a ponto de Lena suspeitar, mas, ainda assim, em um número razoável de oportunidades — perguntei se ela "queria mesmo aquilo", e afirmei que eu estaria pronto para apoiar "qualquer decisão". Afinal, era o "corpo dela".

Ela respondia acenando com a cabeça, e sorria. Eu amava aquele sorriso pelo que era, e o detestava por seu significado.

Passaram-se assim os três meses, a época do provável aborto espontâneo. Nesse período, fiz um pouco mais de barulhos bruscos no meio da noite do que seria normal. Também fingi estar com problemas no trabalho, sem dinheiro, na esperança de que o estresse precipitasse alguma coisa. Certa vez, antes de uma viagem de negócios, furei deliberadamente o pneu de nosso carro, para que ela tivesse que trocá-lo sozinha.

Eu não ousava agir diretamente contra o corpo de Lena, introduzindo drogas na comida ou oferecendo "vitaminas" saídas de *O Bebê de Rosemary*. No entanto, nenhum dos métodos sutis parecia funcionar; e assim os três



meses se passaram sem que a solução se apresentasse por si mesma. E, na nonagésima noite, sonhei o último aviso.

Tínhamos uma amiga comum, Bete, que tinha sido minha namorada durante alguns poucos meses, antes de eu e Lena finalmente nos acertarmos. Bete lidava com certas coisas — chás, pedras, astrologia, cartas, espíritos — e de uma maneira, ao que tudo indicava, bastante eficiente: a atividade lhe permitia viver numa casa enorme, o aspecto externo copiado de algum seriado americano sobre uma família de políticos texanos, em um condomínio fechado, à beira de uma das principais reservas ecológicas do estado.

O lado ruim disso é que, para ir até lá era preciso um jipe, picape 4x4 ou muita, mas muita força de vontade mesmo.

No final da tarde do dia seguinte ao último aviso, sai do trabalho, no fórum, e fui até uma padaria próxima. Tomei duas caipirinhas, a primeira quase só limonada, a segunda, pinga pura. Eu estava tão preocupado que nem senti o álcool vagabundo me queimar a garganta, só o calor ácido no estômago.

E, enquanto o calor da pinga me subia pela garganta e invadia o cérebro, aquecendo até o fundo dos olhos, decidi, num impulso, pedir ajuda a Bete. Afinal, ela era amiga minha, amiga de Lena, e certamente faria de tudo pra impedir que algo de mau nos acontecesse... Além disso, Bete era parcialmente responsável: a cagada tinha acontecido quando Lena e eu saíamos da casa dela. O vinho era dela, cacete.

Talvez ela soubesse de alguma forma de evitar o pior.

Eu não tinha jipe ou picape, e portanto sofri muito para chegar lá. Não liguei avisando que ia, com medo que Bete contasse alguma coisa a Lena antes que eu tivesse tempo de explicar tudo direito, o que só daria pra fazer pessoalmente.

A estrada era estreita, de terra. Fazia tempo que não chovia, por isso o carro levantava muita poeira. Parte do caminho margeava uma encosta, coberta de mato cerrado, mal-e-mal contido por uma cerca enferrujada de arame farpado, de um lado, a um barranco perpendicular do outro. Para além do barranco dava pra ver a cidade e o pôr-do-sol. Naquela hora era uma vista e tanto, mas eu imaginava como seria na volta, com a noite já instalada. Imaginava o carro quebrando ali, no frio, no escuro. Insetos, ratos, cobras e gambás.

E corujas, também; sem qualquer motivo aparente, me lembrei de que aquela seria uma noite de lua nova, a mesma fase de quando a merda (o *inconveniente*, como Lena costumava dizer, antes que ficasse claro que ela queria a criança) tinha acontecido. Quem sabe depois, na volta, eu não conseguia achar o lugar exato.

Porra, e pra quê?

Assim que Bete apareceu à porta, com suas sandálias de tira de borracha e sola de pneu velho, minissaia de vinil imitando couro (e ela poderia ter comprado couro legítimo; o vinil era uma opção estética, assim como o comprimento da peça, que deixava duas meias-nádegas, opulentas e arbitradas, de fora), brincos redondos, enormes, blusa translúcida (peitos empinados, sem sutiã, despontando por baixo), lentes de contato em forma de es-

telas de cinco pontas e a boca lambuzada de batom vermelho (que ela usava todo dia, toda hora, pra esconder uma tatuagem esquisita no lábio, feita anos antes), fui tomado pela certeza de que a decisão de ir falar com ela tinha sido errada: no mínimo ela ia me socar um papo qualquer sobre gnomos e anjos da guarda, receitar um chá fedido, com mel ou açúcar mascavo para me acalmar e, no instante seguinte, ligar pra Lena e contar tudo.

Eu tinha agido num impulso idiota, e agora era obrigado a me virar pra sair dessa.

— Oi — falei, tentando disfarçar o fato de que não conseguia tirar os olhos daqueles peitos rosados ou que, quando o fazia, era apenas pra olhar pras coxas nuas. Lena, certa vez, tinha me perguntado como eu havia me envolvido com Bete, “uma pessoa muito legal mas, como mulher, assim, tão vulgar”. Na época achei melhor não dizer que a vulgaridade, de certa forma, me excitava.

— Oi! — ela respondeu. — Nossa, que surpresa! — Dava pra ver que havia alguma coisa nos olhos dela, mesmo com as pupilas dentro daquelas estrelinhas ridículas. E não era só surpresa. Ou, talvez, não fosse surpresa alguma, mas outra coisa, bem diferente. — A Lena não está com você?

Agora, veja que situação: eu não queria falar sobre meus sonhos, sobre os avisos, mas tinha que inventar alguma coisa pra justificar a visita, o fato de eu ter ido até lá. E era preciso que fosse algo que Bete jamais pensasse em discutir com Lena. Não queria que minha mulher soubesse que eu tinha estado ali; se Lena pedisse explicações, eu provavelmente acabaria falando sobre os avisos, e iríamos brigar.

Eu não queria brigar; afinal, amo minha mulher.

Já estávamos, a essa altura, dentro da casa, numa sala enorme.

— A empregada já foi — Lena disse.

— Ah. — Eu respondi.

Tinha um quadro novo na parede: mostrava uma mulher não muito bonita mas também não exatamente feia, com cabelos cacheados e um decote enorme, que me fez pensar, no mesmo instante, na blusa transparente de Bete. Tudo emoldurado por rosas e trepadeiras. Os cabelos cacheados e o decote, digo. Não a blusa.

Transparente.

— Quem é? — perguntei, olhando nos olhos de estrela.

— É uma reprodução de um retrato famoso.

— Mesmo? Nunca vi antes.

— É. A retratada é uma das amantes de um dos Luíses da França.

— E por que você escolheu justo ela?

— Não sei... Inspiração, talvez?

Diante da pintura havia uma mesinha com uma escultura de bronze: três mulheres junto a um tear. Uma puxava o fio, outra parecia analisá-lo detidamente, e a terceira tinha uma lâmina na mão. Não sou um gênio, mas tenho cultura suficiente para reconhecer as Parcas — o destino.

Os peitos empinados de Bete subiam e desciam. A coxa nua parecia dourada debaixo da luz amarela da sala, o vinil era quase convidativo e eu, vítima de uma certa queda pela vulgaridade, finalmente soube qual a melhor forma de justificar minha presença ali.



— Você sempre atende à porta vestida assim? — eu disse, apontando para a faixa de plástico, a minissaia, jogada por cima da cama.

Bete, virando na cama para me encarar, deu de ombros: — É minha roupa de ficar em casa... — e, me olhando meio de esquelha, com aquelas lentes estreladas: — Ciúme, é?

Fiz que não com a cabeça: — Imagino se o entregador do supermercado nunca teve idéias... Ainda mais num fim de mundo destes.

Ela riu e mostrou as unhas, compridas e vermelhas, flexionando os dedos como se fossem garras: — Sei me defender. Sou uma bruxa, lembra?

De repente, me convenci de que comer a Bete de novo tinha sido, no final das contas, a melhor solução. Agora, tínhamos um segredo em comum, e alguma intimidade, eu imaginei, o suficiente pra ela não me vir com algum amuleto do anjo da guarda, conversa mole freudiano-jungiana ou outra cagada do tipo. Eu achei, enfim, que poderia me abrir e obter uma opinião que não fosse estritamente protocolar.

Então, falei: sobre os sinais, premonições ou sei lá o quê, os sonhos, e minha certeza de que a gravidez de Lena não podia seguir adiante, de jeito nenhum.

— Esse pivete é um assassino, eu sei — murmurei, mordendo a orelha de Bete. Enquanto falava, quase sem perceber, tínhamos começado a trepar de novo. — Eu amo demais a Lena. Não quero...

Bete estava gozando. Educadamente, esperei que terminasse.

— ... que nada aconteça. — Concluí, assim que a respiração dela voltou ao normal e senti diminuir a picada das unhas nas minhas costas.

Ela quis ficar abraçada um pouquinho. Depois levantou, foi até a mesinha do telefone, rabiscou alguma coisa num pedaço de papel amarelo e me entregou:

— Vá falar com esta mulher — ela disse. — É “A Vizinha”. Não, ela não mora aqui perto. “A Vizinha” é o nome... — Bete fez uma pausa. — Enfim, é o nome que as pessoas usam pra falar dela.

Olhei o endereço. Não ficava numa área das mais respeitáveis. Comentei o fato.

— O tipo de serviço que você está procurando nunca fica.

— Não quero drogas, sopas, chás — falei, repetindo o que já havia explicado antes. — Não quero que Lena saiba ou desconfie...

Bete sorriu:

— Não se preocupe. Pode ir sozinho. A Vizinha vai pedir que você faça algumas coisas, mas nenhuma delas vai envolver Lena... não diretamente, pelo menos. E, depois...

— Eu estou certo, não estou? — Esta era a primeira vez que tinha alguma dúvida. Bem na hora certa.

— Sim, está — a expressão de Bete era sombria, a despeito do efeito alegre, meio tolo, das lentes de contato. — Os sinais são, mesmo, muito fortes. Fale com A Vizinha. Por Lena.

Agradei e me levantei, começando a me vestir. Depois mudei de idéia e corri pro banheiro pra tomar uma ducha: estava coberto de manchas de batom, e nos lugares



mais inconvenientes. Ducha ou não, já estava atrasado, e ia ter que inventar uma boa desculpa em casa. Quanto à tal da Vizinha, iria vê-la no dia seguinte.

Enfiei a pá, com força, na boca do primeiro cretino, o mais moço e que segurava a arma, e tive a satisfação de ver o “O” da boca aberta crescer de repente, virar um sorriso, grotesco e obscuro quando a carne, nos cantos, se rasgou com o impacto. O som dos dentes se quebrando também não foi nada mau. Achei que talvez tivesse separado de vez a mandíbula do resto do crânio, entende, e que o veixo do idiota fosse cair, solto, na grama. Talvez quicasse.

Infelizmente, não foi o que aconteceu. Mesmo assim, o golpe deve ter quebrado o Atlas, o osso da base do crânio, porque a cabeça deu um pulo esquisito e o cara desmontou no chão, amontoou-se como uma roupa suja largada.

O outro, o velhote, saiu correndo. Fui atrás dele.

Já passava da meia noite, e o ar gelado queimava nos pulmões. A lua, crescente, era uma apara suja de unha pendurada no céu. Eu tinha levado uma lanterna comigo — minha única ferramenta —, mas não seria burro de usar agora. Então, no escuro, comecei a perseguir o estranho pelo cemitério.

Mais cedo, dezessete horas antes, tinha ido ao, perdão, “consultório” da Vizinha — uma saleta comercial na sobreloja de um prédio que, para mim, tinha desmoronado há tempos; o mesmo edifício que abrigava, no térreo, a barbearia onde meu pai me levava pra cortar o cabelo, na melhor metade dos anos setenta.

A região ao redor havia sido um bairro comercial respeitável até o cinema da praça virar um inferninho pornô, no início dos anos oitenta. Sem a âncora oferecida pela presença de entretenimento respeitável, a noite, ali, foi rapidamente invadida por outros tipos de diversão. Com o tempo, as lojas que tinham algum futuro passaram para os shoppings, e ninguém ficou lá muito surpreso quando uma iniciativa de revitalização da área — basicamente, a prefeitura resolveu trocar o piso de paralelepípedo por hexágonos coloridos de concreto — não surtiu efeito.

Fiquei surpreso em ver o prédio de pé; em notar que a barbearia ainda funcionava e, ainda mais, quando percebi,



no piso do térreo, o mesmo padrão abstrato, de losangos e quadrados entrelaçados, que eu costumava observar com tanta atenção na infância, enquanto o barbeiro brincava com meu pescoço como se eu fosse um boneco articulado.

Para um garoto aborrecido de nove anos, aqueles desenhos eram como uma droga, um ponto de fuga; eram quase hipnóticos.

Vê-los exatamente no mesmo lugar, só que mais desbotados — marrom e amarelo, em vez de vermelho e laranja —, e meio escondidos, soterrados por trinta anos de poluição e higiene ruim, era como vislumbrar o labirinto perdido de Creta a surgir, aos poucos, no meio de uma escavação arqueológica em um depósito de lixo.

O próprio barbeiro talvez ainda fosse o mesmo, embora mais velho e, num toque que seria irônico, não fosse pela obriedade, totalmente calvo. Dificilmente, portanto, um Minotauro.

No cemitério, mais tarde, o Minotauro com certeza era eu, perseguindo o desconhecido em meio ao labirinto de túmulos antigos; tão triste e deprimente, e silenciosa, esta parte velha, onde só existe gente enterrada há mais de cem anos, gente de famílias que não existem mais, de sangue que se diluiu e se espalhou; ossos que só não tinham sido removidos dali por causa de meia-dúzia de beatos-defuntos que ainda operavam um ou outro milagre modesto, curavam unha encravada e olho gordo; e pelo também suposto “valor histórico” de alguns anjos de bronze, Cristos barrocos de mármore branco, Virgens entalhadas em pedra negra e cor-de-rosa. Também.

Os espaços entre as sepulturas mais antigas estavam cobertos de capim e erva, portanto nossos passos, os meus e os dele, não faziam som algum. Contrariando o clichê, as poucas árvores que cresciam naquela parte do cemitério não tinham nada de esquelético: mantinham-se, em pleno inverno, saudáveis, sólidas, escuras, cheias de galhos e folhas.

Estátuas de Cristo e sepulcros caiados faziam-me pensar no ventre de Lena; lápides de granito, no terremoto de meu sonho, na nuvem de pó vermelho, no estrondo, no Último Aviso.

Apertei o passo; o vento gelado me arrancava lágrimas dos olhos. Minha respiração, condensada pelo frio, desenhava um traço branco na noite.

Em algum lugar, uma coruja piou. Mau agouro?

Encontrar os dois ladrões de sepultura tinha sido, sem dúvida, um golpe de azar.

Ou não?

A porta da sobreloja ficava nos fundos da barbearia. Dali passei a uma escada que cheirava a café velho e feijão queimado, ladeada por um corrimão de madeira encardida que balançava e ameaçava cair ao menor toque. Na sobreloja havia umas quatro salas, mas só duas não estavam trancadas com cadeados pendurados pelo lado de fora. O endereço que Bete me passara falava em “sala 3”, mas não vi nenhum número nas portas.

Devagar, rangendo, uma das duas portas destrancadas se abriu. Um cachorro saiu de lá — um bicho meio amarelado, sujo, magro, de pêlo curto. Mancava de uma perna e moscas voavam ao redor de uma ferida, aberta pouco abaixo da última costela (cada osso era perfeitamente vi-

sível). Tinha olhos castanhos e uma faixa preta lhe corria do focinho e até a nuca, tocando ambas as orelhas e afirmando-se em seguida, como uma cruz borrada. Ele parou junto à minha perna, latiu três vezes, olhou para mim, balançou a cabeça, triste, a língua muito vermelha; por um segundo, pareceu que o cretino ia ficar ali, me encarando com aqueles olhos úmidos de bicho que vive de pedir resto de comida. Só que de repente virou, e foi embora.

Sorte dele: o vira-lata fedia tanto que mais um instante e eu o teria chutado.

O chute do cretino me acertou de raspão, no lado de dentro da coxa. Se eu não tivesse girado o corpo rápido, tinha me amassado os bagos. De qualquer forma, o choque me fez perder o equilíbrio, e caí. Eu só havia reagido, me esquivado, por puro instinto; brigar, acho, é feito andar de bicicleta: não importa quanto tempo a gente fica sem praticar o troço, no fundo sempre tem uns macetes que o corpo, mais do que a cabeça, nunca esquece.

O velho (este segundo ladrão de túmulos era um sujeito de, sei lá, sessenta, sessenta e poucos anos, mas ainda contava com um fôlego danado) tinha se escondido na curva de um daqueles mausoléus antigos, parecidos com capelas em miniatura. Caí e rolei pela grama suja do cemitério, sentindo o orvalho me empapucar toda a roupa; por pouco não estourei os miolos no canto de um outro túmulo próximo, revestido de granito. Ato contínuo, o ladrão pulou em cima de mim, punho esquerdo armado pro murro.

Canhoto, o filho da mãe. Aquilo me deu uma idéia. Sorri.

A queda tinha me atordoado um pouco, é verdade, mas nem tanto assim. Foi só levantar a perna direita, meio dobrada, ao mesmo tempo em que girava o corpo um pouco de lado, e pronto: meu joelho encaixou direitinho na virilha do imbecil.

Ele fez um ruído como se fosse cuspir as bolas e, mesmo com a luz fraca da apara de lua, posso jurar que ficou uns dois tons mais branco. Então arriou o corpo e o agarrei pela camisa, enquanto me levantava.

— Já matou alguém? — Perguntei, já em pé, o velho ajoelhado na minha frente; ele só conseguia manter a parte de cima do corpo ereta porque eu o sustentava pela gola da camisa.

— Quê...?

— Responde, caralho!

— Eu... eu...

— Fala, porra!

— Você não entende...

Dei um puxão, com força, na gola da camisa do velho e, aproveitando o impulso, enfiei o joelho, de novo e com muito gosto, no saco murcho. Ele não gritou (desta vez, nem grunhiu) mas começou a se mijar. Sei porque senti o cheiro, misturado ao de sangue.

Pensar que uma mulher tinha se arreventado toda, quem sabe até morrido, pra pôr um bosta desses no mundo.

— Já. — Ele respondeu, uma meleca grossa escorrendo do olho, à guisa de lágrima.



O cão saiu ganindo, como se adivinhasse o que eu queria fazer com ele. Ainda latiu mais uma vez, da beira da escada.

Bicho estúpido.

— Quer entrar?

Uma voz de mulher, vinda da porta por onde o cachorro tinha saído, convidava.

— Vizinha?

— Eu, Venha.

Obedeci. A sala era um cubículo, menor que o corredor entre a suíte e o banheiro lá de casa; era possível atravessar o “consultório” da vizinha em três passos, no comprimento, e dois, na largura.

Não havia mobília. A mulher sentava-se no chão. As duas paredes mais estreitas eram azuis e as duas mais largas, vermelhas.

— Mão-de-glória — disse a Vizinha. — É disso que você precisa.

— O quê? — Eu não havia me apresentado. Não tinha dito meu nome. Nem meu problema.

— Para fazer a criança sumir — ela disse. — Põe mão-de-glória em casa.

Sorri. Claro, Bete havia avisado que eu iria aparecer. E o que diabo era uma “mão-de-glória”? A mulher ia tentar me vender uma em seguida, tive certeza. Mas resolvi perguntar, mesmo assim:

— E o que é isso?

— Mão esquerda de um assassino canhoto. Mumificada, ou só o osso. Isso é que é.

O que eu vou dizer agora vai soar meio engraçado, mas o fato é que a idéia me pareceu perfeitamente lógica; se ela tivesse uma dessas mãos ali, eu compraria no ato:

— Só isso? E você tem uma para vender?

Ela balançou cabeça, fazendo que não:

— Cada um tem que fazer a sua. Vá ao cemitério. Parte velha. Hoje à noite, meia-noite, e vai ser arranjado.

— Cemitério? Meia-noite? E levar o quê? Frango, farofa e charutos? — eu me sentia ridículo e apreensivo ao mesmo tempo; suave um pouco. Talvez tremesse: havia algo de não muito saudável no ar. — Ferramentas? Como vou entrar?

— Não precisa. Vai ser arranjado.

Ela fechou os olhos e vi que não me diria mais nada. Me virei pra ir embora, mas antes de sair perguntei, por cima do ombro:

— E quanto lhe devo?

— Vai ser arranjado.

Primeiro enfiei a cabeça do velho, com força, no canto de granito de um túmulo próximo, o mesmo em que eu quase tinha perdido meus miolos. Acho que a porrada pegou num ponto bom do crânio, porque o osso estourou fácil, logo na primeira. Tenho a impressão de que o velhote gritou, mas também pode ter sido o vento nas folhas.

Depois, voltei até onde tinha deixado o primeiro corpo, o do moleque com seu sorriso expandido. Peguei pá, alicate, arma, serra, uma sacola Nike cheia de pedaços pontudos de madeira — todo o material que os dois estavam carregando quando os surpreendi — e levei tudo pra perto do velho.

Chequei o tambor do revólver: só uma bala, que parecia brilhar, prateada, sob a luz da lua.

Não que eu estivesse reclamando. Ao chegar ao cemitério, à meia-noite, tinha achado o portão lateral, que dá acesso à parte antiga, aberto; a corrente do cadeado, cortada. Andei um pouco, ouvi barulho e resolvi ser mais discreto. Me esgueirei por entre os túmulos e vi os dois, usando serra e alicate para abrir a grade de bronze de um túmulo baixo, sem marcas, de mármore negro.

A pá estava caída, meio de lado. Pondo fé no “será arranjado” da Vizinha, eu não tinha levado ferramentas; então, corri para pegá-la.

Foi aí que o moleque se virou, sacando a arma. Em vez de atirar de uma vez, o idiota abriu a boca pra dizer alguma coisa.

O resto, você já sabe.

Enquanto terminava de serrar a mão esquerda do velho concluí que, no final das contas, eu tinha tido muita, mas muita sorte.

De tarde, depois da minha consulta com a Vizinha, não fui trabalhar. Almocei e fiquei em casa. Lena estava um pouco chateada por causa da noite anterior, quando eu tinha me atrasado, e por isso decidi ficar por perto, fazer um pouco de companhia, e pensar direito em tudo que andava acontecendo.

Lena é advogada, e na época tinha resolvido dar um tempo no escritório pra, como ela dizia, “curtir a gravidez”. Fico pensando, que merda é essa que dá na cabeça das mulheres? Criam um vermezinho dentro da barriga, uma coisa que come o que elas comem, rouba-lhes o fôlego, que lhes suga o sangue, deforma o corpo... E acolhem tudo, abraçam tudo. Que algumas se expusessem à tortura para agradar aos homens (pois o sexo masculino contém uma malta fantástica de psicopatas que, simplesmente, exigem ter filhos), era triste, mas real e, de certa forma, compreensível; mas que alguma mulher pudesse desejar crianças? Inconcebível.

Só que lá estava Lena, felicíssima enquanto amarrava uma corda em torno do próprio pescoço, irritada porque, de alguma forma, intuíra que eu tentava salvá-la. Aquela foi uma tarde especialmente infeliz para mim — uma das vezes em que o olhar de minha mulher esteve fechado para mim.

Não os olhos, perceba: o *olhar*. Acho que todo mundo que tem uma vida com outra pessoa já percebeu isso: que existem momentos em que a mulher olha pra você e há algo de realmente *aberto* nos olhos dela, mais do que o simples fato de as pálpebras estarem erguidas, ou as pupilas, dilatadas. É uma ponte, um convite, um arrepio gostoso.

E, às vezes, o canal se fecha. Simples assim: você olha nos olhos dela e o que está lá não é mais líquido, fluido, aberto, mas sólido como um muro de concreto. Lena passou a tarde me encarando dessa forma.

Depois do almoço fomos tirar um cochilo, e depois de uns minutos tentei trepar, mas ela não quis. Não era charme: Lena *não queria* sexo comigo, e ponto. Nessa hora senti as mãos tremendo, a necessidade urgente de usar os punhos cerrados, de lacerar os nós dos dedos, de enterrar os dentes em algo não muito macio, algum lugar



de onde pudesse tirar sangue, de onde o sangue fluísse quente e saboroso.

Mas eu me contive. O monstro ainda estava dentro de Lena, e era improvável que eu conseguisse puni-lo sem machucar minha mulher.

Foi nesse exato momento que minhas últimas dúvidas quanto a seguir as instruções da Vizinha se dissiparam em definitivo.

Ergui a mão sangrenta, já destacada do corpo, e a estudei. A noite ia ficando cada vez mais escura, e uma névoa fina começava a se projetar do solo; tive a vaga esperança de que os gases do cemitério produzissem lampejos, fogos-fátuos.

Subitamente certo de que nenhum vigia iria aparecer — afinal, nenhum tinha surgido até o momento — saquei da lanterna e a usei para analisar a mão.

Eu já sabia, é claro, que a peça tinha pertencido a um homem de certa idade, mas os sinais do envelhecimento presentes na mão me deixaram fascinado: as manchas senis sobre o dorso, entrecruzado por veias flácidas e, agora, quase vazias; uma delas, especificamente, que se estendia da base do dedo médio até a curva do polegar, pendia como um pedaço frouxo de barbante esverdeado.

As polpas dos dedos eram rijas, calosas; a palma, áspere. Mesmo velho, o homem não havia evitado trabalho manual. Não vi anéis, e as unhas, embora bem cortadas, não revelavam nenhum tipo de cuidado especial. Um cheiro leve de tabaco cercava a mão, como uma aura. Aroma muito suave, muito rico, para pertencer a um cigarro comum. Cachimbo ou charuto, talvez?

Aos poucos, fui atinando com um novo problema: a mão-de-glória tinha que ser *mumificada*, e aquela era uma mão *fresca*. O que fazer?

Meu coração como que encolheu no peito. Enquanto minha mente produzia e descartava, em velocidade vertiginosa, planos para converter o pedaço de carne fresca em um objeto aproveitável, eu sentia o ácido em minhas entranhas, meu corpo a devorar-se a si mesmo. Uma fraqueza súbita me atingiu as pernas e caí, de joelhos, na grama molhada do cemitério.

A névoa, que já ia alta, me engoliu por completo.

Estranho, o mundo dentro daquela neblina — havia fogos-fátuos, sim, mas leves, tênues, de cores que eu jamais teria suspeitado. A diferença de temperatura também me pareceu notável: a névoa era tão mais *fria* que o ar acima.

E então a neblina falou comigo.

Não era exatamente um som; não mais do que a vibração do vento e o choque da chuva sobre a pele são, de certa forma, sons. Menos ainda que um sussurro, no limite em que tato e audição se encontram, indiferenciados, ambos sensíveis a um tipo primitivo, incomum, de pressão.

E o que a neblina disse foi:

*Obrigado.*

A mão esquerda do velho enrijeceu-se de repente; única coisa seca em meio ao oceano de névoa úmida onde dezenas, dúzias de pequenos fogos-fátuos piscavam como outros tantos olhos, sem face e sem corpo. Instantes depois, a névoa tinha retornado aos recessos do solo, e eu segurava, em minhas mãos, uma mão mumificada.

*Obrigado e até breve*, disse o último fiapo de névoa.

Mal tive tempo de esconder a mão-de-glória em uma lata vazia de doces, na cozinha, antes que Lena chegasse, linda a despeito do ventre já levemente dilatado, os olhos inchados de quem havia chorado muito, a alça da camisa que não parava sobre o ombro esquerdo, insistindo em deixar o seio a descoberto. O mamilo rosado me encarava como um olho morto de ciclope, mas havia compreensão ali.

Já nos olhos de Lena...

— A que horas você saiu? — Ela quis saber.

— Onze e meia.

— Aonde você foi? Por que não me avisou?

Dei de ombros, sem dizer nada. Ficamos um pouco em silêncio.

— Sabe que horas são? — ela perguntou.

— Eu sei. — Respondi.

— Você está sujo. Molhado. — Ela disse.

— Eu sei. — Respondi.

— E onde você esteve? Pra ficar assim?

Não falei nada. Ela agarrou os cabelos, vermelhos e desarrumados — que gesto melodramático! — e puxou com força, gritando:

— Estou grávida! Sabia? Grávida!

Continuei em silêncio. Ela prosseguiu:

— Será que você não tinha época melhor pra arrumar uma vagabunda? Não? Não podia, pelo menos, *esperar a criança nascer*?

— Vagabunda? — Falei, sorrindo, erguendo os ombros como quem só então começava a entender: — Amor, eu não tenho...

— Eu conheço o cheiro! Tá legal? Vi isso ontem... E hoje à tarde... Você me chamou... Me chamou... Ah, não mente, porra! Me respeita, um mínimo que seja... *Não sou idiota*.

— E eu nunca disse que você era. Mas...

Ela não quis ouvir mais: jogou a alça por cima do ombro esquerdo, escondendo meu querido ciclope, se virou e correu para o quarto, batendo a porta atrás de si. Cheguei a tempo de ouvir a chave virando na fechadura.

— Querida — falei, com o nariz encostado na porta —, isto aqui não é novela das oito, saco. Se você tem algum problema, nós podemos...

Ouvi um som vindo de dentro do quarto. Podia ser um soluço, mas não havia como ter certeza.

— Deixa eu ficar aqui — ela disse. — Sei que é ridículo, parece anedota, botar o marido que chega tarde pra dormir no sofá, mas... me dá um tempo, certo? É o mínimo que eu mereço, depois...

— Depois do quê?

— Você me chamou de "Bete".

— Quê?

— Hoje à tarde. Vai dizer que não lembra? Na cama. Você chegou tarde ontem, me chama de "Bete" na cama e, hoje, chega com o sol nascendo. O que você...

— Amor, abre a porta. Eu...

— Não. Fica aí. Mais tarde, quem sabe... Desculpa o ridículo. Mas não quero você perto de mim. Por enquanto. Pelo menos.



Desconcertado, me afastei da porta e fui comer alguma coisa na cozinha. Depois voltei, bati, tentei falar, mas não obtive resposta. Então dei de ombro e fui dormir — não no sofá, mas no quarto de visitas, prestes a virar o quarto da criança. Felizmente ainda não tínhamos trocado a cama de solteiro por um berço.

Acho que bebi um bocadinho, também. Imagino que tenha sido o álcool: quando acordei, já havia escurecido de novo.

Tinha cheiro de sangue no ar.

Também percebi um som, contínuo, baixo, quase como uma segunda camada de silêncio a se sobrepor à quietude natural da casa. Esse murmúrio vinha da direção do quarto de casal. Fui até lá e me surpreendi ao encontrar a porta aberta.

O som, o “segundo silêncio”, vinha de lá de dentro, sem sombra de dúvida.

Era um choro agudo, monótono, às vezes espasmódico, como o de uma criança que não sabe bem como chorar e respirar ao mesmo tempo.

O choro de um recém-nascido.

Entrei.

Havia sangue nos lençóis — muito sangue. Sangue e uma outra coisa, mais espessa, flácida, da qual pendia um cordão de carne rosada.

Lena estava encostada, não, encolhida junto à cabeceira da cama, joelhos dobrados à altura do queixo, as pernas abertas, separadas por uma poça sangrenta. Era dela que vinha o choro, o murmúrio; mas não vi sinal algum de que minha mulher tivesse consciência dos sons que produzia. Os cantos de sua boca se moviam para cima e para baixo, continuamente, gerando esgares sucessivos de alegria e tristeza; e o olhar... o olhar não era mais aberto ou fechado, alegre ou triste: era vazio. Seco. Sem sentido, alma ou consciência.

No chão, ao lado da cama, com as unhas ensanguentadas, repousava, inerte, a mão-de-glória.

Bete e a Vizinha chegaram meia-hora depois. Acho que telefonei, chamando-as. Se bem que, na verdade, não creio que tivesse sido necessário.

A Vizinha foi a primeira a entrar no quarto; saiu de lá com alguma coisa embrulhada numa trouxa de lençóis sujos, passou direto por mim e sumiu na direção da cozinha, da área de serviço.

Bete me fez um carinho na orelha com as pontas dos dedos — uma coisa do nosso tempo de namoro — e disse: — Espere um pouco. Não saia daqui.

Em seguida, entrou no quarto. Pela segunda vez, em muito pouco tempo, ouvi a chave girar no lado de dentro. Meus ouvidos, meus tímpanos pulsavam numa batida firme e suave, como corações de bebê.

Não sei quantos minutos, ou horas, se passaram. Só me lembro de que, pouco antes de ouvir a porta sendo destrancada, tinha começado a sentir um cheiro curioso, como de gordura na chapa, que me fez o estômago roncar. Afinal, eu não comia nada desde o jantar da véspera.

Ouvi choro.

Bete saiu do quarto. Estava nua, e sorria. Notei que a tatuagem de seus lábios, linhas que faziam um zigzague com pontas para cima e para baixo, como dentes estiliza-

dos de tubarão, estava perfeitamente visível; mais nítida do que eu me lembrava.

A bruxa só não havia se despido das lentes de contato, mas elas estavam diferentes: agora, as estrelas apontavam para baixo.

Bete me pegou pela mão e me levou ao quarto. Lena estava lá — nua, também. A expressão idiota tinha partido de vez de seu rosto, substituída por um misto de malícia e maravilhamento; era como se visse o mundo pela primeira vez. Lágrimas lhe escorriam pelo rosto, muitas, muitas lágrimas, mas ela não parecia notá-las.

Havia manchas vermelhas pelo corpo, principalmente na área da virilha, mas ao me aproximar notei que não eram de sangue: tinham cheiro e consistência de maquiagem barata.

Percebi que as duas mulheres trocavam olhares *sobre mim*, a *despeito* de mim. Me senti fraco. Eu não tinha poder ou autoridade; estava ali como uma peça de mobília. Obedecendo a uma ordem que sequer teve de ser articulada, despi-me. Enquanto uma delas me chupava, a outra introduzia os dedos da mão-de-glória ora em meu ânus, ora na própria vagina. Só paramos quando a Vizinha veio nos avisar que o almoço estava servido — e, alegremente, com cebolas, batatas e vinho, consumimos o fruto do ventre de minha mulher, agora não mais minha, a menina-puta renascida em um parto lindo e glorioso, a derradeira das Três Irmãs.

Hoje, na casa de Bete, sob o retrato de Madame de Montespan, amante de Luís XVI e patrocinadora de deliciosas missas negras, agachado diante da cruz negra invertida, ofereço meu corpo como altar para o batismo profano da filha que gerei no ventre de Bete, na noite de lua nova.

Nada me foi explicado mas, nos meses em que me alimentaram e me usaram, consultei os livros de Bete e, neles, estudei, aprendi: a Arte Ancestral exige, sempre, três irmãs. Como as górgonas, as fúrias, as parcas: sempre três, três mulheres, uma a tecer, outra a medir, outra a cortar. Bete, iniciada pela Vizinha, tinha escolhido Lena para acompanhá-las, para ser o vértice perdido do triângulo, completar o círculo; eu tinha sido ferramenta, semente, pênis e fórceps, como agora sou o altar. Que me importa?

O Mestre se aproxima. Não posso me virar para vê-lo, mas sei quem é: o homem que sorriu para mim à noite, quando a chuva, oblíqua, escreveu no céu o texto que falhei em compreender. Ele era também a névoa, o sonho, o aviso e o fogo-fátuo; o Olho Único que as três bruxas da lenda partilham.

Não posso vê-lo, mas sei que traz uma faca, ricamente entalhada. Sei que Lena, Bete e a Vizinha irão beijá-lo, no ânus e na boca; sei que usarão meu sangue para consagrar a menina, a primeira de um novo círculo, e que, ao final desta missa ao contrário, de minha carne farão pão.

Mas, que me importa? Lena nunca mais terá filhos; e viverá uma vida longa, bela, rica e confortável. Isto é tudo que interessa.

Porque, veja, eu realmente amo minha mulher.



Tal como uma briga entre um Crente e um Ateu, entre Liberais e Socialistas ou Palmeirenses e Corintianos, a que existe entre Escritores e Críticos não é menos avessa a momentos de irritação incontrolável. Nosso diminuto fandom não escapa a esta dualidade e o escritor Lúcio Manfredi, faz uma divertida intervenção, usando o jargão clássico da FC, numa premissa por si só, bastante sugestiva: "E se os críticos fossem uma espécie alienígena?".

# LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

□ Lúcio Manfredi

Jeremias Moranu odiava esse tipo de clichê, mas tinha de admitir que aquilo *era* uma arma-laser e estava diretamente apontada para a cabeça dele. De pouco adiantaria sugerir ao autor que ele deveria ter optado por uma abordagem mais sutil e que muita água rolara por baixo da ponte desde os bons tempos da space opera, quando os heróis andavam pra cima e pra baixo brandindo suas pistolas. Pode até ser que fosse verdade, mas uma das virtudes do crítico descolado é saber o melhor momento para compartilhar sua sabedoria e este, definitivamente, não era um desses momentos. Em vez disso, o melhor a fazer seria ganhar tempo até que pudesse usar suas armas favoritas, racionalização e subterfúgio.

— Vamos conversar? — sugeriu o vocalizador.

Para surpresa do próprio Jeremias, o autor depositou sua arma na mesinha diante do aquário e sentou-se.

— É, vamos conversar.

Jeremias Moranu não se chamava realmente Jeremias. Essa era apenas a melhor solução a que o vocalizador chegara numa tentativa de traduzir seu verdadeiro nome, um padrão de cores que, no idioma dos críticos, significava qualquer coisa como "aquele que lamenta sem parar". Jeremias deveria ter sido uma larva particularmente grialhona para receber esse nome da rainha. Agora, porém, não estava com muita vontade de gritar. E percebeu que tampouco tinha nada a dizer. Esperara que o autor reagisse dizendo que não havia nada para conversar e estava preparado para responder com a arenga habermasiana padrão sobre como as partes em conflito sempre podem chegar a algum tipo de consenso, mas a concordância do outro pegara-o desprevenido. Ergueu o segundo de seus dezesseis pares de tentáculos e friccionou uma pata na outra diante do terceiro par de olhos esbugalhados, um gesto que, para os críticos, traduzia a mais profunda perplexidade. Para o humano confortavelmente instalado numa poltrona do escritório, entretanto, o gesto não tinha o menor significado.

— Achei que você quisesse conversar — resmungou, tamborilando a impaciência no braço da poltrona.

— Suponho que você está aqui porque não gostou da resenha que eu fiz de Trimalchia IV — tateou Jeremias.

— Não, eu adorei a resenha que você fez de Trimalchia IV — retrucou o autor.

Agora, o crítico esfregava nada menos que cinco pares de tentáculos diante de seus seis pares de olhos esbugalhados.

— Mas eu praticamente destruí o teu trabalho! Falei que havia tantas falhas de carpintaria que era de se espantar que a obra ficasse em pé sozinha. Disse que não passava de um amontoado de lugares-comuns que você parece ter colhido mais ou menos ao acaso no armazém da esquina... — o vocalizador fazia acompanhar cada palavra de um ruído de estática, sobrecarregado pela tentativa de capturar a tantalizante mudança de cores na carapaça do crítico.

— Eu sei.

— E mesmo assim, você adorou?

O autor levantou da poltrona. Jeremias se encolheu no fundo do aquário, mas o outro deu-lhe as costas e se aproximou da placa de transparência subjetiva. A segunda das três luas de Morania levantava-se no horizonte, banhando a sala com seu brilho violáceo.

— Ouvi dizer que, quando você era mais jovem, também se arriscou como autor.

Jeremias enrubesceu, o que, num crítico, não envolvia ficar vermelho e sim escoicear a parede do aquário com seu sétimo par de pernas.

— Ah, uma bobagem de juventude. Eu mal tinha entrado na minha oitava articulação — era impossível não notar uma certa vaidade na sintaxe das cores. — E foram só nove ou dez mundos.

O autor se aproximou do aquário, fazendo Jeremias estremecer novamente.

— Mas eu li cada um deles — assegurou. — Fui em todos os sistemas solares que você assinou, mergulhei minuciosamente na estrutura de seus mundos. De onde você acha que eu tirei os lugares que você acha tão comuns?

A carapaça de Jeremias soltou a explosão de azul que se poderia traduzir como um eureka. Era por isso que Trimalchia IV lhe parecera tão familiar!

— Você criou Trimalchia IV como um pastiche deliberado dos meus mundos?



— Mais do que isso. — Trimalchia IV tem um campo ontológico configurado para a tua estrutura ótica específica. Uma vez que você ponha seus tentáculos lá, estará preso pra sempre no envelope de realidade daquele mundo. Jeremias emitiu a exalação fedorenta que, entre os críticos, passava por uma gargalhada.

— Acontece que eu *nunca* piso num mundo que tenha resenhado negativamente.

— Eu sei — disse o autor, recuperando a arma da mesinha. Só então Jeremias notou que sua primeira avaliação sobre a natureza do artefato fora precipitada.

— Eu faço parte da décima-sexta articulação de críticos! — protestou.

Não era uma pistola-laser.

— Sou um dos críticos mais respeitados de Morania!

Era um teleportador.

Jeremias se fechou completamente dentro da carapaça, um gesto inútil de defesa que não o impediu de desvanecer em uma nuvem de partículas azuladas. Antes mesmo que a nuvem se dissipasse, o autor sabia que o corpo do crítico estava sendo reconstruído por um terminal de conexões não-locais instalado numa floresta de Trimalchia IV, onde Jeremias passaria o resto das duzentas e quarenta e três articulações que ainda lhe restavam. Talvez até se sentisse bem. Afinal de contas, os menores detalhes daquele mundo haviam saído de seu inconsciente. Mas o autor preferia que não. O que ele tinha odiado mesmo era a resenha de Esperia XI.





**J**orge Luiz Calife vive um bom momento. Há dez anos, desde o romance *Linha Terminal* — premiado com o Nova — não lançava um novo livro de FC, com o agora lançado, *As Sereias do Espaço*, uma coletânea, pela editora Record. E aqui ele comparece mais uma vez num conto-homenagem, como ele mesmo explica: "Esta história foi escrita no final de 1999, quando os originais do *Sereias* já estavam na Record. "Os Replicadores" surgiram porque era 1999 e eu queria fazer uma história que tivesse um pouco do clima do seriado *Espaço 1999*, do Gerry Anderson. Daí termos uma colônia espacial humana ameaçada por alienígenas que seqüestram a comandante (igual a doutora Helena Russell e o comandante Koenig viviam sendo abduzidos naquela série) e no final há um quase confronto entre uma nave alienígena e as naves de defesa da colônia (equivalentes as Eagles do seriado). Foi minha maneira de festejar 1999". Para os muitos fãs de *Espaço 1999*, aqui vão...

# OS REPLICADORES

□ Jorge Luiz Calife

## 1 - Alvin

A espaçonave deslizou silenciosamente pelo hiperespaço, aproximando-se de seu destino. Contrastando com o silêncio cósmico lá fora, o interior da cabine de comando ressoava com os acordes da Quinta Sinfonia de Beethoven. Recostado no sofá Alvin observava as estrelas se coagulando num aro na boca do wormhole enquanto tomava um suco de tomate sugando um recipiente plástico com canudinho.

— Reingresso no espaço de fase em dez segundos. Nove, oito, sete...disse o robô.

Alvin desligou a música e se concentrou na manobra. O anel de estrelas explodiu num céu estrelado a envolver a nave. Um planeta azul arroxeadado podia ser visto na distância.

— Faça contato com o controle de Sintron e peça permissão para atracarmos.

O robô se comunicou rapidamente com a inteligência artificial do porto estelar. O planeta foi crescendo até se tornar um enorme crescente atravessando o céu. Alvin observava um diagrama da rota de aproximação numa tela auxiliar quando o robô virou os sensores para ele.

— Temos uma chamada de Luciana Villares. Ela quer falar com você.

— Ponha na tela maior.

O lindo rosto da mulher apareceu reproduzido em cores reais. Aquele par de olhos cinzentos não mudara nada, mas Alvin notou que ela estava usando um penteado mais elegante e elaborado do que de costume. O cabelo preto liso fora penteado em mechas e tingido de um tom castanho com fios dourados.

— Ôi Alvin, eu ia mesmo ligar pra você.

Essa era a Luciana, você passa 2 anos sem ligar pra ela e ela não liga nem pra saber se você está vivo... Mas basta você aparecer e ela diz que estava pensando mesmo em te chamar.

— Estarei atracando em duas horas. Como vai você?

— Fui nomeada governadora de Sintron. Estou precisando muito de sua ajuda.

Devia estar mesmo, pensou o Alvin. Sintron não era uma democracia. Os governadores eram escolhidos por sorteio, feito pela I.A. da colônia a cada três anos. E qualquer pessoa podia ser nomeada, desde que tivesse as qualificações para isso.

— Luciana Villares, governadora de Sintron. Puxa, você podia ter me mandado um convite para a sua posse.

— Achei que ia parecer vaidade da minha parte,

— Você deve estar cheia de trabalho não?

— Um pouco. Na verdade eu tenho uma boa equipe, e quase tudo aqui é automatizado. Mas tem um problema que acho que só você poderia resolver.

— Farei o possível. Onde eu posso encontrá-la?

— No meu escritório, no prédio da administração. Podemos sair pra almoçar.

— Ótimo, vejo você assim que atracar.

— Pronto para o período de desaceleração — disse o robô.

— Já vou pro casulo, a nave é sua.

A Valquíria era uma nave correio de alta velocidade, capaz de acelerar a vinte gravidades. Algo que um corpo humano não conseguiria suportar. Assim Alvin tinha que se congelar num casulo Stasis enquanto o robô fazia a frenagem para o encontro com a colônia orbital.

Quando acordou a manobra de aproximação já fora concluída e Sintron flutuava acima do planeta como uma lua artificial. Mas no lugar de um globo o que Alvin via era um anel giratório com 3 quilômetros de diâmetro, girando majestosamente para produzir gravidade no mundo artificial ao longo de sua borda.

— Temos permissão para acoplar no hangar seis. Disse o robô.

— Perfeito Syd. Eu vou me barbear e tomar um bom banho. Tenho um almoço marcado com a Luciana.

— Governadora Villares.

— Isso aí rapaz. É melhor eu botar uma roupa bem formal.

## 2 - Céu misterioso



Parecia impossível, mas Luciana ainda estava mais bonita desde a última vez que a vira há dois anos. Super-elegante num traje de executiva interplanetária, a silhueta moldada por horas de dedicação a ginástica e as caminhadas pela paisagem terraformizada do mundo artificial. Uma linda mulher que parecia pertencer a um sonho, mas que estava ali, na vida real, olhando para Alvin com uma expressão terna.

— Você gosta de peixe não?

— Eu como qualquer coisa que não me morda antes.

— Estamos criando carpas no lago central. Elas foram geneticamente alteradas para terem poucas espinhas. Você vai gostar.

— Vou experimentar. Alvin marcou um filé grelhado com batatas no cardápio e o entregou ao robzinho garçom.

— Você parece feliz. Despreocupado..

— Eu sou assim Luciana. Me dê uma nave e um céu pra navegar e eu deixo a vida correr. Você também está ótima.

— Tenho feito muita ginástica. Essa vida de executiva deixa a gente fora de forma.

— Deixa mesmo. O pessoal na doca me falou sobre um fenômeno alienígena nesse sistema. Fiquei curioso.

— Era o que eu ia te falar. Começou há um mês atrás. No princípio parecia uma nuvem luminosa entrando em órbita ao redor do nosso Sol. Depois pareceu se solidificar. Virou uma esfera luminosa do tamanho de uma pequena Lua. Está lá fora. A um milhão de quilômetros além da nossa órbita.

— Tentaram se comunicar?

— Em todas as frequências. Não houve nenhuma resposta. Então o comitê de astrofísica mandou sondas. Elas param de funcionar quando chegam perto daquela coisa.

— Que tal uma missão tripulada?.

— É do que eu tenho medo. Não sabemos o que é aquilo. Não posso pedir a ninguém que se arrisque.

— Eu vou dar uma olhada.

— Acho perigoso. Eu queria pedir a sua ajuda, com o seu conhecimento do assunto, para que pudéssemos avaliar esse negócio com o mínimo de risco para as pessoas.

— Olha, a minha nave é muito rápida. Eu já escapei de um buraco negro com ela, circunavegando o horizonte de eventos.

Luciana sorriu.

— Não, não é história de navegante não. Mas eu vou falar com sua equipe. Quem é o astronauta-chefe por aqui?

— Hermes Saville, ele é muito competente.

— Eu quero trocar umas idéias com ele. Ei, aí vem o nosso peixe.

### 3 - Plano de vôo

Depois do almoço Luciana deixou Alvin com sua equipe. Ela estava muito ocupada e tinha vários compromissos para atender naquele dia. Mas Alvin ficou feliz ao encontrar uma antiga colega de escola.

— Tania, Tania Verdeski. O que faz por aqui?

— Estou na equipe de astrofísica. Temos tentado arrancar alguma informação sobre aquela coisa lá fora. Sem muito sucesso eu devo dizer.

— Pelo menos vocês devem ter tirado alguns espectrogramas não?

— Claro. Há gases nobres, carbono, hidrogênio, hidrocarbonetos. Se isso tem alguma utilidade pra você.

— Estou pensando em fazer um flyby daquela coisa.

— Já mandamos várias sondas. Elas entram em pane perto daquela coisa.

— Minha nave é tripulada.

— Você é maluco.

— A sorte favorece os audazes. A minha nunca me deixou na mão. Se alguém quiser ir comigo, tem lugar pra dois na minha nave.

— Já falou sobre isso com o Hermes?.

— Não, onde eu posso encontrá-lo.

— Eu te levo lá.

O astronauta-chefe ouviu a proposta de Alvin e pareceu indeciso.

— Luciana aprovou isso?

— Ela me pediu ajuda.

— Não sabemos o que é aquela coisa. Não há como avaliar os riscos que vai correr.

— Olha, a minha nave é muito rápida. E eu não vou pousar naquela coisa. Vou só passar correndo por ela.

— É o seu pescoço. Se quer arriscar.

— É o pescoço de todo mundo aqui. Vocês não sabem o que é aquilo. Se é hostil ou não. Sabemos que não é um fenômeno natural. É o produto de algum tipo de inteligência desconhecida. Não podemos ficar esperando que aquilo se manifeste para saber se há perigo ou não. Luciana está certa em pedir minha ajuda. Temos que saber se os moradores desta colônia estão correndo algum risco com aquela coisa espreitando lá fora.

— De certa forma concordo com você.

— Se aquilo fosse um visitante amistoso já teria feito contato, já teria se comunicado com vocês. Porque fica lá fora, só nos observando?

— Talvez esteja com medo.

— Com medo? Uma coisa do tamanho de uma lua? Eu não engulo isso.

— Tá bom deixa eu ver o seu plano de vôo.

### 4 - Carga secreta.

Alvin fez uma vistoria completa da Valquíria antes de tentar seu pequeno passeio. Para uma nave de cruzeiro estelar um passeio de dois milhões de quilômetros era como ir até a esquina. A Valquíria fora originalmente construída para levar correspondência e pequenos volumes para colônias distantes. Coisas como vacinas e peças de equipamento frágil e sofisticado. Alvin equipara a nave com uma blindagem extra e vários acessórios que não estavam nas especificações originais do fabricante.

Na hora de partir ele teve uma surpresa.

— Tânia, o que está fazendo aqui?.

— Se você vai olhar aquela coisa de perto eu vou com você.



— Pra que?

— Você disse que tinha lugar prum passageiro. Eu sou a principal astrofísica planetária de Syntron. Tenho direito a esse lugar.

— Pode ser perigoso.

— Você garantiu que não era.

— Tá bom, vamos lá.

Decolaram no final da tarde e Alvin acelerou a nave lentamente.

— Pra melhor ou pra pior isso vai acabar antes que você possa dizer Cassiopéia.

— Que negócio é esse aqui?

— Sssh, isso é o sistema de armas da nave.

— Você instalou armas em uma nave civil!

— Não vou andar desarmado por aí. Esta é uma galáxia inexplorada. A gente nunca sabe o que vai encontrar aí fora,

— Hermes vai ter um ataque quando souber disso.

— Ele não vai saber se você não contar.

— Já imaginou se aquela coisa lá fora interpreta a investida de uma nave armada como ato de hostilidade? Você pode começar uma guerra.

— Olhe, eu só carregue uns mísseis e lasers de auto-defesa. Tudo bem camuflado no casco da Valquíria. E não vou atirar naquela coisa. Seria como uma abelha atacando um elefante.

— É, tomara que eles nos considerem insignificantes demais e achem graça da tua nave pirata.

— Eu não sou um pirata. Sou apenas um explorador precavido.

— Vou tirar umas fotos multispectrais dessa coisa enquanto passamos por ela.

Alvin deixou os propulsores estelares aquecidos para uma fuga rápida, mas acelerou lentamente passando pelo objeto depois de duas horas de vôo. Os sistemas automáticos da Valquíria entraram em pane perto daquele globo alaranjado, mas voltaram a funcionar assim que se afastaram. Tânia conseguiu boas fotos.

— Acho que essa coisa é uma nave. Mas o casco parece plástico e não metal. Plástico coberto por algum tipo de plasma fluorescente.

— Se for uma nave é um mini-mundo móvel. Pode ter uma colônia de E.T.s aí dentro.

— É melhor você falar com a Luciana.

— Mande um relatório pro Hermes via microburst e diga que faremos contato dentro de três horas, quando estivermos perto de Syntron para poder conversar.

— Boa idéia.

## 5 - Inquisição.

Luciana Villares sentiu que um peso fora retirado de sua consciência quando soube que a missão de sondagem do Alvin tinha transcorrido sem problemas. Sentira-se culpada por permitir que o amigo fizesse uma coisa tão arriscada. Mas afinal fora idéia dele. Tudo o que ela pedira fora sua assessoria a respeito do assunto.

Agora Alvin e Tania estavam lá na Valquíria, fazendo as manobras finais de frenagem e aproximação com a

colônia. Eram nove horas da noite, hora local e Luciana decidira tomar um banho gostoso para aliviar as tensões do dia.

Enrolara o corpo numa toalha felpuda e pedira ao computador doméstico para encher a banheira com água morna, na temperatura do corpo. Quando tudo ficou pronto ela colocou uma música de jazz no sistema de som e deixou cair a toalha, caminhando toda elegante para entrar no banho.

O espelho do banheiro refletiu a imagem do corpo esguio, das pernas grossas e roliças, dos braços rijos pelas horas de exercícios. A bela mulher ergueu a coxa direita, tocando a superfície da água com a ponta do pé para checar se a temperatura estava no ponto em que pedira. Estava perfeita.

Luciana se aninhou dentro da concavidade azul e já estava se banhando há dez minutos quando o videofone embutido na parede tocou. Ela estendeu a mão, apertando a tecla "somente som".

— Luciana, é Alvin.

— Ôi Alvin, como está você?

— São e salvo. Aquela coisa não nos engoliu como previam os pessimistas.

— Hermes me disse que Tania tirou boas fotos e acha que aquela coisa é uma nave-colônia.

— É só um palpite. Ei, que barulho é esse, sua casa está inundada?

— Não, é que eu estou no banho,

— Tá rolando um som aí.

— Espera um instante, eu vou abaixar o som.

— Vou ficar com o pessoal da Tânia analisando as gravações dos outros sensores da nave e amanhã lhe dou um relatório completo.

— Ótimo, podemos almoçar de novo.

— Não quero atrapalhar mais o seu banho. Cuidado pra não se resfriar.

— Não, a água está quentinha.

— Boa noite então.

— Tchou.

Alvin era mesmo um bom amigo. Alguém em quem se podia confiar. Luciana se sentia um pouco culpada por só lembrar dele quando havia algum problema. Quando precisava do amigo para algum trabalho. Mas afinal tinha tão pouco tempo livre. Só mesmo de noite é que podia relaxar um pouco e apreciar as coisas boas da vida. Coisas como aquele banho gostoso de banheira.

— Som. Ela disse, pedindo ao computador doméstico para recomendar a tocar o disco de jazz.

O som não voltou. Luciana estava distraída, começando a ensaboar o corpo mas notou uma mudança na iluminação ambiente. Ela olhou para cima e seus olhos cinzentos se abriram de espanto. Uma expressão atônita se formou no belo rosto.

Não estava mais em sua casa, no banheiro. Havia um teto abobadado e lustroso acima dela, que parecia uma cúpula de vidro. As paredes do banheiro tinham sumido e o ambiente era agora limitado por uma muralha circular, semi-transparente, além da qual formas e cores indistintas pareciam ondular.



Isso é algum tipo de alucinação, pensou Luciana. Tem que ser.

A banheira, com ela dentro, era a única coisa que restara de sua casa. Estava num outro mundo agora, dentro de uma espécie de bolha ou domo, com mais de dez metros de largura.

“Será que, se eu fechar os olhos, essa coisa some e eu volto para o banheiro?” Ela pensou.

Tinha que se controlar de algum jeito, antes que entrasse em pânico. Então, sem aviso, uma calma estranha tomou conta de sua mente. Como se estivesse num sonho Luciana se levantou e saiu da banheira, a água pingando do seu corpo e molhando o chão, que parecia feito de areia vitrificada. Caminhou alguns metros e parou diante de uma daquelas paredes curvas, semi-transparentes. Sua imagem apareceu refletida na superfície lustrosa. Uma mulher nua, perplexa e molhada. Só os cabelos, que prendera num rabo de cavalo não estavam molhados.

— Você é a líder de seu povo.

Era como uma voz, dentro de sua mente. Não parecia estar fazendo uma pergunta. Era uma declaração.

— Fui escolhida para governar Synttron por tres anos. Respondeu Luciana em voz alta.

— Escolhida. Porque foi escolhida?

— Sou uma cidadã. Fui avaliada e considerada capaz para participar do sorteio.

— Considerada capaz. Para liderar sua espécie neste sistema. Você deve ser a forma mais aperfeiçoada do seu grupo. O espécime mais perfeito.

— Não é bem assim. Eles sorteiam.

— Caminhe para a parede.

Suas pernas se moveram antes que ela pudesse pensar a respeito. Não tinha como desobedecer aos comandos daquela voz. Não conseguia nem mesmo formular esta idéia em sua mente.

Atravessou a parede como se fosse uma espécie de membrana semipermeável. Então sentiu um vento morno secando o seu corpo. Luzes coloridas dançavam diante de seus olhos. Não conseguia enxergar nenhuma forma definida.

— Porque nos atacou?

— Atacar? Eu não entendo?

— Enviou uma nave armada contra nós. Nós não fizemos movimentos hostis.

— Alvin, a nave dele não estava armada.

— Informação incorreta. Não deve fornecer informações incorretas.

— Alvin queria observar vocês. Descobrir o que querem. Porque vieram aqui.

— Análise de sua estrutura revela que você é feita de carbono, oxigênio, hidrogênio. Moléculas básicas em forma de espiral dupla. Esta é uma base muito frágil. Por isso sua espécie tem medo.

— O que vocês querem?

— Nós temos medo.

Luciana piscou os olhos e então tudo sumiu. Mergulhou num nada, como se tivesse perdido os sentidos. Quando acordou estava em sua casa, no quarto, deitada na cama. A porta do quarto estava fechada.

Sentou-se na cama piscando os olhos. Era como se tivesse acordado de um sonho. Um sonho esquisito. Mas será que fora mesmo um sonho? Viu que estava nua e ela não costumava dormir despida. O que é que acontecera na noite anterior?

Vestiu um roupão elegante e saiu do quarto, indo até o banheiro. A banheira estava lá, cheia de água agora fria. Luciana parou pensando: Eu estava tomando um banho. Alvin ligou, eu falei com ele. Depois eu estava naquele sonho esquisito. Num lugar estranho onde eu andava e falava sem que tivesse controle sobre o que eu fazia. E então acordei na cama, sem roupa e com o cabelo....

O cabelo preso no rabo-de-cavalo. Como ela usava apenas na hora do banho e da ginástica. Nunca dormia com o cabelo preso e sem uma camisola.

Alguma coisa muito estranha tinha acontecido e Luciana Villares achou que não ia gostar das hipóteses prováveis.

Vestiu-se rapidamente e saiu a procura do Alvin

## 6 - O dia seguinte

— A minha nave estava armada. Só eu sabia disso. E a Tânia. Confessou Alvin

Luciana olhou para ele incrédula. — Você devia ter nos avisado. Aquela coisa lá fora. Ela se sentiu ameaçada e veio atrás de mim. Me seqüestrou no meio do meu banho.

— Pode ter sido uma ilusão. Um sonho implantado em sua mente.

— É mesmo? Então me explique porque eu não me lembro de como eu passei do banheiro para o quarto. E porque acordei como se eu tivesse sido tirada da banheira e jogada em minha cama?

— Não sei Luciana. Tem uma coisa muito estranha acontecendo por aqui.

— Que bom que você percebeu isso.

— Olhe, vamos fazer uma coisa. Marque uma hora com o seu médico, hoje mesmo, e faça um exame de varredura completa. Só pra ver se não ficou nenhuma seqüela dessa experiência estranha porque você passou.

— Não fala assim que você me assusta.

— E acho que devíamos colocar Synttron em estado de alerta total. Se aquela coisa lá fora realmente te seqüestrou e interrogou isso é um ato de guerra.

— Não sei, foi tudo como num sonho.

— É por isso que você deve fazer um exame médico. Pra ver se ficou algum indício de que o tal sonho esquisito tenha acontecido mesmo.

O exame não revelou nada. Luciana continuava sendo uma mulher perfeitamente saudável.

Ela marcou uma reunião com sua equipe no início da noite. Alvin continuava disposto a começar uma guerra.

— Eu boleei um plano de defesa. Temos cinco Veículos Transatmosféricos aqui em Synttron. Podíamos armá-los com ogivas anti-asteróide de duzentos e trinta megatons e colocá-los em órbita como nossa linha primária de defesa. Seriam 1200 megatons o que faria qualquer inimigo pensar duas vezes antes de nos atacar.



Villares pareceu não gostar muito da idéia.

— Acho isso um tanto prematuro, afinal eles ainda não demonstraram nenhuma hostilidade contra nós.

— Eu acho seqüestro e interrogatório um ato de hostilidade.

— Eu não tenho certeza se fui seqüestrada. Tudo parece um sonho agora.

— Você foi seqüestrada Luciana Villares. Ou melhor, abduzida, é assim que eles dizem quando uma pessoa é raptada por extraterrestres.

— E você é capaz de me explicar como? Porque até agora eu não entendi nada.

— Tania, esse é o seu departamento.

A astrofísica pegou uma folha de papel.

— Acho que todos aqui estão familiarizados com o conceito de curvatura do espaço-tempo. Bom, pra simplificar essa folha de papel aqui é uma representação bidimensional do espaço tridimensional desse sistema. Esse ponto vermelho aqui representa o apartamento da Luciana onde ela estava tomando o seu banho. E o ponto azul é a esfera alienígena lá no espaço, a dois milhões de quilômetros daqui. Bom, normalmente se você quisesse ir do ponto vermelho ao ponto azul, ou seja, do seu banheiro para a nave alienígena, você teria que sair de casa, ir até o espaçoporto, pegar uma nave e viajar dois milhões de quilômetros até lá. Certo?

— Continue.

— Mas se você é um extraterrestre super-inteligente, com uma tecnologia capaz de mexer na curvatura do espaço tempo, o que você faz é dobrar o espaço.

Tânia dobrou a folha de papel até juntar o ponto vermelho ao ponto azul na folha de papel. — Você produz uma curvatura tempo espacial tão convexa, que por alguns instantes o interior do apartamento da Luciana se confunde com o interior da nave dos E.T.s. E aí ela é transportada até lá instantaneamente, num salto tempo-espacial, sem ter que percorrer o espaço entre os dois pontos.

— Isso é possível.?

— Bom, gasta um bocadinho de energia, mas acho que pros nossos amigos lá fora isso não é problema.

— Quer dizer que eles podem vir aqui instantaneamente, ou carregar qualquer um de nós para lá num piscar de olhos. Eu acho isso assustador.

— Eu também, disse Alvin. Com sua permissão, Hermes pode começar a armar as naves ainda esta noite. Temos que fazer alguma coisa para proteger o povo, Luciana. Uma demonstração de força. As naves vão ficar em órbita de Syntron. Só para mostrar a eles que não estamos indefesos.

— Mas eles não me fizeram nenhum mal.

— Claro, pra mim o que fizeram com você foi uma demonstração do poder deles. Está na hora de mostrarmos o nosso.

— Está bem, eu acho que vou dormir no hotel essa noite. Me sentirei mais segura.

— Eu não vou nem dormir. Hermes, o que acha de adaptar os mísseis aos VTAs?

— Sem problemas, eles foram desenhados para isso. São nossa defesa contra asteróides rasantes.

— Quanto tempo leva?

— Podemos ter as naves em condição de vôo pela manhã.

— Ótimo, faça isso

O astronauta chefe olhou para Luciana.

— Governadora?

— Tá, tá bom, faça o que ele diz. Precisamos mesmo de alguma proteção. E mantenham a vigilância sobre aquela coisa.

## 7 - Alter-ego

Alvin passou a noite no hangar, ajudando nos trabalhos de adaptação das naves. Quando o dia clareou ele se deitou num sofá para cochilar um pouco e pegou no sono. Quando acordou era quase meio dia e seu comunicador pessoal estavam chamando.

Acionou o dispositivo no anel e um holograma de Tania Verdeski tomou forma diante dele.

— Alvin, eles estão vindo para cá. Acho melhor botar a sua frota em órbita.

— Vindo, vindo como?

— Nossos sensores captaram uma emissão de rádio daquela coisa. E logo depois a tal esfera lançou um objeto pequeno. Do tamanho de uma de nossas naves. Está vindo para cá. E deve estar aqui dentro de seis horas, se não mudar de velocidade. Luciana está falando com o Hermes. Ela acha que pode ser uma nave de desembarque trazendo um embaixador.

— Pode ser um míssil com uma bomba.

— Se você quer participar do show é melhor se apressar. Os VTAs estão sendo lançados.

Seis horas, tinham algum tempo. Alvin se barbeou, tomou um banho e fez uma refeição ligeira. Quando chegou no hangar da Valquíria teve uma surpresa.

Luciana Villares estava lá, vestida com um traje colante anti-G de piloto trans-atmosférico.

— Pensei que podia me dar uma carona.

— Luciana, não sei se é seguro. Se isso for um ataque, nós vamos estar na linha de frente.

— Talvez você tenha razão. Mas se eles estiverem mandando um embaixador eu quero recebe-lo lá em cima. E se estiverem atacando, eu não acho que ficarei mais segura aqui embaixo, bem no alvo do ataque.

— Você tem uma lógica imbatível. Tá bom, a Tânia bancou a minha co-piloto outro dia. Você pode fazer o mesmo.

Quinze minutos depois estavam em órbita. As VTAs armadas com mísseis mantinham uma formação bem espaçada, de modo a não oferecerem um alvo fácil. Hermes falava no rádio.

— A nave deles acionou os motores e está acelerando. Vai chegar aqui em duas horas.

— É melhor você abrir bem essa formação. Se eles atacarem é bom termos bastante espaço de manobra.

— Concordo.



— Eu não quero começar uma guerra, disse Villares preocupada.

— Pode deixar Luciana. Não vamos atirar primeiro. A iniciativa terá que ser deles.

A nave veio direto ao encontro deles. Tania monitorava tudo com o telescópio orbital. Foi ela quem percebeu primeiro.

— Peguei uma boa imagem. Alvin, você nem vai acreditar.

— Ponha na tela.

A nave apareceu, em plena manobra de desaceleração. Era uma réplica idêntica da Valquíria.

— É igual a sua nave, disse Luciana.

— Eu não entendo mais nada.

— Eu acho que entendo, disse Tania no rádio. — Eles fizeram uma duplicata da nave do Alvin, porque foi a primeira nave nossa que eles viram. Acho que eles querem se comunicar conosco em nossos termos. Usando réplicas do nosso tipo de tecnologia.

— Ela está igualando velocidade e órbita conosco.

— Vamos manter posição. Hermes, coloque duas naves escoltando a Valquíria e duas recuadas.

— Certo.

Os minutos passavam rápido, já podiam ver o brilho de plasma dos jatos da nave manobrando.

— Está muito perto agora, disse o comandante Hermes no rádio. — Líder para esquadrilha, mudem dos mísseis para os lasers. Estão perto demais para mísseis. Governadora, se vamos atirar tem que ser agora.

Luciana parecia assustada, ela segurava a videopranqueta com a mão tremula.

— Não, eu disse que não vamos começar uma guerra. Só atirem se eles demonstrarem hostilidade.

“Hostilidade” pensou Alvin. “Hermes tem razão. E se no lugar de um embaixador houver uma bomba dentro daquela nave? Uma bomba nuclear? Eles emparelham conosco e detonam por controle remoto. A nave da governadora é vaporizada e eles podem atacar, aproveitando o vácuo de liderança. Quem tomaria as decisões se a Luciana sumisse de repente?. Levariam um dia para escolher e nomear outra pessoa. E debaixo de um ataque atômico ninguém teria tempo para isso.”

— Luciana, Hermes tem razão. Eles já estão perto demais.

— A decisão é minha. Vamos esperar e ver o que vai acontecer.

Alvin procurou manter o auto-controle mas o coração batia forte em seu peito. Já podia ver as formas da nave estranha a olho nu. Era mesmo uma cópia da Valquíria. Aproximou-se lentamente, fez uma última frenagem e acendeu o anel de acoplamento.

— Acho que eles querem acoplar com vocês. Disse Hermes no rádio.

— Certo, vamos em frente. Vamos ficar passivos, a iniciativa é deles.

A réplica da Valquíria parou bem ao lado da original e estendeu um duto de abordagem. Um leve tremor na estrutura anunciou que o acoplamento fora feito com sucesso.

— Vamos até a comporta de entrada.

Não havia nenhum embaixador esperando por lá. O túnel de borracha conectando as duas naves estava vazio. Luciana olhou para Alvin.

— Acho que eles estão esperando que entremos lá.

Alvin tomou uma decisão. Era a única coisa que podia fazer naquele momento.

— Vamos fazer o seguinte: Você fica aqui e eu vou lá dentro da nave deles, fazer um reconhecimento. Se for seguro, eu chamo você. Se eu não voltar, fale com o Syd, o meu robô. Diga para ele “Alvin ação evasiva”. Ele levará você para um lugar seguro.

— Espere, acho melhor irmos juntos.

— Regra número um: Nunca avance em território hostil sem deixar alguém cobrindo a retaguarda. E você é a única cobertura de que eu disponho aqui.

— Você daria um ótimo general.

— Não, eu dou um ótimo explorador. É por isso que ainda estou vivo. E pretendo permanecer.

— Tenha cuidado.

— Eu voltarei.

Ela se inclinou e beijou delicadamente o rosto do amigo.

— Pra dar sorte.

— A gente se vê.

Colocou o capacete espacial e atravessou o túnel. Do outro lado havia uma comporta despressurizável igual a que deixara. Aparentemente eles tinham copiado a sua nave por dentro e por fora.

Bom, pensou Alvin. Se tem alguém aqui, deve estar na cabine de comando. Puxa, tudo aqui é igualzinho a minha nave.

Estava certo, o piloto daquela nave estava na ponte de comando. Mas Alvin nunca teria imaginado o que ia encontrar, nem em seus sonhos mais loucos.

Luciana Villares, nua e toda molhada, o cabelo preso num rabo de cavalo. Vestígios de espuma de sabonete no peito e nas pernas.

Estava em pé no meio da sala olhando para ele muito séria. Alvin não sabia o que dizer. Algumas vezes ele tinha tentado imaginar como seria aquela linda mulher ao natural, mas nunca pensara que sua curiosidade um dia seria satisfeita.

Uma parte de sua mente, a parte lógica, analisou rapidamente a situação. Sabia o que estava acontecendo. “Eles” não podiam duplicar apenas espaçonaves. Também podiam fazer cópias de criaturas vivas. Tinham visto Luciana saindo da banheira, despida e toda molhada e tinham feito uma duplicata exata, perfeita até nos menores sinais da pele.

Mas quando ela falou a ilusão foi quebrada. A voz era como um disco em alta rotação, as palavras saindo numa velocidade rápida demais para serem compreendidas. Ela se virou e caminhou para o painel do banco de dados. E foi como um filme passado em alta velocidade. A duplicata corria e se mexia como um personagem de cinema mudo acelerado.



— Espere, disse Alvin. — Eu não posso entender você. Vivemos em escalas de tempo diferentes. A sua escala é muito rápida para mim.

Ela se virou e pareceu entender. Andou em câmara lenta ao encontro dele. Depois parou e falou de novo. A voz agora saía arrastada, lenta, como uma gravação em baixa velocidade. Afinal encontrou o ritmo de tempo certo e pode ser entendida.

— ... Não sabíamos como vocês nos receberiam. Sentimos sua hostilidade, a agressividade natural de sua espécie. Então tentamos estudar sua líder, aprender sobre vocês através dela.

— Por isso copiaram a forma da Luciana.

— Ela é o espécime mais perfeito de sua raça. Nós examinamos sua estrutura e a reproduzimos. O mais difícil foi essa cobertura de líquido espumante que a envolve.

— Ela só fica assim quando toma banho.

— Nosso tempo se esgota. Percebemos que ainda não estão prontos para nos receber. Vocês têm medo de nós e nós ainda temos medo de vocês. Um dia, quando sua espécie for mais antiga a barreira da desconfiança poderá ser quebrada. Então vocês não precisarão ter medo de nós, nem nós precisaremos nos proteger de vocês. Volte para sua nave agora.

Ela se virou e caminhou para o painel de comando, deixando as marcas dos pés molhados no chão. Alvin ainda tentou argumentar, mas uma parede invisível formou-se entre ele e a parte dianteira do centro de comando.

Outros tripulantes da nave entraram na cabine. Todos eram cópias da Luciana molhada e ensaboada.

Alvin começou a ficar com medo de que também o duplicassem. Voltou para a câmara de escape e atravessou o tubo de acoplamento. Assim que voltou para dentro da Valquíria, a nave extraterrestre desfez a conexão e partiu em alta velocidade.

Duas horas depois a bola luminosa, que causara tanto temor, sumia sem deixar vestígios.

Luciana Villares perguntou intrigada.

— O que eles queriam?

- Queriam nos conhecer, mas acabaram concluindo que não estamos preparados para trocar idéias com eles.

— As naves armadas. Foi isso o que os assustou não foi?

— Não sei Luciana, não sei se teria sido diferente de outro modo. Isso foi apenas uma sondagem preliminar. Eles vão voltar um dia.

## 8 - Cavalgando para o poente

O maiô preto cavado aderiu ao corpo suado da mulher como se fosse uma segunda pele. Ela exercitava as pernas furiosamente no aparelho de ginástica quando viu Alvin Romero entrar na sala. Parou os exercícios respirando ofegante. O medidor em seu pulso marcava 120 batimentos cardíacos por minuto. Ela soprou o ar para fora dos pulmões e pegou uma toalha. Depois abaixou o som alto.

— Vim me despedir. Disse Alvin sorrindo. — O robô deixou eu entrar.

— Falei com ele que você é de confiança.

— Obrigado Luciana.

— Eu que agradeço. Não sei o que teríamos feito sem você.

— Se precisarem de mim é só chamar. Te cuida hein.

— É exatamente isso que eu tava fazendo. Devo ter queimado um monte de calorias.

— Pensei em te convidar pra tomar um vinho. Meu lançamento é daqui a duas horas.

— Desculpe, mas eu tô com a agenda cheia hoje. Tenho um almoço de negócios daqui a 40 minutos e depois vou receber um adido comercial. A gente toma o vinho outro dia.

— No Natal vou te mandar um cartão.

— Isso, mantenha contato.

Alvin saiu e por alguns instantes a imagem de Luciana fazendo ginástica ficou em sua mente. Então um pensamento preocupante lhe ocorreu:

Como podia ter certeza, certeza absoluta, de que aquela mulher era a verdadeira Luciana Villares, e não uma das duplicatas alienígenas? Elas eram perfeitas, indistinguíveis da original. Uma delas podia ter tomado o lugar da bela governadora de Sintron, para ficar espionando os humanos...

Não, estava ficando paranóico. Era melhor nem pensar nessa possibilidade.

Afinal sua missão aqui estava cumprida e ao cavaleiro solitário só restava cavalgar ao encontro do poente.

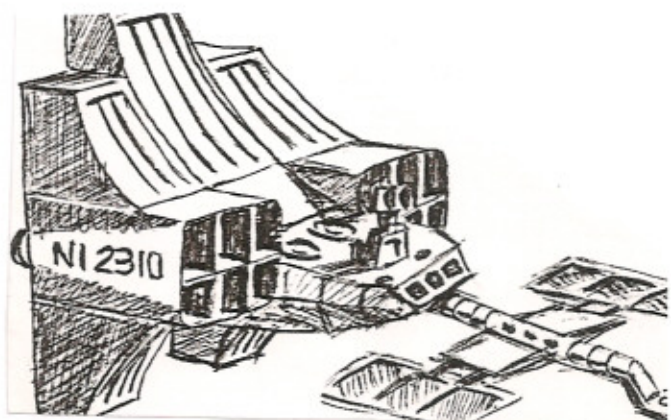
Até que fosse chamado de novo pela mocinha.

Verdadeira ou cópia não era da sua conta.

E era bom nem pensar...

Alvin tomou o seu vinho sozinho.

E partiu na hora marcada. Rumo a novas aventuras.





## Ensaio Alternativo III: Pseudofactuais Modernos

Em artigo anterior publicado nesta coluna, falamos sobre ensaios de história alternativa de um ponto de vista estritamente não-ficcional.<sup>1</sup>

Posteriormente, afirmamos que uma parte considerável dos ensaios de H.A. são em verdade trabalhos de ficção, mesmo quando assumem formato de textos factuais: trata-se da *ficção pseudofactual*.<sup>2</sup>

Comentamos que o pseudofactual constitui uma maneira cômoda de escrever ficção, pois o autor não precisa se preocupar com caracterização de personagens e ambientação, dois pontos fulcrais da ficção especulativa em geral e das histórias alternativas em particular. Esta desconsideração notória com alguns dos elementos mais fundamentais da ficção não é encarada como sinal de preguiça ou desleixo autoral. Pelo contrário, os pseudofactuais possuem uma tradição respeitável dentro do gênero.<sup>3</sup>

<sup>1</sup>. "Ensaio Alternativo I — Não Ficcional", publicado no *Megalon* 58 (setembro 2000)

<sup>2</sup>. "Ensaio Alternativo II — Pseudofactuais Clássicos", publicado no *Megalon* 60 (março 2001).

<sup>3</sup>. Embora menos freqüentes do que nas histórias alternativas, os pseudofactuais também marcam presença na FC, ainda que de forma mais tímida. Alguns exemplos que me vêm à cabeça de imediato são: "Uma Recusa a Mais" da Patricia Nurse [publicado no Brasil pela Expressão e Cultura (1980) na antologia *O Melhor da Ficção Científica*, organizada por Isaac Asimov], onde a narrativa convencional é substituída pela troca de correspondência entre o editor de uma revista de ficção científica e a namorada de um autor muito estranho que tenta atuar como agente literária do amado. Exemplos na FCB são "Carta à Redação" o pseudofactual de Bráulio Tavares, presente na antologia temática *Outras Copas, Outros Mundos* [organizada por Marcello Simão Branco; Editora Anoluz (1998)], que está se tornando cada vez mais profético graças às atuações pí-fias da seleção brasileira; e minha novela "Alienígenas Mitológicos", originalmente publicada na saudosa *Isaac*

conforme demonstramos no artigo sobre os pseudofactuais clássicos. Uma tradição que atingiu um ápice com "If Lee Had Not Won the Battle of Gettysburg" de Winston Churchill, pseudofactual publicado originalmente na antologia de ensaios *If It Had Happened Otherwise*, organizada por John Collings Squire, e mais tarde republicada na antologia *What Might Have Been III — Alternate Wars*, organizada por Gregory Benford e Martin H. Greenberg.

Considerando que esta tradição dos pseudofactuais manteve-se viva dentro do gênero, o assunto do presente ensaio, o trigésimo nesta coluna, é a forma atual desta categoria peculiar à história alternativa: os pseudofactuais modernos.

Vamos nos concentrar hoje em dois exemplos de pseudofactual moderno que dizem respeito, direta ou indiretamente, ao fracasso do processo de colonização hispânica na América: o primeiro, "Report of the Special Committee on the Quality of Life", de Harry Turtledove, o autor norte-americano considerado por muitos como o papa das histórias alternativas, e o segundo, "Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel", da autora brasileira Carla Cristina Pereira.

\*\*\*

"Report of the Special Committee on the Quality of Life" de Harry Turtledove foi publicado na antologia temática *What Might Have Been IV — Alternate Americas* [organizada por Gregory Benford & Martin H. Greenberg, Bantam-Spectra (1992)].

O próprio autor classifica esse pseudofactual como "AH-Lite", isto é, história alternativa despreziosa,

*Asimov Magazine de Ficção Científica* em 1991 sob a forma de um artigo de divulgação científica escrito num futuro muito remoto para desvendar o primeiro contato entre alienígenas de uma cultura interestelar e a humanidade primitiva da Grécia Micênica.

sem maiores preocupações com plausibilidade histórica ou literária, escrita apenas para divertir o leitor.

De fato, escrito sob forma de relatório redigido por Jaime Nosénada e dirigido à Coroa Espanhola, "Report..." não tem a mínima pretensão de parecer sério. O tom de seriedade formal não resiste à análise mais superficial, pois o conteúdo satírico está patente ao longo de toda a curta extensão do conto.

O relatório do título<sup>4</sup> dispara o tiro de misericórdia na proposta de Colombo de chegar às Índias navegando rumo ao ocidente. Nosénada detona os planos do genovês não por julgar que aquele não é o melhor caminho para as Índias, mas por causa de questões ecológicas e econômicas; preocupações estas que constituem a ordem do dia dos estadistas esclarecidos do século XXI, mas estão inteiramente ausentes no ideário da expansão marítima ibérica de finais do século XV.

Em tom alarmista, o relatório de impacto ambiental levanta uma perspectiva sombria, mas de modo algum insensata, dos danos ecológicos, religiosos e econômicos irreparáveis e de extensão imprevisíveis que se abateriam sobre toda a Europa, caso a Coroa Espanhola insistisse em perseguir o sonho da expansão marítima.<sup>5</sup>

<sup>4</sup>. Cujos título em si, traduzido para o português, seria algo como "Impacto Ambiental sobre a Espanha da Expedição Proposta pelo Navegador Genovês Cristóbal Colón".

<sup>5</sup>. O mais curioso é que em ponto algum do R.I.A. notamos preocupação com os prováveis danos ecológicos aos habitats do Novo Mundo, tampouco com a hecatombe da destruição do modo de vida (quanto não das próprias vidas) das populações nativas. É como se só a Espanha importasse. Aliás, qualquer coincidência com a postura arrogante de determinadas potências atuais deve-se à mera semelhança...☺



Os danos ambientais citados nesse proto-R.I.A. iriam do perigo de contaminação do ecossistema da Península Ibérica por animais, plantas e toxinas trazidas de terras estrangeiras ao desflorestamento provocado pelo incremento da construção naval, como conseqüência direta da expansão marítima.

Os riscos econômicos iriam da pressão inflacionária advinda da comercialização de produtos estrangeiros, ao desvio de recursos substanciais para financiar as várias expedições que decerto se seguiriam à primeira.

Até a ameaça ideológica representada por religiões e costumes estrangeiros é citada como obstáculo à aprovação da proposta insensata do navegador genovês; plano aliás, que já havia sido rejeitado em duas comissões anteriores (como em NLH) antes de passar pelo crivo desse comitê para a qualidade de vida...

"Report of the Special Committee on the Quality of Life" é antes de mais nada uma crítica bem-humorada à elite tecno-burocrática moderna, capaz de colocar entraves em quaisquer iniciativas que não atendam as demandas de lucros imediatos de seus patronos ou afilhados.

\*\*\*

Publicado na antologia temática de futebol & ficção científica *Outras Copas, Outros Mundos*, o conto "Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel" marcou não apenas a estréia profissional de Carla Cristina Pereira, mas também o primeiro pseudofactual da história alternativa brasileira.<sup>6</sup>

<sup>6</sup>. Dois anos mais tarde, a autora lançaria o conto mais bem sucedido da HAB: "Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança". O trabalho foi publicado originalmente nas antologias temáticas *Pecar a Sete* [Simetria (Portugal), 1999] e *Fantástica Brasileira* [Ano-Luz, 2000]. Traduzido para o inglês, o conto foi publicado na revista australiana de FC&F *Altair* em 2000, tendo sido indicado para o prestigioso *SIDEWISE AWARDS*, que premia atualmente os melhores trabalhos da H.A. mundial. Dos trinta e poucos trabalhos indicados, "Xochiquetzal" foi selecionado entre os cinco finalistas, uma vitória sem precedentes na incipiente história da HAB como gênero.

"Se Cortez..." foi escrito sob forma de artigo jornalístico. Não exatamente o artigo normal de um diário, mas antes, uma matéria de fundo, daquelas que costumamos encontrar nos cadernos dominicais dos jornais de grande circulação.

No melhor estilo advogado por Churchill, a jornalista Cari Cuandu Pires especula sobre as mudanças históricas que adviriam caso Cortez e seus homens houvessem vencido uma partida de *tlachtli*, um jogo de bola disputado com uma pelota de borracha dura (ou, mais raramente, com a cabeça dos jogadores do time derrotado na partida anterior), onde os contendores só podem tocar na bola com os ombros e os quadris.

Escrita às vésperas da final da *Copa do Mundo de Balipodo Moderno* por Cari Cuandu<sup>7</sup>, uma enviada especial do *Diário de Pindorama*<sup>8</sup> para cobrir a copa em Tenochtitlán, a matéria jornalística rememora os eventos históricos que teriam provocado o fracasso da terceira expedição castelhana ao México, especulando sobre o que teria acontecido se Cortez houvesse logrado êxito.

É sabido que em NLH, os navios dessa terceira expedição fizeram realmente uma parada breve em Cozumel, tendo sido bem recebidos pelos maias, que à época mantinham um pequeno núcleo comercial por lá.

Na LHA proposta pela autora, os maias convidam os castelhanos a disputar uma partida de *tlachtli*, jogo de bola praticado por diversas culturas pré-colombianas. Os arqueólogos encontraram quadras dessa modalidade desportiva nas ruínas de várias cidades maias. Algumas dessas quadras foram construídas antes de 1.000 a.C., o que faz do *tlachtli* não apenas o primeiro antepassado registrado do futebol, mas também o esporte oficial com bola mais antigo de que se tem notícias.

<sup>7</sup>. "Cari" em tupi é uma variante de "Acari", o popular peixe cascudo. No mesmo idioma, "Cuandu" é o ouriço-cacheiro brasileiro, da mesma família do porco-espinho europeu e muitas vezes confundido com esse animal pelos leigos. Não tecerei especulações sob o real intuito de Carla Cristina ao escolher esse nome... ☺

<sup>8</sup>. Jornal de uma confederação homônima que parece ser o análogo do Brasil nessa linha histórica alternativa.

É de todo provável que em NLH a peleja do título jamais se tenha dado. Contudo, na LHA proposta por Carla, é justo do resultado dessa inocente *peleja de Cozumel* que toda a história mundial se altera a partir de 1520.

Deste ponto de divergência esportivo, a história começa a mudar numa progressão de círculos concêntricos cada vez maiores. De imediato: sem Cortez, o Império Asteca não é conquistado. Contudo, as notícias da peleja chegam aos ouvidos dos astecas, e estes tomam conhecimento da existência dos conquistadores castelhanos, compreendendo que aqueles não são deuses e que podem ser mortos. Quando novas levadas de invasores ibéricos aparecem na fronteira do império, os exércitos astecas estão preparados para enfrentá-los e conseguem rechaçar o inimigo. Sem o exemplo da conquista do Império Asteca, o Império Inca é aparentemente deixado em paz, pois ao final do século XX ainda existe na América do Sul um Estado moderno poderoso chamado Império K'eshua com sede em Cuzco.

Em lugar do Brasil, há uma *Confederação Pindorama*, onde os elementos culturais ameríndios e europeus parecem ter se fundido de modo mais harmonioso e equilibrado do que ocorreu em nosso país.<sup>9</sup>

A questão crucial do efeito das moléstias infecciosas de origem europeia sobre as populações nativas é lembrada com propriedade profissional pela autora, que tem na América Pré-Colombiana uma de suas áreas de especialização.

Presentes nesse pseudofactual estão ainda umas poucas mas pertinentes pinceladas sobre um tema que, à falta de nomenclatura melhor, poderíamos designar "pré-história do futebol". Doses homeopáticas dos primórdios do futebol na Europa da Antiguidade Clássica e da Idade Medieval.

A estrutura do pseudofactual começa com a rememoração da partida entre maias e castelhanos, que inclui

<sup>9</sup>. Embora "Pindorama" seja um termo de origem tupi [significando aproximadamente "região ou país das palmeiras"], não podemos esquecer que esta também era a designação que as gentes ando-peruanas davam ao Brasil Pré-Cabralino.



uma explicação breve do *tlachtli*, passando em seguida às conseqüências imediatas da derrota esportiva (e militar) dos europeus, vistas pelos olhos de um sobrevivente.

A repórter conclui a matéria jornalística com uma especulação de como seria o mundo atual se Cortez tivesse vencido a partida e a Espanha houvesse conquistado os Impérios Asteca e Inca. Nessa especulação, Cari aproveita sua estada em Tenochtitlán para consultar um historiador *mexica* da Universidade local. Partindo da máxima discutível que afirma que “*implausível é toda história que não aconteceu*”, a repórter ecoa a descrença da academia à tese heterodoxa propugnada pelo professor *mexica* de que os castelhanos poderiam ter realmente conquistado o Império Asteca (“*Mas, como, se eram tão poucos, contra os exércitos e a população de todo um império???*”) e com isto alterado toda a história mundial.

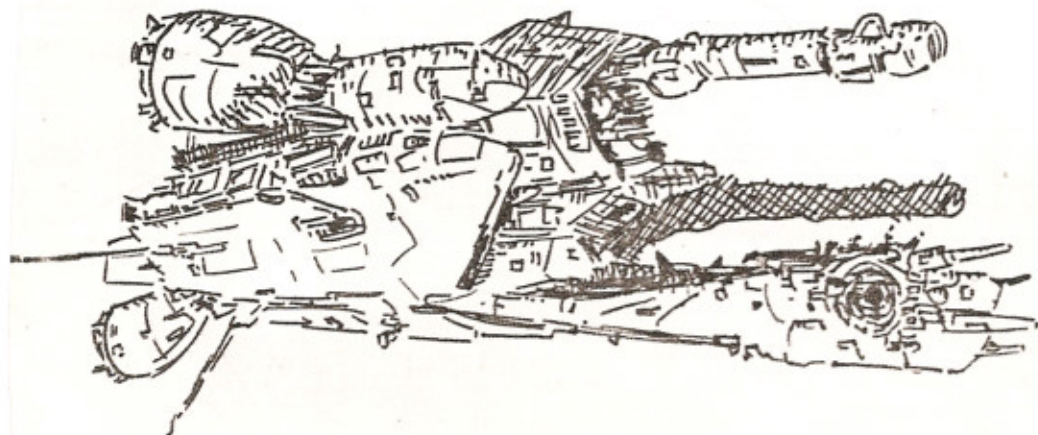
Ao fim do pseudofactual, a especulação histórica cede espaço a uma outra, desportiva: como seria o *balipodo moderno* caso não houvesse sofrido as influências do *tlachtli*? Através da opinião abalizada de uma historiadora esportiva de Pindorama, Cari/Carla parece insinuar que sem essas influências pré-colombianas, o *balipodo* seria muito mais parecido com o bom e velho futebol de NLH, aquele mesmo esporte que os brasileiros do século passado souberam jogar tão bem...☺

Uma bela estréia profissional, “Se Cortez Houvesse Vencido a Peleja de Cozumel” me deixou com uma grande curiosidade insatisfeita: Carla explicou como era o *tlachtli*, mas o que eu gostaria mesmo de saber é como seria esse tal de *balipodo moderno*...

---

Comentários e sugestões sobre os temas de “Terras Alternativas” escreva para Gerson Lodi-Ribeiro, Caixa Postal 34071 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22462-970. E-mail: [glodir@unisys.com.br](mailto:glodir@unisys.com.br).

---



## ENSAIOS DE HISTÓRIA ALTERNATIVA

Será que algum dos assinantes do *Megalon* gostaria de possuir os 20 (vinte) primeiros ensaios desta coluna encadernados em capa dura?

Em caso afirmativo, já se encontra disponível para venda o volume 5 da Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira, *ENSAIOS DE HISTÓRIA ALTERNATIVA*, de minha autoria, com prefácio de Carla Cristina Pereira. Além dos vinte ensaios, de abril de 1994 até outubro de 1998, consta do volume o apêndice “Histórias Alternativas Publicadas em Português”, atualizado até o final de 2000, e um sempre útil índice remissivo.

Essa coletânea de ensaios não se encontra à venda nas livrarias. Para adquiri-la, o leitor deve entrar em contato direto com o editor:

Edgard Guimarães

Rua Capitão Gomes, 168 — Brasópolis — MG — 37530-000.

O preço de R\$ 26,00 (vinte e seis reais) inclui o frete para todo o território nacional.



## É Preciso Repensar os Fanzines

A partir desta edição, por sugestão do editor, esta coluna sofrerá uma pequena (ou grande, depende do modo de ver) mudança de estilo. Até a edição anterior, estive fazendo resenhas breves e alguma pesquisa sobre fatos e publicações ligadas a FC&F brasileira, mas esse material estava tornando-se redundante com a seção "Diário do Fandom", do *Megalon*, de forma que de agora em diante o formato desta coluna será menos noticioso. Mas certamente farei eventuais referências, quando necessárias, para dar ao leitor a chance de ver com que pau a cobra foi morta. Se é que foi.

\*\*\*

Há algumas semanas, escrevi um artigo para a revista *Sci-Fi News* sobre os prêmios da FCB, citando o Nova e o Argos especialmente. Eu pretendia demonstrar como a produção de qualidade da FC literária brasileira está muito mais para os fanzines do que para os livros e revistas, mas o artigo não foi muito determinante nessa questão, já que no levantamento dos candidatos havia muitos livros. Então, é bem possível que a leitura do artigo não traga esse tom. Afinal, um livro é um livro, e um fanzine é um fanzine. Ou será que não?

Justamente nesses dias, recebi uma mensagem do editor do *Megalon* para que eu desenvolvesse o meu artigo para a próxima edição (esta que está nas mãos do

leitor) e falasse sobre os fanzines... sincronicidade.

Então vou aproveitar o embalo, embora o leitor só vá ler o artigo da *SFN* provavelmente em setembro.

Antes da ordem de largada do Prêmio Argos 2001, houve um breve debate entre os organizadores e conselheiros do CLFC sobre se não seria o caso de rever as categorias do prêmio, hoje fixadas em apenas duas: Melhor Publicação e Melhor Ficção. Isso porque o ano 2000 teve uma quantidade expressiva de lançamentos diversos, com ficções longas e curtas, antologias, novelas e romances, revistas profissionais e fanzines. Como colocar todo mundo no mesmo balaio? Seria justo, por exemplo, tentar encontrar a melhor ficção dos fanzines quando temos novelas já premiadas ou indicadas a prêmios do *mainstream* no páreo?

Bom, era tarde para fazer mudanças no regulamento e seguirá adiante assim mesmo. Difícil vai ser o resultado agradar, pois algumas coisas de fato não deveriam estar misturadas. Mas, de qualquer modo, sempre vale o velho argumento que, seja nos fanzines, seja no ambiente profissional, os candidatos são sempre os mesmos.

Ora, então quais seriam as precisas fronteiras entre o que é amador e o que é profissional? Será que, na verdade, não seria tudo um *mezzo-a-mezzo*, assim um semi-pro do terceiro mundo?

Vale lembrar os critérios do Prêmio Hugo para classificação das publicações, em-

bora para nossa realidade seja um tanto discutível:

**Semi-prozine:** publicação entre 1 mil e 10 mil exemplares de tiragem, remunera os colaboradores, tem 15% das páginas ocupadas por publicidade e se auto-nomeia como semi-pro. Bastam duas dessas condições para colocar a publicação na categoria.

**Fanzine:** Tiragem menor que 1 mil exemplares ou que não seja semi-pro.

Nenhum dos fanzines brasileiros tem 1 mil exemplares de tiragem, longe disso, e muito menos apresentam publicidade em suas páginas. São, portanto, fanzines de fato.

Mas a grande maioria dos livros de FCB, publicados por editoras pequenas, estão na faixa de tiragem de 500 a 1000 exemplares, não têm publicidade (até porque é proibido) e alguns não remuneram os autores. Na verdade, os livros que conhecemos são quase todos fanzines também. E a coisa vai se complicando na medida em que surgem novos modelos de fanzines que perseguem uma melhor qualidade gráfica ou editorial, ainda que amadora, usando tiragens por demanda, e até remunerando os autores.

Este ano conhecemos uma edição especialmente diferenciada do fanzine *Juvenatrix*, que bateu o recorde brasileiro de quantidade de páginas de um fanzine de FC&F numa única edição. Também o fanzine *Hiperespaço*, que está adotando um formato semelhante ao de um livro, e as séries *Coleção Fantástica* e *Terra Incognita*,



que remuneram seus colaboradores em volumes. Vai ser complicado estabelecer os limites, como afinal sempre foi. Pois, embora muitas edições estejam conquistando uma aparência gráfica realmente profissional, os conteúdos editoriais não são assim tão díspares entre os livros e os fanzines. No Argos 2000, por exemplo, apesar de haver vários livros e revistas disputando o gosto dos fãs, quem levou foi uma publicação amadora (*Argonauta 500*, R.C.Nascimento, Qanat) e um conto curto saído no fanzine *Somnium*, "Sete vezes besta, sete vezes homem" de Ivan Carlos Regina. Não tenho motivos para duvidar que o fenômeno se repita este ano.

Por que isso acontece é minha ponderação principal.

Há alguns meses, pouco mais de um ano, comecei a questionar a atividade fanzineira no Brasil. Não apenas a exercida no ambiente da FC&F, mas também nos quadrinhos. O resultado é o mesmo em ambas as áreas: melhor qualidade e competência nas publicações amadoras e trabalhos frágeis ou apelativos nas publicações comerciais. Isso pareceu-me significar uma espécie de ruptura entre o que seria natural supor, que os editores profissionais emergiriam dos fanzines e teriam sucesso em levar seus produtos, já testados, ao mercado consumidor. Mas o que se observa é que os fanzineiros continuam sendo fanzineiros por décadas seguidas, publicando suas revistinhas para cada vez menos leitores, ainda que com regularidade, enquanto que chegam aos pontos de venda apenas as edições de oportunistas, amadores ou de autor.

Uma das conclusões que cheguei foi que fazer fanzine, como toda a coisa que dá prazer, vira um vício. O fan-

zineiro simplesmente não consegue mais parar, perde a noção do resultado e passa a tratar atividade como um fim em si, sem se importar com a comunicabilidade do processo. Mesmo quando o número de leitores encolhe a quase zero, o zine continua lá, naquela lengalenga de "a luta continua", mas sem a menor lembrança do por quê dessa luta. O que vale é o prazer de fazer o fanzine, mesmo que não exista mais a troca de idéias com os interlocutores, apenas um monólogo sem platéia. À maioria parece que há ali uma evolução qualquer, mas ela é falsa porque restrita apenas aos próprios editores e seus colaboradores mais próximos.

Também me parece um erro que os editores de fanzine não se ocupem em promover seu produto para um mercado mais amplo. Afinal, os colaboradores mandam seus trabalhos na ânsia de que sejam lidos, oferecendo-os sem custo ao editor na expectativa que este vá colocá-los nas mãos de um número de leitores que ele, autor, não atingiria sozinho. Mas isso não se dá e ficam, editores e colaboradores, dançando sua valsa num salão vazio e sem orquestra, como se estivessem presos no salão de baile do Titanic sem mais nada o que fazer.

Urge uma mudança nesse paradigma, pois tal procedimento editorial, sem efeito, está atingindo também os produtos que teriam de fato alguma chance comercial. Não se pode esperar que todos os fanzines virem uma *Isaac Asimov Magazine*, mas também não se deveria entregar os pontos. E os autores também devem ser responsabilizados por sua postura passiva, não cobrando resultados dos editores.

Um fanzine deve ser um processo de comunicação, uma personalidade viva e atuante. Não pode ser apenas

o alter-ego de seu editor. Deve ter vida própria e, se não vingar, deve desaparecer e abrir espaço para outras propostas mais viáveis. É o ciclo da vida.

Porisso estarei mudando as coisas no meu fanzine, o *Hiperespaço*, conforme comentei acima. Ele teve momentos importantes no passado para que eu apenas conclua que deveria paralizá-lo. Ademais, nenhum outro zine trata dos vários assuntos que são matéria-prima do *Hiperespaço*. Quero acreditar que existe um nicho adequado para uma publicação assim e aproveitando as experiências que tive nos últimos anos, estarei adotando uma estratégia de médio-prazo para experimentar as possibilidades de revitalização não apenas do *Hiperespaço*, mas de todo um fandom que se formou em torno dele ao longo do tempo.

Não posso esperar que todos os demais participantes do fandom estejam engajados nesse esforço, pois há de fato um certo desmazelo geral, um "prá quê?" sem resposta. Desânimo, para não falar pior. Talvez eu esteja errado e acabe concluindo, futuramente, que a Segunda Época do Fandom da FCB realmente acabou e a gente apenas não quis ver. Mas farei um esforço, pelo menos para dar alguma satisfação aos meus colaboradores. Não seria mau, entretanto, se mais gente se empenhasse nessa missão e, pelo menos, começasse a questionar porque não estamos no timão desta nave.

---

Comentários e sugestões para "Arte Fantástica Brasileira", escreva para Cesar Silva: Caixa Postal 375 - Santo André, SP - CEP 09001-970. E-mail: [cerito@osite.com.br](mailto:cerito@osite.com.br).

---



# Correio Cósmico

## Antologias Temáticas & Cia.

☒ A edição 61 já começou a impressionar pela capa: a bela ilustração "evolução rumo às estrelas" de Edgar Franco deixou de queixo caído todas as pessoas a quem mostrei o fanzine, inclusive algumas que não apreciam FC&F!

O ensaio competente "Mundos Perdidos de 2001" do Calife conseguiu me ensinar algo que eu não sabia sobre o filme, o que é uma façanha em si, se considerarmos a quantidade de material publicado sobre o filme e o romance nos últimos tempos.

O artigo do Causo sobre as antologias temáticas da FCB, expôs vários pontos interessantes e pertinentes, mas julgo a análise algo parcial, no sentido de empregar dois pesos e duas medidas: benevolente demais com antologias organizadas pelo próprio autor e demasiado severas com as da Ano-Luz. Uma crítica mais imparcial talvez concordasse que todas as antologias analisadas possuem suas virtudes e fraquezas, algumas peculiares e outras comuns a todas. Fato óbvio e inegável é que existem contos melhores e piores em todas as antologias analisadas... até pelo simples fato que existem contos melhores e piores em todas as antologias já publicadas... Não citarei exemplos, mas qualquer leitor que apreciou as antologias analisadas deve ter lá as suas preferências próprias e também sua lista pessoal sobre as histórias que ele (leitor) jamais incluiria na antologia. Ademais, da leitura de mais de 50 antologias de FC&F, a maioria delas temáticas, conclui que, tanto do ponto de vista dum crítico severo quanto de uma relação custo-benefício pragmática, antologia boa é aquela que possui 40% de trabalhos que dão prazer ao leitor; antologia ótima é quando isto ocorre para 60% dos contos, e por aí vai... Deste ponto de vista, talvez valesse à pena fazer uma pesquisa consultando o fandom, tanto no *Megalon* quanto na lista do CLFC, para tentar descobrir que antologia temática é considerada melhor pelos leitores. É possível que a opinião do Causo não seja tão com partilhada pelos leitores quanto ele imagina. Para concluir este assunto,

tão importante quanto à menção ultraperminente ao merecido Prêmio Nova conquistado por Ricardo Teixeira com "A Nuvem", teria sido a menção à classificação de "Xochiquetzal e a Esquadra da Vingança" de Carla Cristina Pereira (em *Phantastica Brasileira*) como finalista ao prestigioso Sidewise Awards, o Nebula da história alternativa mundial. Um marco importante para a FC&F lusófona como um todo. Acredito que, pela atualidade do assunto, Causo não tenha tido tempo de acrescentar o comentário à versão já escrita de seu artigo.

Dos contos, gostei muito do "Mundo Politicamente Incorreto" do Roberval Barcellos que parece anunciar que a sátira política pura e despiada de maiores acessórios também pode ser produzida por autores surgidos dentro do fandom e não apenas a partir da pena dos medalhões com reputações estabelecidas. Também notável do ponto de vista satírico, mas desta vez sátira religiosa e sexual, foi o "Segredo de Confissão" de mexicano Federico Schaffler, que tentaremos transformar numa aquisição valiosa à antologia de sexo da Ano-Luz. E ainda no quesito sátira, a vinheta oportuna do Martinho, "O Apagão que Veio do Céu", que chega para nos mostrar que sempre podemos imaginar LHA piores que a nossa...

**Gerson Lodi-Ribeiro**

Caixa Postal 3407  
22462-970 Rio de Janeiro, RJ  
glodir@unisis.com.br

= *Gerson, sua idéia de uma enquete sobre a melhor antologia temática da FCB é muito boa. Sugiro a lista do CLFC como local de apuração e divulgação. (O editor).*

## Replicando a si mesmo

☒ Apesar de desta vez você não ter pedido a minha opinião sobre o fanzine, vou dialogar comigo mesmo a respeito da minha carta publicada na edição 60. Algumas coisas têm de ser novamente comentadas à luz da nova edição do *Megalon*. Na carta eu dizia que a arte de Edgar Franco não apresentava muita novidade, ainda que isso possa parecer um demérito para

um fã de quadrinhos e FC que gosta de ser surpreendido, na verdade como proposta artística essa característica plástica recorrente é sinônimo de um estilo desenvolvido. E isso se confirma com a ilustração do mesmo autor publicada na capa do *Megalon* 61, numa estética completamente diversa das de suas HQs, confirmando o que eu já desconfiava: Edgar Franco é capaz de surpreender quando quer. Belíssima ilustração, repleta de significado e de uma plástica inovadora na obra do autor, que demonstra que ele está em busca de evolução e deve atingir um grau artístico muito avançado em pouco tempo. Uma visita à sua página da internet demonstra isso também. Parabéns ao Edgard!

Também quero render um tributo à noveleta de Fabio Fernandes publicada no livro *Intempol*, "A Vingança da Ampulheta", que eu ainda não havia lido quando fiz os comentários publicados. Fabio conseguiu superar o criador do universo intempoliano fazendo exatamente aquilo que eu estava sentindo falta nos demais autores: coragem para desequilibrar as regras que foram estabelecidas, sem contudo demolir a idéia básica, muito ao contrário, dando-lhe mais consistência e personalidade. Fabio apropriou-se do universo de Octavio Aragão e, de muitas formas, pode ser hoje considerado o criador-mor do universo intempoliano como tal: deu-lhe estrutura geral, da qual podem derivar uma série de arcos de histórias, dentre os quais um deles é o que vinha sendo desenvolvido pelos outros autores. Quando me encontrei com o Fabio na palestra sobre o RPG da *Intempol*, no Mart Center em São Paulo, discutimos as possibilidades abertas por sua ousadia e as perspectivas subversivas à bíblia intempoliana, de como escrever histórias sem obedecer seus cânones mais sagrados. E, pasmem, Octavio adorou! não poderia ser diferente, a história citada é uma das melhores peças da FC brasileira dos últimos anos e terá o meu voto para o Prêmio Argos 2001.

Finalmente, sobre a edição 61 em si, mantém a qualidade característica do fanzine, mas não chegou a significar uma edição temática na minha



opinião. O fato de ter vindo neste final de semestre, ainda que em tempo, como o próprio editorial acusa, perdeu um bocado do possível impacto. O filme *2001* foi tão citado e comentado que qualquer coisa que se diga agora tem gosto de deja-vu, como se confirma na leitura das opiniões publicadas. Exceto pela de Octávio Aragão, que mostrou um outro sentido de interpretação do livro/filme e me impressionou. Valeu a pesquisa sobre os cartuns publicados repercutindo na mídia brasileira a época do lançamento do filme. As tiras do Jaguar mereciam uma qualidade melhor de reprodução, ficaram pixelizadas. Mesmo assim, foi uma grata novidade, por paradoxal que isso possa soar. Ficou faltando o surpreendente texto de crítica ao filme *2001* que o escritor Lester Del Rey escreveu depois de vê-lo pela primeira vez, que o fanzine *Brief News* traduziu há uns dois ou três anos. Não seria interessante republicá-lo para seus leitores também? De qualquer forma, parabéns pela iniciativa e o cuidado com que pautou a edição, fugindo ao lugar comum.

Cesar Silva  
Caixa Postal 375  
09001-970 Santo André, SP  
cerito@osite.com.br

### Uma correção

☒ Primeiramente gostaria de traçar os elogios ao *Megalon* 61, como órgão informativo e de diversão não deixa nada a desejar.

Segundo gostaria de agradecer a divulgação da Oficina de Escritores voltados para o gênero de Terror, FC, Fantasia e Mistério, também no *Megalon* 61, da qual sou o atual coordenador, juntamente com o João Bittencourt. Temos na OE a presença da Simone Saueressig, Adriana Portes e do Rogério Amaral. É um projeto bastante simples que procura ajudar escritores iniciantes e não tão iniciantes assim. Cada autor envia um texto para a OE que é lido e analisado pelos demais, servindo para testar a temperatura do texto.

Só gostaria de fazer apenas uma correção no endereço que foi modificado pela atual coordenação:  
<http://www.oficinadeescritores.hpg.com.br>. Espero futuramente trocarmos algumas idéias sobre colaborações e projetos futuros. Visite-nos.

Marco A. M. Bourguignon  
Rua Castorino Francisco Nunes, 88  
Bloco 13 - Ap. 204  
21921-544 Rio de Janeiro, RJ  
bourg@antares.com.br

### Balanco de duas edições

☒ *Megalon* 60 e 61 chegaram são e salvos, obrigado. Muito bons. Aquelas ilustrações do Henrique Alvim Correa estavam fantásticas (e o artigo de Causo onde fala dele e de outros casos — sem trocadilho — também estava bem interessante —, já o outro artigo do Causo sobre as antologias temáticas estava muito ranzinza, chato e superficial, não gostei).

Gostei de "Mahout", mas - na área indiana - gostei mais ainda de "Presente de Mãe". "Status Quo" de Hidenberg mostra o vigor do jovem escritor, mas acho que merecia um polimento. Não 'entrei' no conto como nos outros da Intempol. Pareceu algo 'forçado' em algumas seqüências. Ainda não li "Nosso Destino" — alguma chance de sair no *Megalon*?

"Os Mundos Perdidos de 2001" do Calife teve altos e baixos. Quem sou eu para questionar o Calife que foi quase um co-autor de *2010*, mas muitas daquelas idéias, digamos, exóticas, para *2001*, que ele citou, já haviam sido há muito abandonadas quando Clarke e Kubrick começaram de fato a escrever o roteiro do filme. O próprio Clarke já disse em entrevistas e em *Mundos Perdidos de 2001* que Saturno foi cortado devido ao aspecto repetitivo da viagem em duas escalas, e não por uma eventual dificuldade de efeitos especiais dos anéis. Mas o pior foi Calife achar que o pífio *Missão Marte* de Brian de Palma seja um 'herdeiro legítimo de *2001*'. Além de várias inconsistências científicas, o filme é fraco — até constrangedor em algumas de suas cenas, como o patético encontro dos astronautas com o ET 'antepassado'. Ficou legal a seção de 'Impressões e Expressões de 2001'. Ótima idéia. E obrigado por publicar minha humilde contribuição. Grande sacada o "Monolito em Ipanema" do Jaguar de 1968!

Um dos pontos altos: O artigo do Braulio sobre o "Efeito Hoen". Excelente! Já o "Mundo Politicamente Correto" do Roberval não fez muito minha cabeça (nem a HQ "Sobre as Mães"). Outro ponto altíssimo: o sen-

sacional "Segredo de Confissão" de Federico Schaffler. Gostei de 'Incas Alternativos' do Gerson do 61, mas gostei mais dos 'Pseudofactuais' do 60. De qualquer modo nosso capitão é sempre boa leitura. Boa idéia também a publicação do "Apagão que Veio do Ceu" do Martinho. Curto, grosso e gostoso (epa!) A seção de 'Arte Fantástica' do Cesar não é muito minha praia, mas é bem informativa. Mais uma vez agradeço ter salvo o número 60 pra mim.

Eduardo Torres  
Rua Paulo Barreto, 46/401  
22280-010 Rio de Janeiro, RJ  
eftf@gbl.com.br

### 2001 nos Gibis!

☒ Obrigado pelo *Megalon* 61, com *2001* como tema. Ficou uma edição supimpa! Apenas acho que ficou muito exagerado classificar-me como uma 'personalidade da FC brasileira' (e ainda por cima o primeiro, devido à ordem alfabética!), já que duvido que haja muitos que até tenham idéia de quem seja... E ainda mais uma carta na "Correio Cósmico"; é muito exagero (ou falta de outras cartas — mas a seção ficou boa, afora a brincadeira!)

Acho que seu editorial deu bem o rumo e o balizamento para esta edição; só que, quando você disse que "o que já se escreveu e publicou sobre o filme (...) não está no gubi — aliás, num gubi nunca deve ter estado mesmo", lembrei-me da série em quadrinhos "2001" e, por coincidência, saiu no *Cosmology* Nº 3 um artigo de Craig Shutt, chamado "Welcome to the Future", que trata das previsões feitas nas histórias em quadrinhos sobre o 'mundo do futuro', e uma das analisadas é exatamente a série "2001"; por isso, pensei que talvez lhe interessaria a seguinte tradução dos trechos relevantes.

Alexandre Yudenitsch  
Caixa Postal 4613  
01061-970 São Paulo, SP  
alexxy@post1.com

= Alexandre, obrigado pelo envio da tradução. Se soubesse deste material poderia tê-lo incluído na edição. Aos leitores que queiram conhecer este artigo, é só entrar em contato comigo ou com o próprio Alexandre. (O editor).



ZOLOGY

